

## PRIMEIRA SEÇÃO\*

### DA CASA PINARDI À PATAGÔNIA

#### Apresentação

*Esta seção é constituída por uma resenha cronológica de 29 escritos de Dom Bosco ou documentos concernentes à Obra Salesiana, relativos aos 40 anos que vão de 1846 a 1888. Trata-se de textos selecionados dentre os muitíssimos possíveis pelo seu valor intrínseco, pelas amplas e importantes informações que contêm, pelo particular significado que eles desempenham na saga histórico-biográfica de Dom Bosco e no desenvolvimento da Obra Salesiana.*

*Os textos são apresentados em seqüência cronológica e, como tal, são subdivididos na perspectiva do desenvolvimento carismático-institucional da sede da fundação, ou seja, de Turim (1846-1863), e na perspectiva da expansão geográfica da Obra na Itália, na Europa, na América Latina (1864-1888). Ambas as perspectivas correspondem ao temperamento de Dom Bosco, à sua paixão apostólica, à confiança em Deus que não lhe permitiam parar após alcançar uma meta.*

*A ampliação carismático-institucional da casa-mãe de Valdocco, que em menos de vinte anos passou de oratório festivo destinado a jovens trabalhadores para o mais amplo complexo juvenil da Itália (excetuando os quartéis), – com internato e externato, oratório e aulas de diversas ordens e graus, oficinas para aprendizes, tipografia, seminário de formação clerical e salesiana, centro de devoção mariana – documenta de forma incontestada o irrefreável desejo de Dom Bosco de servir “a seu modo” ao maior número de jovens “pobres e abandonados”.*

*Obviamente, cada iniciativa em Valdocco teve que fazer, antes, as contas com o andamento revolucionário da política piemontesa, e depois, com a italiana; com a legislação escolar em evolução, com a situação instável da Igreja de Turim e do Piemonte e com as recorrentes crises econômicas que corroíam os magros recursos financeiros potencialmente disponíveis, quer dizer, a beneficência local, pública e privada.*

\* Na primeira, segunda e terceira partes da presente edição, há diversos textos de Dom Bosco (cartas, sonhos, boas-noites e semelhantes) que já se encontravam traduzidos em português; foram inseridos neste volume com algumas adaptações.

*Por sua vez, a expansão geográfica em rápida evolução da Obra de Turim no Piemonte (Mirabello, Lanzo, Borgo San Martino, Cherasco) e do Piemonte à Ligúria (Alassio, Varazze, Gênova) na primeira parte dos anos Setenta corresponde ao fenômeno da assim chamada “colegialização”, promovida e querida por Dom Bosco para alargar o próprio campo de ação, que se estendeu enormemente a partir de 1875 com a abertura de outras casas na Itália, na França e na América Latina até a Patagônia austral.*

*Entretanto, muitas outras razões estão na raiz dessa expansão: a necessidade de oferecer sempre novos horizontes aos membros de uma Congregação em crescimento numérico; a vontade de subtrair-se a demasiados vínculos legalistas da arquidiocese de Turim; o forte desejo de levar o Evangelho aos povos que ainda não o conheciam; a crença nos frequentes sonhos missionários do fundador, etc.*

*Os escritos aqui apresentados possuem dimensões diversas – vão desde uma carta de poucas linhas à narração de uma dúzia de páginas –, mas particularmente são redigidos com finalidades diferentes, conforme os vários destinatários: cartas pessoais, circulares, informes e textos narrativos para uso interno, circulares para o grande público, pró-memórias, confidências, autodefesas, documentos de atividades internas e externas em Valdocco, contratos para fundações salesianas, relatórios para as autoridades civis e eclesiásticas nos diversos níveis de responsabilidades...*

*Portanto, é natural que essa diversidade de gêneros, de objetivos, de destinatários das fontes aqui editadas comporte diferenças mesmo notáveis nas informações e nos dados fornecidos, nas circunstâncias indicadas, nos pontos de relevância apresentados, nos tons usados, nos textos sublinhados e nas interpretações de acontecimentos particulares. O discurso vale especialmente para os acontecimentos do primeiro decênio da Obra Salesiana (1846-1855), que correspondem cronologicamente ao terceiro decênio das já citadas Memórias do Oratório, também elas redigidas com finalidades específicas na década de 1870. Aqui não é possível prolongar-nos no estudo dessas diferenças redacionais; remetemos às introduções, às edições críticas de cada documento, às biografias científicas de Dom Bosco e particularmente aos estudos aprofundados da Obra Salesiana quando Dom Bosco ainda vivia.*

## I. INÍCIO, AMPLIAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO CARISMÁTICA E INSTITUCIONAL DA OBRA DE VALDOCCO

*Dom Bosco, por conselho do seu diretor espiritual, padre José Cafasso<sup>1</sup>, do outono de 1844 ao verão de 1846, residiu no Refúgio Barolo<sup>2</sup> como capelão do Pequeno Hospital Santa Filomena, inaugurado em agosto de 1845. Nessa sede e sucessivamente em sedes provisórias, desenvolveu seu primeiro ministério sacerdotal em favor dos jovens, em geral imigrados, sem nenhuma referência paroquial. Às vésperas de se transferir para a casa Pinardi ele redigia para as autoridades civis da cidade de Turim, encarregadas da ordem pública e preocupadas com ela, um rapidíssimo relatório da sua atividade trienal no campo da catequese, indicando os objetivos e os resultados positivos, tanto para a sociedade civil como para a eclesial (n. 1).*

*A três anos de distância (1849), a obra oratoriana de Valdocco se estendera a mais duas partes da cidade (Porta Nuova e Vanchiglia), era frequentada por um milhar de jovens, mas particularmente se ampliara com atividades escolares e um pequeno internato (n. 3).*

*Três anos depois (1851), sempre para atender às necessidades dos jovens, as estruturas do Oratório de Valdocco aumentaram notavelmente com outros edifícios, incluindo uma nova igreja, graças também aos meios obtidos mediante uma rifa beneficente com que Dom Bosco conseguiu alargar significativamente o círculo dos seus benfeitores (n. 6). Entre eles distinguiam-se autoridades e conhecidas personalidades da cidade, convidadas a presenciar uma sessão acadêmica dos alunos das suas aulas noturnas para “jovenzinhos” trabalhadores (n. 7).*

*Todavia, a atenção do educador subalpino se voltará potencialmente para um amplíssimo leque de juventude: aos jovens piemonteses a serem educados moralmente em tempos de liberdade de imprensa, mediante um periódico só para eles (n. 2); aos jovens aprendizes do Oratório, a fim de ajudá-los internamente por meio de uma Sociedade de Mútuo Socorro (n. 4) e a defendê-los externamente dos patrões da cidade no exercício dos seus direitos (n. 5); à juventude italiana em geral e às camadas populares do país a proteger em tempos de forte secularização, mediante amplas iniciativas editoriais (n. 9).*

<sup>1</sup> Padre José Cafasso (1811-1860), docente e reitor do Colégio Eclesiástico de Turim, proclamado santo por Pio XII em 1947.

<sup>2</sup> Obra Pia fundada pela marquesa Júlia Falletti di Barolo, nascida Colbert (1785-1864), para acolher gratuitamente mulheres saídas das prisões ou prostitutas.

*Ao longo dos anos, a “casa anexa” ao Oratório, já consolidada do ponto de vista econômico (n. 8), se enriquecia com novas atividades: aulas internas em nível ginásial (n. 11), oficinas de artes e ofícios (n. 12), uma grande igreja (n. 16). Tudo isso ocorria no momento de uma difícil situação político-religiosa que alimentava desconfianças nas próprias autoridades do governo, as quais, apesar disso, apreciavam a Obra de Valdocco. Dom Bosco procurou defender-se mediante contatos pessoais e específicas autodefesas por correspondência (n. 15).*

*Para uso especialmente interno da nascente Congregação Salesiana redigia periodicamente relatórios da sua história, da qual ele era o protagonista, ator, testemunha e único formador do pessoal (n. 10, 13, 17).*

*Entretanto, em Turim se ampliava também a estrutura do Oratório São Luís de Porta Nuova pela construção de uma nova grande igreja (n. 19). Por sua vez, o Oratório (e a casa anexa) de Valdocco, ao qual Dom Bosco dedicava todas as suas solitudes, e no qual, por meio da experiência direta, elaborava o seu sistema educativo e formava os seus educadores, encaminhava-se para se tornar, por precedência cronológica, por amplitude e prestígio, a casa-mãe, tanto das obras juvenis quanto da própria Congregação Salesiana.*

*Nos primeiros anos da década de 1860, o pequeno reino de Valdocco já estava pronto para ampliar os seus espaços, com a convicção de uma missão considerada como decidida e abençoada pelo alto. A figura carismática de Dom Bosco e as originárias experiências vividas pelos seus “filhos” a seu lado no mítico Oratório de Valdocco serviriam como fonte de inspiração para todos os que haveriam de deixar a casa paterna a fim de transplantá-la para debaixo de outros céus.*

*Os 16 documentos que publicamos em ordem cronológica (junto com o sucessivo n. 22), de certa forma, marcam as etapas principais do desenvolvimento interno do Oratório de Valdocco. Obviamente, para um conhecimento mais aprofundado da sua história, remetemos à correlativa bibliografia no fim do volume.*

## 1. Ao chefe de Segurança Pública de Turim, marquês Miguel Benso di Cavour

Edição crítica em E(m) I, pp. 66-68.

Turim, 13 de março de 1846

Excelência<sup>3</sup>,

A participação de vossa excelência em tudo o que se refere ao bom andamento da ordem pública civil e moral faz-me esperar que não lhe desagradará<sup>4</sup> ser informado a respeito do nosso catecismo que visa ao bem da juventude e do qual o senhor mesmo por diversas vezes mostrou satisfação em participar.

Este catecismo foi iniciado há três anos na igreja de São Francisco de Assis. Com as bênçãos de Deus, os jovens foram comparecendo em número sempre crescente, até onde a estreiteza do espaço podia contê-los.

Em 1844, quando por razões de trabalho eu me transferi para a Pia Obra do Refúgio, aqueles bons jovens continuaram a se reunir lá a fim de receber instrução espiritual. Foi precisamente naquele tempo que, de acordo com o senhor teólogo Borel<sup>5</sup> e o padre Pacchiotti, apresentamos um pró-memória ao senhor arcebispo, que nos autorizou a transformar um dos nossos ambientes em oratório, onde se dava catecismo, ouviam-se as confissões e se celebrava a santa missa para aqueles jovens.

Todavia, crescendo seu número e não cabendo mais nesse lugar, dirigimo-nos aos ilustríssimos responsáveis pela cidade e recebemos autorização para transferir o nosso catecismo para a igreja de São Martinho, perto dos moinhos da cidade. Lá, o comparecimento de jovens foi grande, muitas vezes ultrapassavam os duzentos e cinquenta.

<sup>3</sup> O marquês Miguel Benso di Cavour (1781-1850), pai do estadista conde Camilo, de 1835 a 1847, ocupou o cargo de vigário-geral de política e de polícia, com a missão de cuidar da ordem pública na cidade e nos subúrbios.

<sup>4</sup> [...].

<sup>5</sup> Padre João Borel: sacerdote turinense (1801-1873), doutor em teologia, capelão da casa real (1831-1841), diretor espiritual no colégio São Francisco de Paula (1829-1843), depois diretor espiritual das Obras da marquesa Barolo. Junto com o padre Cafasso, foi valiosíssimo apoio e colaborador de Dom Bosco, particularmente nos incios do Oratório, quando assumiu a responsabilidade perante as autoridades civis e eclesiásticas.

De repente, os responsáveis pela cidade, sem nos informar os motivos, nos advertiram de que para o próximo mês de janeiro deveríamos deixar também essa igreja e transferir o nosso catecismo para outro lugar. O problema para nós era grande, tínhamos pena de ter que abandonar uma obra que parecia tão boa; somente sua excelência o conde Provana di Collegno<sup>6</sup>, após ter falado com o senhor, nos animou a prosseguir.

Durante este inverno demos catecismo um pouco em nossa casa e também em outros ambientes alugados. Finalmente, nesta semana, conseguimos fazer um contrato com o senhor Pinardi<sup>7</sup>, com o qual foi acertada a soma de 280 francos por um aposento espaçoso que pode servir de oratório, mais dois ambientes com algum espaço anexo. Este lugar nos parece adequado, quer porque se encontra perto do Refúgio, quer também porque está completamente distante de qualquer igreja e próximo de algumas casas; só falta que o senhor nos diga se quanto a isto há algum problema para as pessoas daqui e de fora.

A finalidade deste catecismo é a de recolher nos dias santos os jovens que, abandonados a si mesmos, não participam da instrução religiosa em nenhuma igreja; para tal fim, nós os abordamos amavelmente com palavras, promessas, presentes e coisa semelhantes. O ensino se reduz especificamente a isto: 1º Amor ao trabalho. 2º Frequência dos santos sacramentos. 3º Respeito a todos os superiores. 4º Fuga dos maus companheiros.

Estes princípios que nós procuramos instilar com jeito no coração dos jovens produziram efeitos maravilhosos. No espaço de três anos, mais de vinte abraçaram o estado religioso, seis estudam latim para empreender a carreira eclesiástica, muitos outros, mudados para melhor, frequentam as próprias paróquias. Este fato é realmente muito digno de nota se considerarmos que esses jovens, em geral entre dez e dezesseis anos de idade, sem princípios religiosos e de educação, em grande parte entregues aos vícios, correm o risco de se tornarem motivo de queixas públicas ou de serem mandados para lugares de castigo.

O senhor tem bom coração e aprecia tudo o que contribui para o bem público civil e moral; por isso, lhe pedimos queira proteger este nosso trabalho que, como vê, não visa absolutamente a qualquer lucro, mas somente a conquistar almas para Deus.

As despesas que devemos enfrentar para providenciar o necessário para o lugar de que falamos são muitas; já temos o citado benemérito conde Provana

<sup>6</sup> José Luís Jacinto Provana di Collegno (1785-1854), conselheiro particular do rei. Desde 1840 era presidente-chefe e controlador-geral das Finanças.

<sup>7</sup> Francisco Pinardi, imigrado de Arcisate (Varese), pelo contrato de 1º de abril de 1846, cedeu em aluguel para Dom Bosco um telheiro, sede estável do Oratório.

di Collegno, que se ofereceu como nosso benfeitor e que nos autorizou a dizê-lo a vossa excelência, coisa que ele mesmo fará depois ao informá-lo detalhadamente. Caso o senhor deseje falar comigo e com os meus colegas, estaremos à sua disposição, o que viria ao encontro de um grande desejo de nossa parte.

Enquanto lhe peço queira levar bondosamente em consideração a liberdade que tomei de lhe escrever, desejo-lhe todos os bens da parte de Deus, e considero ser para mim uma grande honra poder professar-me com toda estima e profundo respeito

De vossa excelência humílimo e obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

Diretor espiritual do Refúgio.

## 2. Circular para manter o jornal *O Amigo da Juventude*

Edição crítica em E(m) I, pp. 83-84.

[Turim, janeiro de 1849]

Ilustríssimo,

A liberdade de imprensa, a intromissão de alguns jornais em questões de religião, para desonrá-la e vilipendiá-la, mostram a grande necessidade de periódicos religiosos que se contraponham aos que insidiam a verdade<sup>8</sup>.

Com esta finalidade, para nossa grande satisfação, este é o terceiro mês que se publica *O Amigo da Juventude*. Todavia, a necessidade de que o antídoto contra a irreligiosidade chegue não somente à juventude, mas também a outras classes de pessoas, levou-nos a reformá-lo de modo que possa ser também o amigo de todas as famílias católicas.

<sup>8</sup> Depois da concessão da liberdade de imprensa (1848), a fim de barrar o influxo dos jornais anticlericais, Dom Bosco, junto com outras pessoas, fundou *O Amigo da Juventude. Jornal religioso, moral e político*, cujo objetivo é o de “confirmar na fé católica o povo [...] e ao mesmo tempo instruí-lo, educá-lo na virtude”; “assim, neste jornal, nada se poupará de tudo o que puder servir para iluminar a mente humana e aperfeiçoar o coração” (editorial do n. 1º, 21 de outubro de 1848, p. 1). Por dificuldades econômicas, o jornal sobreviveu poucos meses.

Para este empreendimento são necessárias muitas despesas, para as quais, não sendo suficiente o número de assinaturas, convidamos vossa senhoria ilustríssima a colaborar, comprando parte das ações.

As ações são de ordem diversa: de 20, 50 e 100 francos, segundo a boa vontade e as posses dos contribuintes. A quarta parte das ações será paga até o fim do mês corrente; as restantes serão pagas antecipadamente a cada trimestre. Assim que o jornal estiver difundido a ponto de as assinaturas superarem as despesas, vossa senhoria será reembolsado da quantia antecipada, mediante uma assinatura *grátis*, por conta do lucro correspondente à venda do jornal.

O conhecido zelo de vossa senhoria ilustríssima pelo bem do seu povo e o amor que demonstra para com tudo o que se refere à religião, fazem-nos esperar sua valiosa colaboração para com este nosso empreendimento, que visa unicamente à manutenção dos bons costumes e à conservação da religião.

O senhor poderá ajudar-nos, não somente por meio das ações, mas também promovendo o próprio jornal, razão pela qual lhe enviamos alguns exemplares a serem oferecidos a pessoas que sabem apreciar os esforços de quem se propõe, como única recompensa pelas próprias fadigas, a conservação e o progresso da religião católica.

Pedindo ao céu todos os bens para sua pessoa, consideramos ser para nós uma grande honra poder declarar-nos

De vossa senhoria ilustríssima

Pela Diretoria  
Padre João Bosco, gerente

P.S. Os acionistas da cidade queiram devolver o boleto assinado à diretoria, na tipografia que imprime o jornal. Os do interior, pelo correio.



### 3. Ao rei Vitória Emanuel II

Edição crítica em E(m) I, pp. 89-90.

[Turim, anterior a 14 de novembro de 1849]

Sacra Real Majestade<sup>9</sup>,

O sacerdote João Bosco, residente nesta capital, expõe humildemente a vossa Sacra Real Majestade, como no desejo de responder às necessidades dos jovens mais abandonados, começou a reuni-los nos dias santos, ora num lugar, ora noutra da cidade, sempre com a anuência das autoridades civis e eclesiásticas. Com as bênçãos de Deus, essa obra conseguiu abrir em Valdocco, entre Porta Palazzo e Porta Susina, um oratório sob o título de São Francisco de Sales: dele participam mais de quinhentos jovens, dos quais grande parte saiu das prisões ou corria o perigo de ir acabar nelas.

Como esse lugar se tornou muito pequeno para o grande número de jovens que comparecia, em 1847 foi aberto outro oratório em Porta Nuova, sob o título de São Luís, entre a alameda dos Plátanos e a do R. Valentino.

Dado que os tempos atuais mostram que a juventude abandonada se encontra em maior necessidade de assistência, tanto em questão de educação quanto de religião, foi reaberto o oratório de Vanchiglia, sob o título do Anjo da Guarda, iniciado pelo senhor padre Cocchi, vigário paroquial da paróquia da Anunciação, mas logo fechado depois de um ano de funcionamento<sup>10</sup>.

Nesses três locais, mediante pregações, catecismos e aulas, se inculca constantemente o amor ao trabalho, o respeito às autoridades e às leis segundo os princípios da santa religião católica. Há também aulas dominicais para quem pode participar, que ensinam o sistema métrico. Há igualmente um internato com vinte e cinco leitos, para atender às necessidades mais urgentes desses jovens. Entre os três oratórios, o número ordinário de jovens nos dias santos é de aproximadamente mil.

Até o momento tudo caminhou com a ajuda de algumas pessoas caridosas, de um bom número de padres zelosos e também de leigos.

<sup>9</sup> Vitória Emanuel II da Saboia (1820-1878), último rei da Sardenha (1849-1861) e primeiro rei da Itália (1861-1878).

<sup>10</sup> Padre João Cocchi (1840-1895), industrioso iniciador de obras educativas e sociais para os jovens operários. O Oratório do Anjo da Guarda, que o padre Cocchi fora obrigado a fechar no período crítico após a primeira guerra da independência, foi reaberto sob a responsabilidade de Dom Bosco e do teólogo Borel e confiado à direção do teólogo Roberto Murialdo.

Atualmente, o requerente, encontrando-se à testa desses três oratórios, onerado pelo peso do aluguel, que entre esses três locais chega a dois mil e quatrocentos francos, e pelas despesas diárias, que a miséria extrema de vários desses jovens torna indispensáveis, apesar de todos os seus esforços, se encontra na difícil posição de não mais poder continuar.

Por isso, o requerente suplica vossa Sacra Real Majestade queira tomar em benévola consideração uma obra que providenciou, e se espera que providencie sempre mais, o bem-estar de tantos jovens abandonados, obra já por diversas vezes socorrida por seu augusto pai<sup>11</sup>, e conceder o caridoso subsídio que em tais casos parecer mais conveniente à sua paternal bondade.

Pede deferimento etc.

O requerente  
[Sac. João Bosco]

#### 4. Sociedade de Mútuo Socorro

Edição impressa em *Società di Mutuo Soccorso di alcuni individui della Compagnia di San Luigi eretta nell'Oratorio di San Francesco di Sales*. Turim, Tipografia Speirani e Ferrero 1850 (OE IV, 83-90).

[Junho de 1850]

##### *Advertência*

Eis, caros jovens, um regulamento para a vossa Sociedade. Ele vos servirá de norma para que a Sociedade caminhe em ordem e de forma vantajosa. Não posso deixar de louvar este vosso empenho e a diligência em promovê-lo. Trata-se de verdadeira prudência: vós reservais um soldo por semana, soldo que não se pensa muito em gastar, mas que vos será de grande ajuda no momento oportuno. Por isso, tendes toda a minha aprovação.

Só vos recomendo que, enquanto vos mostrais cuidadosos pelo bem da Sociedade, não esqueçais as regras da Companhia de São Luís, da qual depende a vantagem mais fundamental, que é a da alma.

<sup>11</sup> Carlos Alberto da Saboia (1798-1849), rei desde 1831 até 23 de março de 1849, quando abdicou em favor do filho Vitório Emanuel II, após a derrota militar pelo exército austro-húngaro em Novara.

O Senhor infunda nos vossos corações a verdadeira caridade e a verdadeira alegria, e o temor de Deus acompanhe todos os vossos atos.

Padre João Bosco

### *Regulamento da Sociedade de Mútuo Socorro*

1°. O escopo desta Sociedade é o de prestar ajuda aos colegas que ficam doentes ou que passam necessidades por estarem involuntariamente sem trabalho.

2°. Ninguém pode ser admitido à Sociedade se não estiver inscrito na Companhia de São Luís; quem por algum motivo deixar de ser membro da dita Companhia não será mais considerado membro da Sociedade.

3°. Cada sócio pagará um soldo todos os domingos e só poderá gozar das vantagens da Sociedade depois de seis meses da sua aceitação; poderá, todavia, dispor imediatamente do direito à ajuda da Sociedade se, ao entrar, pagar 1,50 francos, contanto que então não esteja doente nem desempregado.

4°. A ajuda para cada doente será de 50 centavos por dia até seu restabelecimento em perfeita saúde. No caso de o enfermo ser internado em alguma obra pia, cessará todo subsídio; voltará a ter direito a ele somente quando receber alta para um tempo da convalescença.

5°. Aqueles que, sem culpa própria, ficarem sem trabalho, começarão a perceber a citada ajuda oito dias depois do seu desemprego. Quando o subsídio tiver que ultrapassar os vinte dias, o Conselho tomará as devidas providências para aumentá-lo ou diminuí-lo.

6°. Aceitam-se com gratidão todas as ofertas feitas em favor da Sociedade, e todos os anos se fará uma coleta especial entre os sócios.

7°. Quem negligenciar o pagamento da sua quota por tempo notável não poderá gozar das vantagens da Sociedade enquanto não satisfizer a quota vencida, e por um mês não poderá pretender absolutamente nada.

8°. A Sociedade é administrada por um diretor, um vice-diretor, um secretário, um vice-secretário, quatro conselheiros, um visitador e seu substituto, e um tesoureiro.

9°. Todos os administradores da Sociedade, além do exato pagamento de um soldo todos os domingos, terão o máximo cuidado em observar as

regras da Companhia de São Luís, para atender assim à própria santificação e encorajar os outros à virtude.

10°. O diretor nato da Sociedade é o superior do Oratório. Ele cuidará para que os administradores cumpram o próprio dever e para que as necessidades dos sócios sejam satisfeitas de acordo com o presente regulamento.

11°. O vice-diretor ajudará o diretor, dará ao secretário as ordens oportunas quanto às reuniões e exporá em Conselho o que pode ser de vantagem para a Sociedade.

12°. O secretário cuidará de recolher as quotas aos domingos, anotando com exatidão o nome dos que cumprem a própria obrigação, no que usará de grande caridade e gentileza. Cabe ainda ao secretário enviar ao tesoureiro uma ficha em que anota o nome, o sobrenome e a residência do sócio enfermo. Todas as decisões de algum relevo serão registradas pelo secretário. Na multiplicidade dessas coisas, será ajudado pelo vice-secretário, o qual, se for preciso, fará as suas vezes.

13°. Os quatro conselheiros dirão o que pensam a respeito de tudo o que pode ser útil para a Sociedade, e darão o seu voto tanto no que tange à administração das coisas, quanto no que se refere à nomeação de algum membro.

14°. O visitador nato da Sociedade é o diretor espiritual da Companhia de São Luís. Ele irá pessoalmente à casa do sócio enfermo para verificar suas necessidades e apresentará o devido relatório ao secretário. Obtido o correspondente atestado, o entregará na casa do tesoureiro; depois disso, levará ao enfermo a ajuda que lhe for atribuída. Ao entregar a ajuda, o visitador terá o máximo cuidado de lembrar ao enfermo algum pensamento da nossa santa religião e de animá-lo a receber os santos sacramentos, caso a doença for grave. Nisto será ajudado pelo substituto, que terá o maior cuidado em ajudar o visitador, especialmente em levar a ajuda necessária e em confortar os enfermos.

15°. O tesoureiro cuidará do dinheiro da Sociedade e dele prestará contas a cada três meses. Todavia, não poderá dar dinheiro a ninguém sem um atestado fornecido pelo visitador e assinado pelo diretor, no qual se declara haver real necessidade.

16°. Cada eleito permanecerá no cargo por um ano, podendo ser reeleito.

17°. O Conselho, cada três meses, prestará contas da sua administração.

18°. O presente regulamento entrará em vigor no dia 1° de julho de 1850.

## 5. Contrato de trabalho para um jovem do Oratório

ASC A2200101, manuscrito autógrafo de Dom Bosco  
(cf. MB IV, 295-297).

[Novembro de 1851]

“Em força do presente contrato, que pode ser considerado uma simples solicitação por uma das partes, feito na casa do Oratório de São Francisco de Sales entre o senhor Carlos Aimino e o jovem José Bordone, aluno do citado Oratório, na presença de seu avalista, senhor Vitório Ritner, concordou-se quanto segue:

1°. O senhor Carlos Aimino acolhe como seu aprendiz no trabalho de vidraceiro o jovem José Bordone, filho de José, falecido, natural de Biella; promete e se obriga a ensinar-lhe o mesmo trabalho no espaço de três anos, que se encerrarão no fim do ano de 1854, no dia 1° de dezembro; durante o curso de aprendizagem promete também lhe dar as instruções necessárias e as melhores normas atinentes a seu ofício, e ao mesmo tempo, as recomendações referentes ao seu bom comportamento, corrigindo-o, no caso de alguma falta, com palavras, não de outra forma; compromete-se também a ocupá-lo continuamente em trabalhos relacionados com seu ofício e não estranhos a ele, cuidando para que não sejam superiores às suas forças.

2°. O instrutor deverá deixar completamente livres todos os dias santos do ano para que o aprendiz possa participar das celebrações sagradas, das aulas dominicais e dos outros seus deveres como aluno do citado Oratório. Caso o aprendiz, por motivos de doença, se ausentar do seu dever, o patrão terá direito a uma bonificação por todo o tempo que a ausência ultrapassar os quinze dias pelo espaço de um ano. Essa indenização será feita pelo aprendiz quando tiver terminado a aprendizagem, mediante um número de dias de trabalho correspondentes aos de sua ausência.

3°. Durante os anos acima referidos, o patrão se obriga a pagar diariamente ao aprendiz, cada semana, uma lira no primeiro ano, uma lira e cinquenta no segundo e duas liras no terceiro ano.

4°. Por fim, cada mês, o patrão se obriga a anotar com franqueza, numa ficha que para tal fim lhe será entregue, o comportamento do seu aprendiz.

5°. O jovem José Bordone, durante seu tempo de aprendizagem a serviço do seu patrão, promete e se obriga a colaborar com prontidão, assiduidade e atenção a ser dócil e a comportar-se para com ele como requer o dever de

um bom aprendiz. Como cautela e garantia desta sua obrigação, para sua segurança, indica como avalista o senhor Vitório Ritner, ourives, aqui presente e concordante, o qual se obriga a compensar o patrão por qualquer dano, caso tal dano ocorra por culpa do aprendiz.

6°. Se acontecer o aprendiz incorrer em alguma culpa pela qual for despedido do Oratório, cessará também todo acerto e toda relação entre o diretor do dito Oratório e o patrão; todavia, se a culpa do aprendiz não se referir diretamente ao patrão, este, apesar de tudo, deverá cumprir o presente contrato feito com o aprendiz, e o aprendiz deverá cumprir todos os seus deveres para com o patrão até o fim conveniado, unicamente com base no contrato acima estipulado.

7°. O diretor do Oratório promete prestar sua assistência para o bom êxito do comportamento do aprendiz e acolher com interesse qualquer queixa que o patrão fizer a respeito do aprendiz acolhido por ele.

Tanto o patrão quanto o aluno aprendiz, assistido pelo seu avalista, como acima, na medida em que toca a cada um, prometem cumprir e observar este contrato, sob pena dos danos correspondentes.

Carlos Aimino  
José Bordone  
Padre João Batista Vola, teólogo  
Vitório Ritner, avalista  
Padre João Bosco, diretor do Oratório<sup>12</sup>

## 6. Circular para promover uma rifa para a nova igreja do Oratório

Edição crítica em E(m) I, pp. 139-140.

Turim, 20 de dezembro de 1851

Ilustríssimo Senhor,

Há dez anos foi dado início a uma modesta obra de beneficência num distrito desta cidade, sob o título de Oratório de São Francisco de Sales, obra voltada unicamente para o bem intelectual e moral da juventude que, por des-

<sup>12</sup> A tutela dos jovens aprendizes e sua formação profissional é um objetivo perseguido com tenacidade por Dom Bosco, num momento histórico em que se iniciava o desenvolvimento industrial.

cuido dos pais, pela frequência de maus companheiros ou por falta de meios materiais se encontra continuamente exposta ao perigo de se corromper.

Algumas pessoas que se interessam pela boa educação do povo viram com pena aumentar cada dia o número de jovens ociosos e mal aconselhados que, vivendo de esmolas ou de fraudes nas ruas e nas praças, são de peso para a sociedade e muitas vezes instrumento de todo tipo de desordens.

Essas pessoas, com profundo sentimento de tristeza, viram muitos desses jovens que, num primeiro tempo se tinham dedicado ao exercício das artes e às indústrias da cidade, gastarem no jogo ou em intemperanças os poucos recursos ganhos durante a semana. Desejosas de remediar um mal do qual só se podem esperar consequências funestas, essas pessoas decidiram abrir uma casa de encontros dominicais onde se possa com facilidade satisfazer aos deveres religiosos, receber ao mesmo tempo um pouco de instrução, alguma orientação, algum conselho a fim de viver de forma cristã e honesta.

Para esta finalidade criou-se um oratório dedicado a São Francisco de Sales, com os meios fornecidos pela caridade das pessoas generosas que costumam contribuir nas coisas que se referem ao bem público; providenciou-se o necessário para fazer as celebrações religiosas e dar educação moral e civil aos jovens; foram adotados também jogos que servem para desenvolver as forças físicas e divertir honestamente o espírito, e assim se procurou tornar útil e ao mesmo tempo agradável sua presença naquele lugar.

É difícil dizer com que apreço foi acolhido o convite feito aos jovens, sem nenhuma publicidade, usando unicamente o que se costuma fazer entre familiares ao se reunirem todos os dias santos no Oratório; o que levou a aumentar o espaço e progressivamente a fazer as melhorias que uma caridade engenhosa e prudente podia sugerir; em seguida, começou-se a ensinar, primeiro aos domingos, depois, todas as noites da estação fria, a ler, a escrever, os elementos de aritmética e da língua italiana; dedicou-se particular atenção a tornar familiar para os jovens de boa vontade o uso das medidas legais, das quais sentiam maior necessidade, dado que a maior parte deles se dedica a serviços diversos.

Instilar nos seus corações o afeto pelos familiares, a benevolência fraterna, o respeito pelas autoridades, o reconhecimento pelos benfeitores, o amor ao trabalho e, mais do que tudo, instruir suas mentes na doutrina católica e moral, afastá-los dos maus caminhos, infundir neles o santo temor de Deus e acostamá-los em tempo à observância dos preceitos religiosos: estes são os objetivos aos quais, por dois quinquênios, nos dedicamos assiduamente e consagramos os nossos maiores cuidados.

Assim, enquanto há quem louvavelmente se aplica a difundir as luzes da ciência, a fazer progredir as artes, a que as indústrias prosperem e a educar os

jovens das classes superiores nos colégios e nos liceus, no modesto Oratório de São Francisco de Sales se proporciona largamente a instrução religiosa e civil aos que, embora menos favorecidos pela sorte, também têm a força e o desejo de serem úteis a si mesmos, às próprias famílias e ao país.

Notando, porém, que em pouco tempo, dado o número sempre crescente de jovens, o local destinado para uso da capela se tinha tornado apertado, e não querendo deixar a meio caminho um empreendimento tão bem iniciado, os promotores da iniciativa, cheios de confiança na generosidade dos seus concidadãos, deliberaram iniciar a construção de um edifício mais amplo e mais adequado para a finalidade e, dessa maneira, garantir a continuação de uma instituição educativa tão útil. Assim, sem qualquer demora, superaram-se as incertezas e, com coragem, foram lançados os alicerces do novo oratório.

As subvenções, os presentes, os encorajamentos de todo tipo não faltaram até agora, e o trabalho progrediu de tal modo que em questão de poucos meses se pôde chegar à cobertura do telhado.

Todavia, para levar a termo a construção do edifício, os meios ordinários não são suficientes, é preciso que a inesgotável caridade do público venha em socorro da beneficência privada. É para tal fim que os abaixo-assinados, promotores da pia obra, se dirigem a vossa senhoria, pedindo sua colaboração e propondo um meio que, tendo sido já usado com bom êxito em outras instituições beneméritas, não falhará certamente no caso do Oratório de São Francisco de Sales. Esse meio consiste numa rifa que os abaixo-assinados pensaram em fazer, a fim de responder às despesas de acabamento da nova capela; certamente vossa senhoria certamente aceitará colaborar com essa iniciativa ao pensar na excelência da obra para a qual é destinada.

Qualquer objeto que for do agrado de vossa senhoria oferecer, de seda, de lã, de metal, de madeira, um trabalho de algum artista renomado, de um modesto operário, de um laborioso artesão ou de alguma dama caridosa, tudo será aceito com gratidão, porque em questão de beneficência, toda pequena ajuda é uma grande coisa, e as ofertas, mesmo pequenas, mas de muitas pessoas juntas, podem bastar para realizar a obra desejada.

Os abaixo-assinados confiam na bondade de vossa senhoria, certos de que o pensamento de contribuir para a boa educação da juventude abandonada não deixará de mover seu coração a fazer alguma contribuição. Para recomendar-lhe a pia instituição, sirva a singular benevolência com que pessoas de toda ordem e condição ajudaram a promover o estabelecimento e a favorecer sua ampliação. Sirva particularmente o voto emitido pelo primeiro corpo legislativo do Estado que, após ter levado em benévola consideração a proposta, nomeava uma comissão específica para conhecer com precisão os



detalhes e, confirmada a utilidade, recomendava-a calorosamente ao governo do rei. Sirva também o generoso subsídio concedido por dois anos seguidos mediante voto unânime do município de Turim, a singular generosidade com que Suas Majestades o rei e a rainha se dignaram ajudar e a especial benevolência com que venerandos prelados e distintas personalidades se dignaram recomendá-la à caridade pública.

Os abaixo-assinados antecipam a vossa senhoria ilustríssima seu agradecimento pela gentil colaboração que certamente estará disposto a conceder para o bom êxito da projetada rifa, enquanto invocam todas as bênçãos do céu.

De vossa senhoria ilustríssima obrigadíssimos servidores

Os Promotores e as Promotoras<sup>13</sup>

## 7. Convite para uma sessão acadêmica

Edição crítica em E(m) I, p. 157.

Turim, 14 de maio de 1852

Ilustríssimo senhor,

Dado o interesse com que vossa senhoria ilustríssima se dignou tomar parte em tudo o que se refere ao bem do Oratório de São Francisco de Sales, espero que não lhe desagrade o presente convite, mediante o qual lhe peço queira comparecer domingo próximo, 16 deste mês de maio, das 2 às 5 horas da tarde, para honrar com sua presença a sessão literária que os jovens das nossas aulas noturnas apresentarão, em relação ao seu humilde progresso nos estudos deste ano escolar<sup>14</sup>.

Não verá grandes coisas, mas, sem dúvida, descobrirá o bom coração e a boa vontade desses nossos jovens.

O programa da academia é este:

1º Leitura e escrita – Elementos de aritmética – de sistema métrico e de gramática italiana – Canto e música.

<sup>13</sup> Seguem os nomes de 16 membros da comissão, composta por padres e leigos pertencentes à aristocracia e à burguesia.

<sup>14</sup> O convite queria mostrar o êxito positivo da obra educativa em favor dos jovens trabalhadores.

2º Um pouco de geografia sagrada, de história sagrada do Novo Testamento – Canto e música.

3º Diálogos na Palestina – Um jovem premiado – Vários trechos de leitura e poesias serão entremeadas às apresentações, todas em relação com as matérias estudadas.

Certo de que aceitará de boa mente este humilde convite, agradeço-lhe tudo o que tem feito e espero queira continuar a fazer em favor destes meus jovens, e lhe ofereço os meus mais sinceros agradecimentos, enquanto me professo com todo respeito

De vossa senhoria ilustríssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco<sup>15</sup>

## 8. Ao cônego Lourenço Gastaldi

Edição crítica em E(m) I, pp. 175-176.

Turim, 24 de novembro de 1852

Caríssimo senhor cônego<sup>16</sup>,

Aqui está a desejada resposta a vossa senhoria caríssima, quanto à minha posição diante do governo. Como o local é de minha propriedade, creio que, em qualquer hipótese, um novo edifício ali construído sempre pertencerá ao dono do terreno; todavia, a fim de eliminar também esta dúvida, procedi de

<sup>15</sup> Convites para apresentações artístico-musicais se sucedem continuamente em Valdocco, particularmente por ocasião da distribuição anual dos prêmios escolares. No dia 5 de setembro de 1869, Dom Bosco não hesitou em pedir ao prefeito que estendesse o convite aos participantes do Congresso pedagógico nacional que estava sendo celebrado na cidade: E(m) III, pp. 131-132.

<sup>16</sup> Ao amigo que tinha entrado na Congregação Rosminiana, preocupado com a situação da Obra de Valdocco perante uma legislação civil hostil às instituições eclesásticas, Dom Bosco responde de modo a dar-lhe garantias. No dia 19 de fevereiro de 1851 tinha adquirido a casa Pinardi e os terrenos adjacentes, formando uma sociedade legal privada com os padres José Cafasso, João Borel e Roberto Murialdo (no dia 26 de janeiro de 1853, com ato notarial, a propriedade passará por inteiro somente para as mãos de Dom Bosco e do padre Cafasso, o qual, com testamento, deixará Dom Bosco como único proprietário: cf. Fedele GIRAUDI, *L'Oratorio di don Bosco*. Turim, SEI 1935, pp. 95-99). Graças à prudência de Dom Bosco, as leis de supressão das congregações e de açambarcamento dos seus bens, emanadas em Turim no ano de 1855 e estendidas a toda a Itália em 1866-1867, não tiveram nenhum efeito sobre a Obra Salesiana.

tal modo que as ofertas que me foram feitas pela caridade das pessoas, inclusive a rifa, tudo foi usado para a construção da igreja; só reservei pequena quantia, fruto da venda de uma parte diminuta de uma casa nas vizinhanças, alguns anos atrás; como também, o que eu conseguir pelo local ali posto à venda, tudo será de fato destinado para a construção da casa. Essas foram as garantias que recebi dos melhores advogados, isto é, que o governo em nada poderá intrometer-se nesta propriedade.

Mas, [...] e quando Dom Bosco morrer? Aqui estava a dificuldade. Dadas as circunstâncias dos tempos e não sendo possível garantir de outra forma o perdurar da propriedade, convidei o senhor teólogo Borel, o teólogo Murialdo e o padre Cafasso para participarem da compra, conforme relatei acima; em seguida, foi redigida uma disposição testamentária com vantagens recíprocas, de modo que, por ocasião da morte de um, a propriedade passará aos três supérstites, os quais certamente são livres de associarem a si outra pessoa: bem entendido, assim convém pagar o direito de sucessão em relação à parte do falecido.

Consultei diversos juristas da minha confiança e não pude usar de outro expediente nesta matéria. Quanto à nova aquisição de que se trata, eu confio inteiramente no que o senhor padre Rosmini na sua prudência julgar conveniente, oferecendo-me a empregar todos os meus débeis esforços para colaborar em tudo o que pode ser para a glória de Deus e o bem das almas<sup>17</sup>.

Queira oferecer os meus humildes cumprimentos ao senhor padre Rosmini e, recomendando-me às suas orações, desejo-lhe todo bem da parte de Deus ao professar-me

De vossa senhoria caríssima afeiçoadíssimo amigo e servidor

Sac. João Bosco

P.S. Enquanto escrevo, a senhora sua mãe<sup>18</sup> limpa e conserta tudo o que está guardado no depósito; a sua visita a deixou no paraíso.

<sup>17</sup> Dom Bosco havia anos que mantinha contatos com o padre Antônio Rosmini (1797-1855) e com vários membros da sua família religiosa. A aquisição de terrenos em Valdocco ocorria na perspectiva de uma colaboração com o Instituto da Caridade de Rosmini.

<sup>18</sup> A mãe de Gastaldi, Margarida, era uma das mais ativas colaboradoras da mãe de Dom Bosco no cuidado da roupa dos meninos.

## 9. Circular para a difusão das *Leituras Católicas*

Edição crítica em E(m) I, pp. 233-234.

Turim, [30] de outubro de 1854

Ilustríssimo senhor,

Embora esteja plenamente persuadido quanto à solicitude com que vossa senhoria ilustríssima se interessa por tudo o que concerne ao bem das almas, todavia, considerando a arte refinada que os inimigos da nossa santa religião usam para difundir o erro e corromper os bons costumes entre o povo, decidi escrever-lhe uma carta específica, a fim de pedir-lhe queira ajudar-me a difundir e promover as *Leituras Católicas*, destinadas a prevenir o povo cristão contra as insídias que de tantas formas lhe são propostas em assunto de religião.

Esta Associação, conforme creio ser de seu conhecimento, cobra um preço muito reduzido (1,80 francos por ano nas cidades e sedes episcopais; onde for possível reunir 50 associados, os livretos são enviados a cobrar). Mas é de suma importância torná-la mais conhecida, e vossa senhoria pode ajudar-me muito nesta obra de caridade, quer fazendo quanto pode pessoalmente, quer recomendando ou encarregando alguma pessoa piedosa que o senhor certamente conhece, a fim de que *arguat, obsecret, increpet in omni patientia et doctrina*.

Com este meio parece-me poder barrar um pouco o mal crescente e, se não for possível impedi-lo totalmente, pelo menos diante de Deus teremos o conforto de ter feito o que estava ao nosso alcance.

Talvez vossa senhoria se admire de que eu me recomende tão calorosamente a respeito deste assunto; mas esteja certo de que vivemos momentos bastante calamitosos para os seguidores da religião católica. Os perigos que nos ameaçam exigem a cooperação e a solicitude de todos os bons, em especial dos eclesiásticos.

Queira compreender-me benevolmente se lhe envio esta carta a cobrar; peço-lhe também queira acolher com bondade este gesto de confiança. Ao agradecer, desejo-lhe todos os bens do céu, enquanto ao mesmo tempo ponho-me ao seu total dispor

De vossa senhoria ilustríssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

P.S. No escritório das *Leituras Católicas*, rua Bogino n. 3 p. 2, há um bom número de fascículos impressos até agora, que são vendidos a preço módico para quem quiser adquirir para si ou para enviar a outras pessoas.

### Anexo

#### Plano da Associação às *Leituras Católicas*

Edição impressa em ASC A2230503 (MB IV, 532-533).

1. Os livros propostos para a difusão terão estilo simples, linguagem popular e conteúdo de matérias que se referem exclusivamente à religião católica.

2. Cada mês se publicará um fascículo entre 100 e 108 páginas, até com mais, conforme a matéria tratada permitir. O papel, os caracteres e o formato serão como são atualmente.

3. O preço de associação é de 90 centavos cada semestre, a serem pagos antecipadamente, o que resulta na pequena soma anual de 1 lira e 80 centavos. Para os que desejarem receber os fascículos pelo correio, o preço será de 1 lira e 40 centavos por seis meses, 2 liras e 80 centavos por um ano.

4. Para proporcionar todas as facilidades possíveis às beneméritas pessoas eclesíásticas e seculares que quiserem ajudar esta obra de caridade, os fascículos serão enviados gratuitamente para todos os estados do reino e para o exterior, até a fronteira, contanto que os associados formem um grupo ao qual seja possível enviar não menos de 50 fascículos.

5. Nas cidades e lugares do interior, as assinaturas serão recebidas pelas pessoas que forem designadas pelos respectivos ordinários diocesanos, a quem a obra é particularmente recomendada, e dos quais fornecemos o nome e o endereço, etc.

## 10. Plano de Regulamento para o Oratório masculino de São Francisco de Sales em Turim na região de Valdocco – Síntese histórica

Edição crítica em Pietro BRAIDO, *Don Bosco per i giovani: L'“Oratorio”, una “Congregazione degli Oratori”*. *Documenti* (Piccola Biblioteca dell'ISS, 9). Roma, LAS 1988, pp. 9-56<sup>19</sup>.

### *Introdução*

*Ut filios Dei, qui erant dispersi, congregaret in unum* (Jo 11,52).

As palavras do santo Evangelho que nos ensinam que o divino Salvador veio dos céus à terra para reunir na unidade todos os filhos de Deus dispersos nas várias partes da terra, parece-me que podem ser literalmente aplicadas à juventude dos nossos dias. Esta porção, a mais delicada e preciosa da sociedade humana, não é por si mesma de índole má. Eliminando o descuido dos pais, o ócio, o encontro com os maus companheiros a que estão expostos, especialmente nos dias santos, resulta muito fácil instilar nos seus tenros corações os princípios da ordem, dos bons costumes, do respeito, da religião; porque, se às vezes acontece que nessa idade já estão corrompidos, é mais por leviandade do que por malícia consumada.

Esses jovens têm realmente necessidade de uma mão benfazeja que tome conta deles, que os cultive, guie à virtude, afaste dos vícios. A dificuldade está em encontrar a maneira para reuni-los, falar-lhes, moralizá-los.

Esta foi a missão do Filho de Deus e isto só pode ser feito pela sua santa religião. Esta religião, que é eterna e imutável em si mesma, que foi e será sempre em todos os tempos a mestra dos homens, contém uma lei tão perfeita que sabe adaptar-se às vicissitudes dos tempos e à índole diversa de todos os homens. Entre os meios para infundir o espírito de religião nos corações incultos e abandonados estão os oratórios. Os oratórios são um tipo de encontros no quais se entretém a juventude mediante divertimentos agradáveis e honestos, depois de ter participado das celebrações sagradas na igreja.

O apoio que recebi das autoridades civis e eclesiásticas, o zelo com que muitas pessoas beneméritas vieram me ajudar com seus meios temporais e com sua dedicação, são sinal certo das bênçãos do Senhor e do público apreço dos homens.

<sup>19</sup> Escrito em torno de 1854 para os próprios colaboradores, é o primeiro documento que narra em detalhes os primórdios da Obra de Valdocco. Contém algumas variantes em relação a documentos análogos (cf. nn. 13 e 17) e às *Memórias do Oratório* (cf. n. 309).

Agora se trata de elaborar um plano de regulamento que sirva como norma para exercer esta dimensão do ministério sagrado e de guia para as numerosas pessoas eclesíásticas e seculares, que com solicitude cheia de caridade consagram a isso o próprio trabalho.

Por várias vezes comecei e sempre desisti por causa das inúmeras dificuldades a superar. Agora, e para que se conserve a unidade de espírito e a uniformidade de disciplina, e para atender diversas pessoas respeitáveis que me aconselham, decidi realizar este trabalho, tenha ele o êxito que tiver.

Antes de tudo quero dizer que não pretendo dar nem leis nem preceitos; meu escopo é o de expor o que se faz no Oratório masculino de São Francisco de Sales, em Valdocco, e o modo como essas coisas são praticadas.

Talvez alguém encontre expressões que pareçam insinuar que eu procuro glórias e honras; não acredite: se houver essa impressão, que isso seja atribuído somente ao empenho com que escrevo estes fatos, tais como realmente aconteceram e como ocorrem atualmente.

Quando me entreguei a este setor do ministério sagrado entendi consagrar todas as minhas fadigas para a maior glória de Deus e o bem das almas, e também me empenhar em preparar bons cidadãos nesta terra a fim de que um dia possam ser dignos habitantes do céu. Deus me ajude a continuar assim até o último respiro da minha vida. Assim seja.

### *Síntese histórica do Oratório de São Francisco de Sales*

Este Oratório ou encontro de jovens nos dias santos começou na igreja de São Francisco de Assis. Havia vários anos que no verão, aos domingos, o senhor padre Cafasso costumava dar catecismo aos jovens ajudantes de pedreiro numa saleta anexa à sacristia daquela igreja. As muitas ocupações deste sacerdote o levaram a interromper o trabalho que lhe era tão grato. Eu o retomei no fim de 1841 e comecei a reunir no mesmo lugar dois jovens adultos muito necessitados de instrução religiosa. A eles somaram-se outros e no decurso de 1842 o número chegou a vinte, às vezes a vinte e cinco. Esses inícios me fizeram compreender duas verdades muito importantes: que, em geral, a juventude não é má por si mesma, mas que é fácil tornar-se tal por causa do contato com maus colegas, e que os próprios maus, separados uns dos outros, são suscetíveis de grandes mudanças morais.

No ano de 1843 o catecismo continuou da mesma maneira e o número chegou a cinquenta, que era a quantidade de jovens que podia caber naquele

recinto. Nesse ínterim, frequentando as prisões de Turim, pude ver que os infelizes que vão parar naquele lugar de castigo, na maior parte são jovens pobres que vêm de longe para a cidade pela necessidade de procurar um trabalho ou então são aliciados por alguma pessoa mal-intencionada. Esses jovens, particularmente nos dias santos, abandonados a si mesmos, gastam suas poucas economias em jogatinas ou bebedeiras, o que é fonte de muitos vícios. Os que eram bons logo se veem em situações de perigo para si mesmos ou se tornam perigosos para os outros. As prisões não provocam neles nenhuma melhora, pois lá aprendem modos ainda mais refinados de fazer o mal e, ao saírem de lá, são ainda piores.

Por isso, dediquei-me a esta classe de jovens, por serem os mais abandonados e em situação de risco, e ao longo de cada semana, mediante promessas ou pequenos presentes, eu procurava conquistá-los. Aumentou muito seu número e no verão de 1844, podendo dispor de um local mais espaçoso, vi-me rodeado de aproximadamente oitenta deles. Alegrava-me muito ver-me rodeado de jovens, todos na linha dos meus objetivos, encaminhados ao trabalho, cujo comportamento nos dias da semana e também nos dias santos eu podia de certa maneira acompanhar. Eu cuidava deles e pude constatar como uns voltavam para a casa dos próprios pais donde tinham fugido, outros eram contratados por um patrão, todos encaminhados a se instruírem na religião.

Mas o regime de comunidade, como é o do Colégio Eclesiástico de São Francisco de Assis, o silêncio e a tranquilidade que as celebrações públicas exigem naquela igreja muito frequentada impediam os meus projetos. Embora o benemérito falecido teólogo Guala<sup>20</sup> me encorajasse a perseverar, todavia, eu vi claramente que era indispensável buscar outro local. Porque a instrução religiosa entretém os jovens durante certo de tempo, mas depois é necessário um pouco de desafogo com algum passeio ou algum divertimento.

A Providência dispôs que no fim de outubro de 1844 eu me transferisse para o Refúgio como diretor espiritual. Convidei os meus jovens para que fossem me visitar na minha nova residência e no domingo seguinte o número já era muito maior do que o comum. Então os meus aposentos se tornaram oratório e praça de diversões. Era belo de se ver! Não havia cadeira, mesa ou qualquer móvel que fosse deixado em paz por aquela invasão de amigos.

Nesse ínterim, de acordo com o senhor teólogo Borel, que a partir daquele momento foi o braço direito do oratório, escolhemos um ambiente que em princípio era destinado a refeitório e recreação dos padres adidos ao Refúgio,

<sup>20</sup> Luís Fortunato Guala (1775-1848), teólogo e pregador da igreja de São Francisco de Assis e fundador do Colégio Eclesiástico.



e que nos pareceu bastante espaçoso para a nossa finalidade, e o transformamos em capela. O arcebispo esteve de acordo conosco e no dia da Imaculada Conceição de Maria (8 de dezembro de 1844) foi abençoada a tão desejada capela, com a faculdade de ali celebrar o sacrifício da santa missa e de dar a bênção com o Santíssimo Sacramento.

A voz que correu quanto à existência de uma capela destinada unicamente para os jovens, de celebrações sagradas só para eles e de um pouco de espaço livre para a diversão, foram chamativos poderosos, e a nossa igreja, que naquele tempo começou a ser chamada de oratório, logo ficou pequena. Em tudo demos um jeito da melhor maneira possível. Quartos, cozinha, corredores, em cada canto havia um grupo de catecismo: tudo era oratório.

Tudo corria bem, quando um incidente, ou melhor, a divina Providência em seus secretos desígnios deixou nosso oratório em consternação. No dia 10 de agosto de 1845 foi aberto o Pequeno Hospital de Santa Filomena<sup>21</sup>, e o local que nos serviu durante nove meses recebeu outro destino. Foi preciso procurar outro espaço. Em seguida, após um pedido formal, o prefeito da cidade nos permitiu ir para a igreja de São Martinho, perto dos *Molazzi*, ou seja, dos moinhos da cidade.

Sendo assim, num domingo, anuncia-se a mudança da nossa residência. Os jovens, aflitos porque deviam abandonar aquele lugar muito apreciado por eles e ansiosos pela novidade, todos se preparavam para partir. Era preciso ver como um carregava uma cadeira, outro um banco, este um quadro ou uma estatueta, aquele os paramentos, os cestos, as galhetas. Outros, mais alegres, levavam as pernas-de-pau ou as caixas de bochas ou de malhas, mas todos ansiosos por ver o novo oratório.

Lá passamos tranquilamente dois meses, embora tudo acontecesse de forma limitada, dado que não se podia celebrar a missa, nem dar a bênção com o Santíssimo, nem divertir-se com liberdade. Aquela calma foi um presságio de tempestade que deveria submeter à mais dura prova o oratório. Difundiuse o boato de que aquelas reuniões de jovens eram perigosas e que de repente se podia passar do divertimento para um motim.

Belo motim poderiam fazer jovens ignorantes, sem armas e sem dinheiro, que unicamente se reuniam para aprender o catecismo e que tremiam só de ver um corvo passar... Apesar disso, o falatório se difundiu; fez-se um relatório ao prefeito; nele eu era qualificado como chefe de quadrilha; dizia-se que nos Moinhos havia uma gritaria insuportável, uma desordem que não se

<sup>21</sup> Dom Bosco havia sido contratado pela marquesa Barolo como capelão do Pequeno Hospital dez meses antes da sua inauguração, ocorrida em agosto de 1845.

podia tolerar, com imenso prejuízo para os muros, os bancos e para o próprio chão. Cansei-me de explicar que essas afirmações não tinham sentido; tudo foi em vão. Enfim, emitiu-se uma ordem pela qual nos foi mandado desalojar imediatamente o local que até ali nos tinha servido.

Pedi então para ir para a igreja do cemitério do Santíssimo Crucificado, chamada de São Pedro in Víncoli. Houve autorização. Fomos para lá com alegria, mas foi só por um domingo; em novos relatórios por escrito enviados ao prefeito, os nossos encontros eram qualificados como atos de insubordinação; por isso, fomos logo proibidos de voltar a pôr os pés naquele lugar.

Calo os nomes das pessoas que redigiram esses relatórios cheios de azedume; só observo que (Deus me livre de comprazer-me nisso) depois dos relatórios, uma daquelas pessoas sobreviveu só por um dia, outra por três. Essas mortes causaram profunda impressão no ânimo dos jovens, dado que eles sabiam dos acontecimentos.

O que fazer? Tinha comigo uma enorme quantidade de objetos de igreja e para os recreios, e uma turba de jovens que me seguia por toda parte, e não havia um palmo de terra onde eu pudesse me fixar. Temendo que meus jovens deixassem de comparecer, escondia deles minhas preocupações, e nos dias santos eu os levava a Sassi, às vezes a Nossa Senhora de Campagna, outras ao monte dos Capuchinhos. Com isso, em vez de o número diminuir, pelo contrário, crescia.

Entretanto, aproximando-se o inverno, tempo não propício para passeios campestres, de acordo com o teólogo Borel, alugamos três ambientes na casa Moretta<sup>22</sup>, local não muito distante do atual Oratório de Valdocco. Durante aquele inverno, as nossas atividades se limitaram a um simples catecismo na tarde dos dias santos.

Nesse tempo, espalhou-se ainda mais uma conversa que já antes tinha começado a correr: *que os oratórios eram um meio proposital para afastar a juventude das próprias paróquias, a fim de instruí-la em doutrinas suspeitas*. Esta última imputação fundava-se particularmente no comentário de que eu permitia aos meus jovens todo e qualquer tipo de divertimento, contanto que não fosse pecado e contrário à boa educação.

Quanto à primeira, eu procurava desculpar-me, dizendo que meu objetivo era o de recolher somente os jovens que não frequentavam nenhuma paróquia e que, por serem de fora, nem mesmo sabiam a que paróquia pertencer. Quanto mais eu tentava mostrar o verdadeiro aspecto da situação, mais as coisas eram interpretadas negativamente.

<sup>22</sup> Uma construção de dois andares que pertencia ao padre João Batista Moretta (1777-1847).

Além disso, algumas circunstâncias concorreram para ter que abandonar a casa Moretta, de tal modo que em março de 1846 tive que alugar um pedaço do prado dos irmãos Filippi, onde atualmente há uma metalúrgica. E assim, de repente, eu me vi lá, em céu aberto, no meio de um prado, cercado por uma sebe que só nos defendia de quem não pretendesse mesmo entrar, rodeado por cerca de trezentos jovens que pareciam encontrar o seu paraíso terrestre naquele oratório, cujo teto e cujas paredes eram a abóbada celeste.

Para piorar a situação, o chefe da Segurança Pública, o marquês Cavour<sup>23</sup>, já prevenido contra esses encontros nos dias festivos, me mandou chamar e, após relatar o que se andava dizendo a respeito do oratório, acabou por me dizer:

– Meu bom padre: aceite meu conselho; deixe em liberdade esses malandros; esses encontros são perigosos.

– Eu não tenho em vista outro objetivo – respondi – senão o de melhorar a vida desses pobres jovens; se o município me oferecer um local, tenho fundada esperança de poder diminuir bastante o número de transviados e ao mesmo tempo diminuir o número dos que vão parar nas cadeias.

– O senhor está enganado, meu bom padre, está se cansando inutilmente. Onde busca os meios? Eu não posso permitir esse tipo de encontros.

– Os resultados alcançados me convencem de que não me canso inutilmente: os meios estão nas mãos de Deus, que às vezes se serve dos instrumentos mais desprezíveis para realizar suas obras...

– Mas eu não posso permitir esses encontros.

– Não o conceda por mim, senhor marquês, mas pelo bem daqueles jovens que, abandonados a si mesmos, talvez acabarão muito mal.

– Eu não estou aqui para discutir, esta é uma ordem: eu quero impedir essas coisas; não sabe que todo tipo de aglomeração é proibido quando não há uma legítima autorização?

– Os meus encontros não têm nenhuma finalidade política: é somente para ensinar o catecismo a jovens pobres, e isso eu faço com a autorização do arcebispo.

– O arcebispo sabe de tudo isso?

– Está informado e nunca movi uma palha sem seu conselho e consentimento.

<sup>23</sup> Veja doc. n. 1.

– Mas eu não posso permitir esse tipo de encontros.

– Espero, senhor marquês, que não pretenda me proibir de fazer catecismo com a permissão do meu arcebispo.

– Vá, falarei com o arcebispo, mas não seja teimoso diante de ordens que lhe serão dadas, do contrário me obrigará a tomar medidas que não desejo tomar.

O arcebispo estava informado de tudo e me animava a ter paciência e coragem. No entanto, para poder atender melhor à educação dos meus jovens, eu devia deixar o Refúgio; assim, eu me encontrava sem emprego, sem meios de subsistência, com todos os meus projetos mal-interpretados, exausto de forças e de saúde, a ponto de haver comentários a meu respeito de que eu estava transtornado.

Não podendo fazer compreender aos outros os meus planos, pensava em dar tempo ao tempo, porque eu estava intimamente persuadido de que os fatos haveriam de justificar o que eu fazia. Além disso, era tão vivo o desejo de dispor de um local conveniente que na minha mente eu já o julgava pronto, e isso era motivo para que até meus mais queridos amigos me considerassem afetado mentalmente; assim, dado que eu não queria ceder diante do que meus colaboradores pretendiam e abandonar o meu trabalho, todos me deixaram.

Entretanto, o teólogo Borel concordava com as minhas ideias, e não havendo outra saída, pensava em escolher uns doze rapazes e ensinar-lhes o catecismo privadamente, à espera de tempos melhores para realizar os nossos projetos.

– Assim não – eu respondia –, Deus começou e também deve levar a termo sua obra.

– Mas, enquanto isso, onde reunir os nossos jovens?

– No oratório.

– Onde está esse oratório?

– Eu o vejo já pronto – vejo uma igreja – vejo uma casa – vejo um recinto para o recreio, tudo isso existe e eu vejo.

– Onde está tudo isso?

– Não sei ainda onde está, mas eu vejo tudo.

Eu dizia isso pelo forte desejo de dispor desses ambientes e estava intimamente persuadido de que Deus haveria de providenciá-los.

O teólogo Borel lamentava minha situação; ele mesmo comentava que temia muito que eu estivesse perturbado. O padre Cafasso me dizia para não tomar nenhuma deliberação naquele momento. O arcebispo pendia para que eu continuasse o trabalho.

Entretanto, o marquês Cavour, decidido a acabar com esses encontros que ele achava perigosos e não querendo tomar decisões que pudessem desagradar ao arcebispo, convocou a comissão administrativa, que corresponde ao Conselho municipal, no palácio arquiépiscopal. Posteriormente, o arcebispo comentava comigo: eu tinha a impressão de que iria acontecer o juízo final. Depois de breve discussão, concluiu-se que era absolutamente necessário proibir aqueles encontros.

Fazia parte da comissão administrativa o conde Provana di Collegno, então ministro das Finanças. Ele sempre me tinha encorajado e até fornecera subsídios do próprio bolso, como também por parte de Sua Majestade Carlos Alberto. Este príncipe, de grata memória, gostava muito de ouvir falar do oratório; ajudava-me nas necessidades particulares; diversas vezes mandou-me dizer por meio do conde Provana di Collegno que apreciava muito esse meu ministério sagrado, que o considerava como uma parte das missões estrangeiras, que era seu desejo que esses encontros de jovens pobres e em situação de risco acontecessem em todas as cidades dos seus estados.

Quando soube da minha posição crítica me mandou 300 francos, com palavras de encorajamento, encarregando o dito conde de transmitir à comissão administrativa que era sua intenção que esses encontros nos dias santos continuassem; se havia algum perigo de desordens, que se buscasse um meio para impedi-las e preveni-las. Diante dessa comunicação, o chefe de Segurança Pública da cidade se calou e disse que providenciaria para que não acontecessem desordens. A decisão tomada foi a de enviar cada dia santo certo número de guardas para vigiar os nossos encontros e depois fazer o devido relatório a quem de direito.

Os guardas assistiam ao catecismo, à pregação, ao canto, ao recreio e, referindo pontualmente tudo ao responsável pela cidade, em poucos meses levaram-no a ter uma opinião melhor a respeito do oratório, e as coisas começaram a tomar um bom caminho.

### *Início do atual Oratório de Valdocco e sua ampliação até agora*

Era uma tarde festiva de quinze de março, dia memorável para o nosso oratório, quando, ao ver aquele grande número de jovens que se divertiam,

senti-me sozinho no meio deles, exausto de forças e de saúde, sem saber para onde ir, dado que o prado que aluguei devia receber outro destino; comovi-me de tal modo que as lágrimas corriam. Meu Deus, eu dizia levantando os olhos para o céu, fazei-me conhecer o lugar onde vós quereis que eu reúna estes meus queridos jovens. Faizei-me conhecê-lo, ou então, dizei-me o que devo fazer!

Revolvia tais coisas em meu coração, quando certo Pancrácio Soave vem dizer-me que um senhor Pinardi tinha um local para me alugar, muito adequado para as minhas finalidades. Fui vê-lo imediatamente; era um novo começo. Conversar, pôr-nos de acordo quanto ao preço do aluguel e ao modo de transformar aquele local em capela foi coisa de poucos minutos. Corri precipitadamente para meus jovens, reuni-os e, explodindo de alegria, comecei a gritar: Coragem, meus filhos! Temos um oratório. Teremos uma igreja, uma sacristia, lugar para as aulas e para os divertimentos.

Essa notícia foi acolhida com entusiasmo sem tamanho. E no domingo de Páscoa, no dia [...] de abril, foram levados para lá todos os objetos de igreja e de diversão e inauguramos a nova capela. Pouco depois foram alugados outros ambientes da mesma casa Pinardi, onde começaram as aulas dominicais e noturnas. Essas aulas agradaram tanto ao cavalheiro Gonella<sup>24</sup>, insigne benfeitor deste Oratório, que se empenhou para que fossem criadas também em Santa Pelágia. O próprio município apreciou as aulas noturnas de tal modo que abriu várias em diversos bairros da cidade: ali hoje existe a possibilidade de instruir-se qualquer aprendiz que o queira. O que aconteceu depois, dado que é conhecido de todos, limito-me apenas a alguns acenos.

No ano de 1846, em dia de domingo, foi abençoada a igreja atual com a autorização de celebrar a santa missa, catequizar, pregar, dar a bênção do Santíssimo Sacramento.

As aulas noturnas e dominicais progrediram muito; a instrução consistia em ler, escrever, canto, história sagrada, elementos de aritmética e de língua italiana; os alunos do Oratório organizaram uma academia pública em torno desses conteúdos.

No mês de novembro passei a morar na casa anexa ao Oratório. Muitos padres, entre eles o teólogo Vola, o teólogo Carpano, o padre Trivero<sup>25</sup> tomaram parte nesses acontecimentos do Oratório.

<sup>24</sup> André Gonella (1770-1851), banqueiro e industrial no ramo da tecelagem. Também o filho Marcos (1822-1886) será grande amigo e benfeitor de Dom Bosco.

<sup>25</sup> Padre Jacinto Carpano (1821-1894) e padre José Trivero (1816-1894) já se dedicavam à assistência espiritual e material dos jovens imigrados.

Ano de 1847. Foi criada a Companhia de São Luís<sup>26</sup>, com aprovação da autoridade eclesiástica: providenciou-se a imagem do Santo, foram celebrados os seis domingos em preparação à sua festa, com grande participação. No dia da festa, o arcebispo veio administrar o sacramento da crisma a um grande número de jovens e foi encenada uma breve comédia com cantos e música.

Alugaram-se outros ambientes graças aos quais aumentaram as classes de aulas noturnas. Foram acolhidos dois jovens pobres, órfãos, sem profissão, ignorantes de religião, e assim começou o internato que cresceu sempre mais.

Dada a grande afluência de jovens ao Oratório, sendo muito pequena a igreja e diminuto o recinto de Valdocco, no dia da Imaculada Conceição *foi aberto um novo oratório em Porta Nuova*, na casa Vaglianti, atualmente Turvano, sob o título de São Luís Gonzaga, confiando a administração ao teólogo Jacinto Carpano. Este novo oratório foi iniciado com as mesmas normas e objetivos do de Valdocco; em pouco tempo cresceu enormemente o número de jovens que o frequentavam.

1848. O número dos jovens internos passou a quinze. Após algumas dificuldades por causa da admissão dos jovens à primeira comunhão, o arcebispo concedeu formalmente a faculdade de organizar a preparação para a crisma e a sagrada comunhão e de cumprir o preceito pascal na capela daquele oratório.

Pela primeira vez foram feitos os exercícios espirituais para um grupo de jovens internos na casa anexa ao Oratório; os resultados foram ótimos. O município enviou uma comissão para visitar os oratórios e após uma carta de louvor ofereceu um subsídio de 600 francos. Também a Obra da Mendicidade veio em ajuda dos oratórios com um subsídio provisório. Realizou-se uma solene procissão até o santuário da Consolata para fazer uma comunhão no mês de maio em honra de Maria Santíssima; isto já acontecia havia dois anos, não, porém, processionalmente. Foram abençoadas as estações da *Via-Sacra*; na quinta-feira santa foram feitas em conjunto visitas aos “santos sepulcros”\* em diversas igrejas e na noite daquele dia, pela primeira vez, houve a celebração do lava-pés.

<sup>26</sup> Veja doc. nn. 4 e 206.

\* Aqui “santo sepulcro” se refere a uma espécie de sacrário que tem certa aparência de urna sepulcral no qual se guarda o Santíssimo Sacramento depois da missa da Quinta-Feira Santa e que os fiéis adoram até a celebração da morte do Senhor na Sexta-feira Santa. Significava o “desaparecimento” do Senhor ao ser preso no Horto das Oliveiras. Era costume visitar esses “sepulcros” nas igrejas para adorar o Santíssimo Sacramento.

Nesse mesmo ano iniciou-se a aula de piano e de órgão e os jovens começaram a ir cantar missas e vésperas com as orquestras de Turim, Carignano, Chieri, Rivoli, etc.

1849. Aluga-se toda a casa Pinardi, mais o terreno que fica na frente e atrás da dita casa; a igreja é ampliada de quase metade do seu espaço original; o número de jovens internos chega a trinta. O papa foge de Roma para Gaeta, no reino de Nápoles, e os jovens dos oratórios fazem uma coleta por ele; o santo padre se comove ternamente, manda escrever uma carta de agradecimento pelo cardeal Antonelli e envia a sua santa bênção aos jovens do Oratório. Em seguida, de Gaeta, envia um pacote de 60 dúzias de terços para os jovens do Oratório e com grande festa se faz uma solene distribuição no dia 20 de julho. *Veja o livreto impresso para essa circunstância.*

Por causa da guerra, o senhor padre Cocchi fecha o oratório do Santo Anjo da Guarda, que assim permanece por um ano; depois, é subalugado por nós e a administração é confiada ao teólogo Vola.

A câmara dos senadores e o ministério enviam uma comissão para visitar os oratórios; faz-se um relatório e uma discussão favoráveis. *Veja Gazzetta Piemontese* de 29 de março de 1849.

Ascânio Savio é o primeiro jovem do Oratório a vestir a batina<sup>27</sup>.

1850. Compra-se a casa Pinardi e o espaço adjacente. O número de internos chega a cinquenta. O comparecimento dos jovens ao Oratório de São Francisco de Sales é extraordinário, projeta-se uma nova igreja; no dia 20 de julho o cavaleiro Cotta<sup>28</sup> lança a pedra fundamental e o cônego Moreno<sup>29</sup> procede à bênção, com a presença de imensa multidão de pessoas. *Transcreva-se o ato da fundação.*

O bispo de Biella, mediante circular, recomenda a construção da nova igreja, e com isso se obtém uma coleta de mil francos. Faltando dinheiro para continuar a construir a igreja, usa-se o expediente de uma rifa, feita no ano se-

<sup>27</sup> Ascânio Savio (1832-1902) recebeu a batina no dia 1º de novembro de 1848; depois deixará Dom Bosco para entrar nos Oblatos de Maria Virgem.

<sup>28</sup> José Cotta (1785-1868), banqueiro, membro de importantes instituições da cidade. Senador desde 1848, no triênio 1849-1852 foi conselheiro municipal.

<sup>29</sup> Otávio Moreno (1777-1852), cônego da catedral, senador e dirigente do Economato-geral Régio Apostólico. Estimou muito a Obra de Dom Bosco, para a qual conseguiu substanciais subsídios econômicos.



guinte, e que teve acolhida muito favorável. Recolhem-se três mil e trezentos objetos que, deduzidas as despesas, resultam em 26 mil francos<sup>30</sup>.

No dia primeiro de junho começou a Sociedade de Mútuo Socorro, a respeito da qual é possível consultar os estatutos no livro impresso<sup>31</sup>.

1851. A 20 de junho, festa da Consolata, com grande aparato, na presença de numerosas e distintas personagens, em meio a uma grande alegria, faz-se a bênção da nova igreja e ali pela primeira vez se fizeram as sagradas celebrações. A poesia que segue dá uma ideia do que aconteceu naquele dia: *Como avezinha de ramo em ramo...\**. Foram feitas diversas compras para a igreja, comprou-se o altar de São Luís, criou-se também uma orquestra.

1852. A explosão da fábrica de pólvora no dia 26 de abril do ano anterior sacudiu e danificou consideravelmente a casa do Oratório; por isso, neste ano, dá-se início a um novo prédio. Próximo a ser coberto (2 de dezembro), veio abaixo quase por completo, com grande susto e prejuízo. Não se teve que lamentar nenhum dano às pessoas.

O senhor Miguel Scanagatti<sup>32</sup> providencia um par de candelabros elegantes para o altar-mor. Constrói-se a torre. Não havendo mais espaço para as aulas noturnas, ajeitam-se as aulas dentro da nova igreja. A igreja antiga é transformada em dormitório e em salas de estudo. O padre Cafasso manda fazer o púlpito atual.

1853. O prédio que ruína é levantado novamente: constrói-se, prepara-se a maior parte e no mês de outubro começa a ser usado. O novo local permite que os dormitórios e o refeitório dos jovens internos sejam organizados melhor. Seu número chega a 65.

O senhor cavalheiro Duprè<sup>33</sup> compra uma balastrada de mármore e manda embelezar o altar de São Luís. O senhor marquês Fassati<sup>34</sup> providencia

<sup>30</sup> Veja n. 6.

<sup>31</sup> Veja n. 4.

\* Em italiano: *Come augel di ramo in ramo / Va cercando albergo fido...*

<sup>32</sup> Miguel Scanagatti (1803-1879).

<sup>33</sup> José Luís Duprè (m. nel 1884), banqueiro, naquele tempo respondia por diversos cargos públicos. Junto com outros personagens de relevância, no dia 9 de dezembro de 1851, subscreveu o pedido de Dom Bosco ao Intendente-geral das Finanças para receber a autorização de fazer uma rifa, cf. E(m) I, pp. 136-137.

<sup>34</sup> Domingos Fassati Roero, marquês de São Severino (1804-1878), comandante do corpo real de guardas, grande benfeitor de Dom Bosco junto com a esposa Maria de Maistre (1824-1905).

outra balaustrada de mármore, um par de candelabros de latão cor de bronze para o altar de Nossa Senhora.

O senhor conde Cays, prior da Companhia de São Luís, compra um sino, abençoado pelo pároco de Borgo Dora, e providencia o atual baldaquino.

Pela primeira vez é feita a exposição das *Quarenta Horas*, com um oitavário nas festas pascais.

A fim de eliminar qualquer perturbação provocada pelos frequentadores do botequim e afastar as pessoas de comportamento suspeito da casa Bellezza, perto da igreja, aluga-se essa casa por inteiro.

1854. Dada a penúria do ano corrente, não se retomam novos trabalhos. Só se dá acabamento a alguns deles por necessidade. O senhor conde<sup>35</sup>, que é reeleito prior da Companhia de São Luís, providenciou uma bela faixa rendada<sup>36</sup> para enfeitar a cornija da igreja em toda a sua extensão.

O custo dos alimentos, a falta de trabalho, expondo muitos jovens aos perigos da alma e do corpo, levam a acolher muitos em casa e o seu número chega a oitenta e seis.

## 11. Ao ministro do Interior, Luís Carlos Farini

Edição crítica em E(m) I, pp. 407-408.

Turim, 12 de junho de 1860

Excelência<sup>37</sup>,

Humildemente solicito a vossa excelência queira ler com bondade o que lhe exponho brevemente a respeito da casa dita Oratório de São Francisco de Sales.

<sup>35</sup> Conde Carlos Cays di Gilletta e Caselette (1813-1882), presidente das Conferências de São Vicente de Paulo, deputado ao parlamento subalpino (1857-1860), ficando viúvo, se fará salesiano e se tornará sacerdote (1877).

<sup>36</sup> [...].

<sup>37</sup> Luís Carlos Farini (1812-1863), ex-ministro da Instrução Pública (1851-1852), havia três meses era ministro do Interior. Na mesma data, Dom Bosco escreve um pró-memória ao ministro da Instrução Pública, Terêncio Mamiani: cf. E(m) I, pp. 408-410.

Em quinze dias se realizaram duas minuciosíssimas perquisições, sem que eu saiba os motivos<sup>38</sup>. Esses fatos puseram em sobressalto o espírito e a ordem entre os nossos jovens. Se vossa excelência tiver ou quiser ter a grande bondade de me dizer qual é o escopo dessas perquisições, asseguro-lhe que eu prestarei contas de tudo segundo a verdade.

Entretanto, suplico-lhe queira persuadir-se intimamente de que eu:

1º Há vinte anos exerço o ministério sacerdotal nas prisões, nos hospitais, nas ruas e nas praças desta cidade, recolhendo jovens abandonados, para encaminhá-los à moralidade, ao trabalho, segundo seu engenho, suas capacidades e inclinações, sem jamais ter recebido ou ter solicitado alguma coisa em compensação. Antes, usei e ainda atualmente continuarei a usar de muita boa vontade os meus recursos pessoais na construção da casa e na manutenção dos jovens pobres.

2º Em todo esse tempo, sempre andei de acordo com o governo, e em todos os ministérios sempre encontrei apoio e benfeitores. Tanto por parte desse ministério<sup>39</sup> quanto do da Guerra<sup>40</sup> regularmente me foram enviados jovens em situação de risco e abandonados, e sempre os acolhi; e quando eu passava necessidades, recorria a esses ministérios e recebia deles ajuda. A bondade do ministério se apoiava também em duas ordens do dia, uma da câmara dos senadores, outra da câmara dos deputados, nas quais se recomendava ao governo do rei esta obra de beneficência. Uno uma cópia de algumas das muitas cartas que me foram escritas pelo ministério do Interior, com as quais eu era encorajado a promover esta obra de beneficência.

3º Jamais me envolvi em política. Em tudo isso que disse, fiz, escrevi, imprimir nesses vinte anos, ninguém poderá encontrar de fato uma só palavra contra as leis do governo. Nesta casa é proibido falar de política em qualquer sentido; ninguém jamais foi associado a algum jornal. Sempre estive persuadido de que um sacerdote pode exercer o seu ministério de caridade em qualquer tempo e lugar; em meio a qualquer tipo de leis e de governo, respeitando, aliás, ajudando as autoridades e mantendo-se rigorosamente estranho à política.

4º Se vossa excelência tiver alguma recomendação, conselho ou mesmo determinação a me dar para esta obra dos oratórios, eu lhe pediria respeitosa-

<sup>38</sup> Refere-se a uma rigorosa perquisição feita pela polícia por motivos políticos (26 de maio) e a uma inspeção escolar (9 de junho) das classes ginasiais do Oratório. Cf. Pietro BRAIDO - Francesco MOTTO, *Don Bosco tra storia e leggenda nella memoria su "Le perquisizioni"*. *Testo critico e introduzione*, em RSS 8 (1989) 111-200.

<sup>39</sup> Cf. E(m) I, pp. 433 e 436.

<sup>40</sup> Cf. E(m) I, p. 362.

mente que o fizesse como pai que deseja o bem dos seus filhos, não, porém, de forma ameaçadora, o que poderia prejudicar irreparavelmente as obras que custaram vinte anos de solicitudes ao governo e às pessoas em particular.

Peço-lhe queira levar em benévola consideração estas humildes mas sinceras reflexões e, ao recomendar estes pobres jovens à sua clemência, tenho a satisfação de lhe desejar todos os bens do céu, assegurando-lhe ser de grande honra para mim professar-me com plena estima e gratidão

De vossa excelência obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

## 12. Ao representante do governo na região de Turim, José Pasolini

Edição crítica em E(m) I, p. 465.

Turim, 26 de outubro de 1861

Ilustríssimo Senhor,

O sacerdote João Bosco, diretor do Oratório de São Francisco de Sales, expõe respeitosamente a vossa excelência como o número crescido de jovens recolhidos nesta casa teria necessidade de dispor de alguma outra profissão, além das que ali já se exercem, ou seja, a de marceneiro, alfaiate, sapateiro e encadernador. Parece que seria de grande utilidade iniciar uma pequena tipografia.

Tendo em mente esta finalidade, recorro a vossa senhoria ilustríssima para ser autorizado:

1º A abrir nesta casa uma tipografia sob o título de *Tipografia do Oratório de São Francisco de Sales*.

2º Dado o escopo exclusivamente beneficente desta pequena tipografia e a limitação dos meios e dos trabalhos com os quais ela deve se ocupar, permitir que seja aberta tendo como responsável o próprio diretor do Oratório.

3º Antes de iniciar os trabalhos tipográficos ela se obriga a providenciar uma pessoa que entenda da arte e que possa dar garantias quanto aos trabalhos a serem realizados.

Como esta pequena tipografia visa a dar trabalho e ajudar os jovens mais pobres e mais abandonados da sociedade, o abaixo-assinado, confiando na sua conhecida bondade, espera que seu pedido seja levado em benigna e benévola consideração<sup>41</sup>, enquanto com a máxima estima tem a honra de se declarar

De vossa senhoria ilustríssima humilde requerente

Sac. João Bosco<sup>42</sup>

### 13. Dados históricos sobre o Oratório de São Francisco de Sales

Edição crítica em P. BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani...*, pp. 9-29, 56-77.

[1862]

A ideia dos oratórios nasceu da frequência das prisões desta cidade. Nesses lugares de miséria espiritual e temporal se encontram muitos jovens na flor da idade, de inteligência pronta, de bom coração, capazes de ser o consolo das famílias e a honra da pátria; no entanto, lá estão trancados, aviltados, feitos o opróbrio da sociedade. Ponderando atentamente as razões dessa desventura, foi possível compreender que em geral eles eram infelizes, mais por falta de educação do que por maldade. Além disso, observou-se que, à medida que se lhes fazia perceber a dignidade do homem que é racional e deve procurar o seu pão por meio de trabalhos honestos e não mediante o roubo, enfim, apenas se fazia ressoar na mente o princípio moral e religioso, provavam no coração uma alegria que não sabiam dizer donde vinha, mas que os levava a desejar ser melhores. De fato, muitos mudavam de procedimento ainda dentro da prisão, outros, ao sair, viviam de maneira que nunca mais precisavam voltar para ela.

<sup>41</sup> José Pasolini (1815-1877) fora ministro do Comércio, Belas Artes e Agricultura do Estado Pontifício (1848-1849). Senador do reino desde 1868, foi representante do governo em Milão e Turim. Em 1876 assumiu o cargo de presidente do senado.

<sup>42</sup> O pedido foi acolhido com a condição de que se assumisse um tipógrafo profissional, e assim nos primeiros meses de 1862, uma nova oficina artesanal se somou às de sapataria, encadernação, marcenaria e alfaiataria, abertas nos anos anteriores. A tipografia do Oratório não deixou de alarmar as tipografias da cidade por suposta concorrência desleal.

Então os fatos confirmaram que esses jovens se tinham tornado infelizes por falta de instrução religiosa e moral, e que esses dois meios educativos eram os que podiam colaborar eficazmente para conservar bons os que ainda o eram e mudar para melhor os transviados, no momento em que saíam daquele lugar de castigo.

A fim de fazer alguma experiência, começou-se a dar um pouco de catequese adaptada aos prisioneiros desta capital e pouco depois na sacristia da igreja de São Francisco de Assis; em seguida, deu-se início a encontros nos dias festivos. Os convidados eram os jovens que saíam das prisões e os que ao longo da semana iam de cá para lá nas praças, nas ruas e também nas oficinas. Episódios morais e religiosos, cantos de loas sacras, pequenos presentes, algumas diversões, eram os meios que se usavam para entretê-los nos dias santos.

Corria o ano de 1841 e os jovens que compareciam eram cerca de setenta. Com profunda satisfação, o oratório continuou por três anos junto à igreja de São Francisco de Assis, até que o grande número de jovens nos obrigou a buscar um ambiente mais amplo. Por isso, em 1844, o sacerdote Bosco, por motivos de trabalho eclesiástico, tendo-se transferido para a direção da Pia Obra do Refúgio em Valdocco, escolheu um lugar mais adaptado às necessidades, e, no dia 8 de dezembro de 1844, foi abençoada a primeira capela destinada exclusivamente para a juventude. Essa igreja consistia em dois pequenos ambientes anexos ao edifício reservado para os sacerdotes diretores da mencionada obra do Refúgio. Aqui o oratório durou um ano.

No outono de 1845, dado o crescente número de jovens que às vezes eram mais de duzentos, e também pelo fato do edifício que servira como igreja dever ser destinado a outra finalidade, foi preciso buscar um lugar mais oportuno. Pelo espaço de aproximadamente quatro meses fomos para a igreja de São Martinho, perto dos moinhos da cidade, que também foi deixado para dar lugar a outro catecismo destinado às jovens.

O cemitério de São Pedro in Víncoli, depois a casa Moretta, finalmente um recinto da casa Filippi serviram de oratório até a primavera de 1846. Nesse ano foi alugada e depois comprada a casa Pinardi na região de Valdocco, onde surgiu o Oratório de São Francisco de Sales. O número de jovens cresceu de tal modo que em 1850 era frequente ultrapassarem o número de dois mil, até mesmo de três mil.

A fim de atender a todas as necessidades, no ano de 1851, levantou-se a igreja atual, mediante a ajuda de rifas e de outras doações de particulares.

*Oratório de São Luís em Porta Nuova.* No ano de 1847, dado que por causa do grande número os jovens não podiam mais caber no Oratório de

São Francisco de Sales, abriu-se outro em Porta Nuova, entre a alameda dos Plátanos e a do Valentino. A direção foi confiada ao teólogo Jacinto Carpano, depois passou a outros, e atualmente o teólogo Leonardo Murialdo<sup>43</sup> é seu zeloso diretor. O número médio de jovens é de aproximadamente quinhentos.

*Oratório do Santo Anjo da Guarda.* O extraordinário comparecimento de jovens ao oratório de Porta Nuova logo mostrou ser indispensável um novo lugar a ser escolhido onde maior era a necessidade. Vanchiglia é uma parte de Turim muito povoada e cheia de jovens que nos dias santos giram de cá para lá. O benemérito padre Cocchi tinha aberto ali um oratório, que por causa de outras ocupações teve que abandonar. Naquele mesmo lugar e com idêntico escopo, em 1849, foi aberto ao público o oratório do Santo Anjo da Guarda, perto do rio Pó. A direção foi confiada ao teólogo Roberto Murialdo; atualmente, estando ele com a saúde abalada, foi confiado ao padre Miguel Rua<sup>44</sup>. A frequência média de jovens neste oratório é cerca de quatrocentos.

*Observações gerais.* Esses oratórios podem ser definidos como lugares destinados a entreter nos dias santos os jovens em situação de risco mediante divertimentos agradáveis e honestos, após terem participado das celebrações da igreja. Além das igrejas, há lugares bastante espaçosos para o divertimento, locais apropriados para as aulas e para defender os jovens das intempéries durante o inverno ou em caso de chuva. Os meios para atrair os jovens são: pequenos prêmios, jogos e boa acolhida; medalhas, imagens, frutas, algum lanche ou merenda; às vezes, peças de roupa de baixo, de sapatos ou outro vestuário qualquer para os mais pobres; colocação no trabalho; assistência junto aos parentes e aos próprios patrões.

Os brinquedos são: bolas ou bochas, malhas, pernas-de-pau, gangorras de várias espécies, passo gigante, ginástica, exercícios militares, canto, concertos com música instrumental e vocal. Mas o que mais atrai os jovens é o fato de se sentirem bem acolhidos. Uma longa experiência mostrou que o bom resultado da educação da juventude consiste especialmente em saber fazer-se amar para depois se fazer temer.

<sup>43</sup> Leonardo Murialdo (1828-1900), santo, ex-colaborador do Oratório do Anjo da Guarda em Vanchiglia (1851), em 1857, a pedido de Dom Bosco, assumiu o de São Luís em Porta Nuova, onde permaneceu até 1865. Em seguida será diretor do “Colégio dos Aprendizes”, instituído pelo padre Cocchi em 1849, e fundador da Congregação de São José; desenvolverá intensa atividade no campo social, particularmente em favor do mundo operário.

<sup>44</sup> Miguel Rua (1837-1910), beato, principal colaborador de Dom Bosco desde os primeiros tempos do Oratório, será seu sucessor à frente da Congregação Salesiana (1888-1910).

As celebrações religiosas nos dias santos são assim: pela manhã, comodidade para quem quiser se confessar; missa, depois da qual se narra um episódio da história sagrada ou se explica o evangelho do dia; em seguida, jogos. Após o almoço, catecismo nas salas, vésperas, em seguida, jogos novamente. Terminadas as celebrações de igreja, cada qual é livre de ficar para se divertir ou de ir para casa. Ao anoitecer, todos vão para casa e se fecha o oratório.

Há um regulamento apropriado para orientar tudo o que se faz na igreja, no pátio e nas aulas. As pessoas que ajudam em tudo são em boa parte padres, clérigos e também leigos. No tempo da quaresma, há nos três lugares catecismo diário: ao meio-dia, para aqueles que estão livres; para os que não estão livres, em outra hora. Celebra-se também o mês de maio com pregação ou leitura espiritual correspondente, terço e bênção com o Santíssimo, de manhã ou à hora das *ave-marias* da tarde, conforme as circunstâncias.

As pessoas que tomaram parte mais ativa no princípio dos oratórios, além das mencionadas, são: padre Ponte<sup>45</sup>, padre Trivero, padre Pacchiotti<sup>46</sup>, o teólogo João Vola. De modo particular tornou-se benemérito o teólogo João Borel. Este foi como a alma e o suporte de tudo, mediante o exercício do sagrado ministério e a sua ajuda material e moral. Também o cavalheiro teólogo Baricco<sup>47</sup> participou muitas vezes.

*Aulas dominicais.* Muitos jovens, por falta de meios ou de facilidades, se encontravam já numa idade um tanto mais adulta, sem ter a instrução necessária para aprender um ofício. Durante a semana não podiam frequentar nenhum tipo de escola, daí que a necessidade sugeriu as aulas dominicais. Estas, entre nós, começaram a primeira vez em 1845. No princípio parecia coisa difícil, não havia nem livros nem pessoas que pudessem sugerir normas ou dar conselhos. Dava-se aula, ensinava-se, mas durante a semana acontecia esquecer em grande parte o que se tinha ensinado e aprendido no domingo. Todavia, chegamos a superar em parte este grave obstáculo assumindo somente um ramo científico por vez e dando uma única lição a ser estudada durante a semana.

Com isso se conseguiu fazer aprender em primeiro lugar a ler e escrever e depois as primeiras quatro operações aritméticas, em seguida os elementos do sistema métrico, da gramática italiana e da história sagrada, mas sempre

<sup>45</sup> Padre Pedro Ponte (1821-1892), capelão das Obras Barolo. Por mais de um ano morou com Dom Bosco na casa Pinardi (1847-1848).

<sup>46</sup> Padre Sebastião Pacchiotti (1806-1885), capelão das Obras Barolo.

<sup>47</sup> Teólogo Pedro Baricco (1819-1887), professor, membro do Conselho municipal de Turim, responsável pela instrução pública da cidade.



sem nunca passar a um novo ramo de ensinamento a não ser quando se tivesse aprendido corretamente o que estava em curso. As apresentações públicas que foram feitas satisfizeram insignes personagens, como o padre Aporti<sup>48</sup>, o prefeito da cidade cavaleiro Bellono<sup>49</sup> e o senhor cavaleiro teólogo Baricco, que quiseram honrar-nos com a sua presença.

*Aulas noturnas.* Em meio à multidão de jovens que comparecia, surgiu outra necessidade; por isso, embora a instrução dominical produzisse bons resultados, todavia, para muitos, não era suficiente. Começou-se, portanto, a convidar os jovens a virem durante a semana, nos dias e nas horas mais cômodas para eles. Um jovem convidava outro e em pouco tempo achou-se oportuno estabelecer uma hora fixa para todos: essa hora foi a entrada da noite, quando precisamente os aprendizes terminam seus trabalhos diários.

De modo que em 1846 começaram pela primeira vez as aulas noturnas. O comparecimento foi extraordinário; tivemos que nos limitar a um número de alunos compatível com o pouco espaço disponível. Como depois as aulas noturnas foram abertas também pelo município em muitos quarteirões da cidade, terminou a necessidade desse tipo de aulas nos oratórios. Somente no Oratório de São Francisco de Sales continuam até o presente. As matérias de ensino consistem em ler, escrever, sistema métrico, língua italiana, canto gregoriano, música instrumental e, para alguns, desenho, piano, órgão, inclusive língua francesa.

*Aulas diurnas durante a semana.* Outra classe de jovens que vagava perigosamente pela cidade é a daqueles que, por estarem mal vestidos ou por não poderem se habituar a uma disciplina regular, não são acolhidos nas escolas públicas ou são desligados delas. Esses em geral são órfãos ou descuidados pelos próprios parentes, mesmo em tenra idade; vagueiam pelas ruas e pelas praças, brigando, blasfemando, roubando. Para eles foram iniciadas aulas durante o dia no Oratório de São Francisco de Sales e também no de São Luís. Seu comparecimento é bastante numeroso em ambos os oratórios e mediante o cuidado de mestres perspicazes e caridosos foram obtidos resultados bastante satisfatórios em favor da moralidade e da disciplina. Vários deles foram admitidos nas classes municipais, outros nas classes noturnas, alguns foram confiados a patrões.

<sup>48</sup> Ferrante Aporti (1791-1858), sacerdote e pedagogo mantuano, o primeiro na Itália a abrir em 1828 asilos infantis. As lições ministradas em Turim em 1848 na Escola Superior de Método Normal chamaram sobre ele as atenções do público, tanto que depois da guerra de 1848 ele se refugiou na cidade, foi feito senador e assumiu cargos importantes nas instituições culturais de Turim.

<sup>49</sup> Jorge Bellono (1806-1852), prefeito da cidade de 1850 a 1852.

*Casa do Oratório de São Francisco de Sales.* Entre os jovens que frequentam esses oratórios há os que são de tal modo pobres e abandonados que é quase inútil qualquer cuidado se não tiverem um lugar onde possam morar, comer e se vestir. Procurou-se atender a essas necessidades com a casa anexa, dita também Oratório de São Francisco de Sales. Ali, no princípio, se alugou uma pequena casa em 1847 e se começou a recolher alguns dos mais pobres. Naquele tempo eles iam trabalhar na cidade, voltando para a casa do Oratório para comer e dormir. Mas a grave necessidade que se manifestou em várias localidades da província nos levou a aceitar também os que não frequentavam os oratórios de Turim.

Uma coisa chamou a outra. Os jovens abandonados pululavam por toda parte. Então se definiu um critério para aceitar somente os que estivessem entre os dezoito e os doze anos, órfãos de pai e de mãe, totalmente pobres e abandonados. Dado, porém, que ir à cidade trabalhar nos estabelecimentos públicos redundava em más consequências, foi ampliado o espaço existente ao levantar um novo prédio; atualmente (os internos somam setecentos) as oficinas estão todas naquela casa. As profissões em que se se treinam os jovens são: alfaiataria, sapataria, encadernação, marcenaria, tipografia; há também o estudo para os que, tendo comportamento moral e especial inclinação para as ciências, se mostram aptos para isso.

O grande desejo que muitos mostraram de seguir os cursos científicos regulares fez com que abrissemos algumas exceções quanto às condições de aceitação. Assim, para o estudo se aceitam também jovens não abandonados e não totalmente pobres, contanto que tenham conduta moral e aptidão para o estudo, a ponto de dar firme esperança de terem um êxito honroso e cristão numa carreira científica.

*Administração.* Nesta casa há também um regulamento segundo o qual se fazem todas as coisas. Há um reitor, do qual todos dependem; um prefeito que faz as vezes do reitor e que é o responsável pela contabilidade e pela correspondência; um diretor de estudos cuida das aulas, mantém contato com os professores, com os assistentes do estudo, com os catequistas, ou seja, com os diretores espirituais; um ecônomo que cuida das pessoas de serviço, da manutenção e em geral de toda a casa. Do ecônomo dependem também os chefes ou mestres de cada oficina.

Não há rendas ou entradas fixas. Por isso, a casa se mantém unicamente mediante a beneficência, em geral de doadores particulares. O município costuma fazer uma doação anual de 300 francos para a iluminação e a lenha\*

\* Para aquecer as caldeiras de aquecimento do prédio durante o inverno.

para as aulas noturnas no tempo de inverno. Não é possível calcular a despesa precisa de toda a casa ou de cada pessoa, mas é possível estabelecer para cada pessoa uma média de 60 centavos por dia, compreendendo todas as despesas. A igreja, os prédios, o lugar para a casa e Oratório de Valdocco são propriedade do sacerdote Bosco. Os de Porta Nuova e Vanchiglia são alugados.

*Resultados.* Para conhecer os resultados obtidos por essas aulas, pelos oratórios e pela casa dita Oratório de São Francisco de Sales é preciso dividir os jovens em três grupos: os transviados, os levianos e os bons. Os bons se conservam e progridem no bem de forma maravilhosa. Os levianos, isto é, habituados a andar por aí e trabalhar pouco conseguem até um bom resultado com o trabalho, a assistência, a instrução e a ocupação. Os transviados dão muito trabalho; se se consegue fazer com que eles tenham um pouco de gosto para trabalhar, em geral são conquistados por nós.

Com os meios acima indicados foi possível obter alguns resultados conforme segue: 1° que não fiquem piores; 2° muitos criam juízo e por consequência começam a ganhar seu pão honestamente; 3° mesmo aqueles que sob vigilância pareciam insensíveis, com o tempo se tornam, senão completamente, pelo menos em parte mais acessíveis. Deixa-se para o tempo que os bons princípios que tiveram oportunidade de conhecer quanto à maneira de como se deve proceder produzam seus frutos.

Por isso, todos os anos foi possível colocar mais de uma centena de jovens junto a bons patrões, dos quais aprenderam algum ofício. Muitos voltaram para as próprias famílias, donde tinham fugido, e agora se mostram mais dóceis e obedientes. Não poucos foram postos a servir em famílias honestas.

Os jovens que anualmente saem e entram para o internato deste Oratório se aproximam de trezentos. Vários são assumidos pela banda da guarda nacional ou pela banda militar; outros continuam no serviço que aprenderam no estabelecimento; alguns vão servir na casa de famílias honestas; um número até significativo se dedica ao ensino. Estes, superados os exames exigidos, ou ficam aqui em casa ou vão como professores em localidades que os solicitam. Alguns assumem carreiras civis.

Entre os estudantes, muitos enveredam pela carreira eclesiástica. Estes, terminado o curso ginasial, em geral são encaminhados aos próprios bispos, que assumem amorosamente os cuidados a fim de assisti-los e fazê-los continuar na carreira que aspiram. Entre eles, escolhe-se um grupo dos que permanecem nesta casa como professores, ministram catecismo nos oratórios, prestam assistência nas diversas oficinas e nos dormitórios. Chegando ao sacerdócio, vários

continuam a exercer o ministério sagrado em favor dos jovens aqui internados ou que frequentam os demais oratórios da cidade. Outros seguem as próprias inclinações e vão desempenhar o tipo de ministério para o qual seus superiores eclesiásticos os julgarem idôneos.

Uma pessoa muito benemérita dos oratórios e desta casa é o padre Vitório Alasonatti<sup>50</sup>, que por muitos anos consagra incansavelmente suas energias a estas obras de beneficência.

Em todo o pessoal desta casa e de todos os oratórios, compreendendo também as pessoas de serviço, não há absolutamente ninguém que seja remunerado, mas cada qual colabora gratuitamente.

#### 14. Ao provedor dos Estudos de Turim, Francisco Selmi

Edição crítica em E(m) I, pp. 541-543.

Turim, 4 de dezembro de 1862

Ilustríssimo senhor provedor<sup>51</sup>,

Respeitosamente exponho a vossa senhoria ilustríssima a maneira como, ao desejar promover a instrução secundária entre a classe menos favorecida do povo, comecei os cursos ginasiais para os jovens pobres acolhidos nesta casa, a fim de providenciar, no caso de alguns, por meio das artes ou ofícios, no de outros, mediante o estudo, um meio para que cada um ganhe honestamente o próprio pão.

No passado, o ensino sempre se adaptou aos programas e às disciplinas governamentais. Mas agora, desejando obter uma aprovação regular destas escolas, peço-lhe respeitosamente, ilustríssimo senhor provedor, queira aprová-las como instituto particular, de acordo com a norma do artigo 246 da lei da Instrução Pública<sup>52</sup>.

<sup>50</sup> Padre Vitório Alasonatti (1812-1865), primeiro prefeito do Oratório de Valdocco (desde 1854) e da Sociedade Salesiana (desde 1859 até a morte).

<sup>51</sup> Francisco Selmi (1817-1881), ex-provedor dos Estudos em Brescia, em 1862 assumiu o mesmo cargo em Turim. Foi também diretor-geral do ministério da Instrução Pública. Sucessivamente deixou os compromissos administrativos para assumir a cátedra de química e farmácia na Universidade de Bolonha.

<sup>52</sup> O artigo previa a possibilidade de abrir escolas particulares em determinadas condições, tanto para os professores quanto para os programas de ensino, ou então para a possibilidade de inspeções ministeriais.

O ensino será conforme os programas e as disciplinas governamentais, em conformidade com o artigo citado e da maneira como até agora temos feito.

*Quanto aos professores*

Para a 1ª ginásial, eu proporia o padre Vitório Alasonatti, com certificado para a quarta latina, segundo a antiga nomenclatura.

Para a aritmética, o padre Ângelo Savio, professor com certificado para a 4ª elementar.

Para a 2ª ginásial, o clérigo João Anfossi.

Para a 3ª ginásial, o clérigo Celestino Durando.

Para a 4ª ginásial, o clérigo Francisco Cerrutti.

Para a 5ª ginásial, o padre João Francesia<sup>53</sup>.

Para estes quatro últimos não possuo outros títulos senão a declaração dos seus professores, dado que, além das aulas que há seis anos frequentam na respectiva classe, cursaram também as lições de letras gregas e latinas na nossa régia universidade. Os jovens seus alunos obtiveram com eles muito bons resultados. Ninguém é remunerado e todos esses professores se afadigam somente em nome da caridade. Para estes últimos quatro anos peço autorização provisória, reservando-me, segundo o tempo que me será estabelecido, apresentar os mesmos ou então outros, mas com os títulos exigidos pela lei<sup>54</sup>.

Os estudos estariam sob a direção do benemérito senhor professor de retórica, padre Mateus Picco<sup>55</sup>, como estiveram até agora.

Noto aqui de passagem que o escopo desta casa é o de que estas escolas ginásiais sejam uma espécie de pequeno seminário, onde possam encontrar

<sup>53</sup> Somente o segundo, João Anfossi (1840-1913), deixará a Congregação Salesiana em 1864 para entrar na diocese, ficando sempre muito afeiçoado a Dom Bosco. Ângelo Savio (1835-1893) por muitos anos foi ecônomo-geral da Congregação Salesiana, antes de partir como missionário para a América Latina onde faleceu. Os clérigos Celestino Durando (1840-1907), Francisco Cerrutti (1844-1917) e João Batista Francesia (1838-1930) se tornaram sacerdotes, escritores e membros importantes da Sociedade Salesiana, assumindo encargos de responsabilidade.

<sup>54</sup> Dom Bosco parece querer inserir as suas classes ginásiais no sistema privado, conforme as leis vigentes (veja n. 11), mas depois se considerará isento de algumas obrigações dessas leis (como os títulos legais dos professores). A ambiguidade da sua posição, à qual não foi dada importância por uns quinze anos por causa do apoio de ministros complacentes e provedores benévolos, seria denunciada no final dos anos Setenta, com subsequente decreto de fechamento da escola (veja n. 21).

<sup>55</sup> Mateus Picco (1812-1880), sacerdote, professor de escola particular na própria casa.

um meio para fazer os próprios estudos os jovens que têm o mérito de uma boa inteligência e da virtude, mas que são privados de meios econômicos ou dispõem deles em medida muito restrita.

Cheio de confiança de que minha humilde solicitação seja levada em conta, considero para mim uma honra poder declarar-me

De vossa senhoria ilustríssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

## 15. Ao ministro do Interior, Ubaldino Peruzzi

Edição crítica em E(m) I, pp. 583-584.

[Turim, maio-junho de 1863]

Excelência<sup>56</sup>,

Embora eu esteja tranquilo a respeito do que vossa senhoria ilustríssima me disse, isto é, que aparecendo qualquer observação sobre esta casa haveria de comunicá-la diretamente a mim, todavia, tendo-me transmitido algumas informações que lhe foram passadas por outros e que já se tornaram públicas mediante alguns jornais, creio oportuno fazer alguma observação sobre vozes que vagamente e sem fundamento em sua origem chegaram a preocupar o provedor dos Estudos, o ministro da Instrução Pública e vossa senhoria pessoalmente. Exporei aqui os comentários feitos e darei resposta a eles.

*1º Os estudos e o espírito dos nossos clérigos não está em harmonia com as atuais instituições governamentais.*

R. Os tratados, os estudos e a disciplina dos clérigos são idênticos aos da diocese, e os nossos clérigos frequentam regularmente as aulas do seminário de Turim, com exceção de algumas instruções científicas que, não podendo receber no seminário, frequentam na nossa régia universidade. Creio que nisto não haja nada a reprovar.

<sup>56</sup> Ubaldino Peruzzi (1822-1891), ex-ministro das Obras Públicas, desde 9 de dezembro de 1862 tinha assumido o ministério do Interior. Dom Bosco defende o próprio livro de *História da Itália* (publicado em quarta edição em 1863) também numa carta ao ministro da Instrução Pública (cf. E[m] II, pp. 584-585).

2º *Não há o retrato do rei.*

R. Eu poderia dizer-lhe que não há nem mesmo o do papa e do bispo: não há nenhuma lei que mande ou aconselhe isto. Mas eu posso dizer outras coisas: digo que este segundo comentário está totalmente privado de qualquer fundamento. O retrato do rei se encontra em diversas salas; nas três salas da administração há um retrato representando a imagem do nosso soberano. Aliás, esta imagem está em milhares de jovens que, ao sair desta casa, agora servem honradamente a pátria nas fileiras do exército; está no coração dos jovens desta casa que toda manhã e toda noite fazem orações especiais em comum pelo seu soberano e por quem, com ele, se ocupa do bem do Estado.

3º *Mas a História da Itália não está de acordo com o espírito que se deseja.*

R. Essa *História da Itália* não é um texto de aula. Além disso, eu a escrevi a convite do ministro da Instrução Pública, foi impressa sob seus olhos e me presenteou com 300 francos pela primeira cópia que lhe enviei. Foi reimpressa quatro vezes, mas sempre sob os olhos do ministro, o que não é muito, mas com decreto especial ele reconhecia, ou melhor, incluía meu livro entre os livros premiados. É verdade que nas edições anteriores havia algumas expressões a serem modificadas após os acontecimentos de 1860-1-2. Essas expressões foram modificadas, como qualquer um pode ver na quarta edição que foi publicada neste ano. Caso ainda haja alguma coisa que merece desaprovção, que seja dita, e na próxima edição será corrigida.

Quanto ao mais, faz 23 anos que emprego minha vida e minhas posses no ministério sagrado, na presença de todos. As praças, as ruas, as prisões, os hospitais foram os lugares do meu trabalho. O que eu disse, o que fiz, o que escrevi, tudo foi sempre público, e nenhum funcionário particular ou público dos que nos anos passados ocuparam o poder, pôde dizer alguma coisa que merecesse censura quanto ao meu agir.

Atualmente eu não peço ao governo emprego, nem honras, nem dinheiro; peço somente seu apoio moral e sua ajuda para que, de comum acordo, eu possa promover e desenvolver uma obra que busca unicamente impedir que os jovens abandonados acabem povoando os cárceres, e que aqueles que de lá saíram não tenham que retornar. O que me parece ser tudo do interesse do governo.

[Sac. João Bosco]

## 16. Primeira circular para recolher fundos para construir a igreja de Maria Auxiliadora

Edição crítica em E(m) II, pp. 41-44.

[Turim, metade de março de 1864]

*Maria Auxilium Christianorum, ora pro nobis. (Ladainhas lauretanas).*

*Tu nos ab hoste protege et mortis hora suscipe. (Liturgia da Igreja).*

*Maria, Auxílio dos Cristãos, rogai por nós.*

*Na última hora da nossa vida, mãe, concedei-nos do céu a vossa ajuda.*

Benemérito Senhor<sup>57</sup>,

Enquanto a cidade de Turim vai crescendo cada dia mais e a sua população aumenta continuamente, cresce também a necessidade de novos edifícios consagrados ao exercício da nossa religião. Entre as diversas partes da cidade, esta necessidade se faz sentir vivamente no bairro chamado Valdocco (1), onde, em meio a mais de 20.000 habitantes, não há outra igreja de certa capacidade a não ser a igreja paroquial de Borgo Dora (2) que, todavia, não pode conter mais do que 1.500 pessoas.

No distrito dessa paróquia existem também as modestas igrejas da Pequena Casa da Divina Providência e do Oratório de São Francisco de Sales que, nos dias festivos, se abrem para o público, mas tanto uma como outra não são suficientes para o serviço das numerosas comunidades para as quais elas foram construídas, sobrando somente alguns poucos lugares para quem vem de fora.

Desejando dar uma resposta às urgentes necessidades dos moradores de Valdocco e de muitos jovens que nos dias festivos vêm ao Oratório de várias partes da cidade e que não podem caber na igreja atual, decidi construir uma igreja bastante espaçosa, capaz de corresponder a este duplo escopo e que com o tempo possa também ser erigida em paróquia, quando a autoridade eclesiástica julgar oportuno. Um engenheiro benemérito fez a planta em forma de cruz latina, que já foi aprovada pela autoridade competente; o espaço interno será de aproximadamente 1.000 metros quadrados, as despesas chegarão perto de 200.000 libras.

A igreja surgirá na rua Cottolengo, numa área que foi adquirida pela liberalidade de algumas pessoas piedosas e que é próxima do atual edifício do

<sup>57</sup> Outros apelos à beneficência foram feitos durante o triênio da construção da igreja (1865-1868).



Oratório de São Francisco de Sales. As escavações já terminaram e se começou a colocar os alicerces.

A fim de levar a termo esta pia obra, não dispondo dos meios necessários, não posso deixar de colocar toda a minha confiança nas mãos da divina Providência e recomendar-me à caridade dos devotos de Maria, entre os quais penso que possa com razão incluir também vossa senhoria.

Digo dos devotos de Maria, porque, precisamente para honra da imaculada Mãe de Jesus Cristo sob o título de *Auxilium Christianorum*, isto é, auxílio dos cristãos, se há de levantar este edifício sagrado.

Enquanto se espera que será para muitas pessoas instrumento de salvação eterna, será também um tributo da nossa gratidão a Maria Santíssima pelos benefícios recebidos e um convite para que esta nossa mãe piedosa sempre nos proteja no futuro e nos ajude a manter em nossa cidade a fé e a prática de todas as virtudes cristãs.

Recorro, pois, humildemente, à sua pessoa. Qualquer soma de dinheiro, qualquer objeto, mesmo material de construção, será recebido com vivo reconhecimento. Serão necessários três anos para realizar esta obra, por isso, vossa senhoria, se não puder ajudar neste momento, talvez possa colaborar mais tarde.

Envio algumas fichas para vossa senhoria e para as pessoas caridosas às quais julgar oportuno propor este tipo de obra de beneficência.

Se alguma ficha estiver marcada conforme o módulo anexo, queira, por favor, encaminhá-la ao meu endereço para facilitar os trabalhos em curso.

Caso não tiver outro meio para fazer chegar à destinação o que sua caridade lhe inspirar, poderia fazê-lo por meio de um vale postal, que é um meio seguro.

Tenho viva esperança de que o que vossa senhoria está para fazer neste caso excepcional, certamente lhe merecerá copiosas bênçãos da Bem-aventurada Virgem Maria nas coisas espirituais e também nas temporais.

Finalmente, peço-lhe queira perdoar-me benevolmente o incômodo que lhe causo e acolher meus votos de todos os bens do céu, enquanto com a mais profunda gratidão considero ser para mim uma grande honra poder professar-me

De vossa senhoria benemérita obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

*Qui elucidant me, vitam aeternam habebunt (Eccl 24, 31). Domus Dei aedificetur in loco suo (Esd 5).*

*Maria diz: Os que são meus devotos possuirão a vida eterna. A casa do Senhor seja edificada em lugar oportuno.*

1. Este quarteirão se chama Valdocco, das iniciais *Val Oc. Vallis occisorum*, isto é, *Vale dos que foram mortos*, nome que antigamente era dado a este vale pelo fato de ter sido aqui que foram martirizados os santos Aventor e Otávio. Eis a razão pela qual esta parte da cidade parece tão abençoada por Deus, repleta como é de tantos institutos pios e caridosos.

2. Da igreja paroquial de Borgo Dora, traçando uma linha até as igrejas da Consolata e de São Donato; depois indo na direção da régia fábrica de armas até o rio Dora, há um território coberto de casas, onde moram 35.000 habitantes, para os quais não há uma igreja pública.

## II. EXPANSÃO GEOGRÁFICA NACIONAL E INTERNACIONAL DA OBRA SALESIANA

*De 1863 para frente, a Obra Salesiana surgida em Valdocco e contando com outras presenças oratorianas em Turim, se estendeu rapidamente, como já se acenou, mediante numerosas fundações, primeiro na Itália – Piemonte, Ligúria (n. 18), sucessivamente em outras regiões – e finalmente na França e na América Latina (nn. 21, 24, 25, 27).*

*Este amplo desenvolvimento foi favorecido pela nova reforma escolar na Itália (1864), pelas dificuldades que afetaram os seminários diocesanos, pelos contínuos pedidos de uma obra educativo-escolar salesiana em localidades italianas, francesas (1875) e espanholas (1887), e também após a difusão da imagem positiva de “uma Congregação nova para tempos novos”, como era vista em muitos lugares a Sociedade de São Francisco de Sales. A aprovação definitiva das Constituições Salesianas (1874) acabou por encorajar a abertura de novos horizontes carismáticos em terras de missão da América do Sul (1875).*

*Obviamente, a rápida expansão foi possível particularmente pelo crescimento vocacional, tanto masculino quanto feminino, compreendendo também as vocações adultas (n. 20). Quanto às Filhas de Maria Auxiliadora, o fundador se interessou particularmente pela aquisição da futura casa-mãe de Nizza Monferrato (n. 22).*

*Dom Bosco procurava encorajar a todos com uma nova narração da história do Oratório (n. 17) e mediante cartas circulares.*

*Uma entusiasta, ampla e muito articulada exposição de Dom Bosco à Santa Sé sobre o estado moral e material da Sociedade Salesiana, de março de 1879 (n. 24), que enumerava todas as obras salesianas do momento e aquelas em vias de fundação, suscitou preocupação e conseqüente pedido de esclarecimentos por parte das autoridades pontifícias, a quem o fundador procurou responder com grande cuidado (nn. 25, 26).*

*Ao mesmo tempo, o papa Leão XIII lhe confiou a construção da igreja e da obra anexa do Sagrado Coração na nova capital do reino da Itália (n. 28). Por outro lado, na velha capital, Turim, mediante recursos junto a todas as instâncias judiciárias do país, se pretendia fechar as escolas ginasiais de Valdocco (n. 23) e até mesmo “despejar” os jovens que ali viviam.*

*Estes jovens sempre conservaram grata recordação da sua casa de educação, tanto que, ao se tornarem ex-alunos, muitos costumavam ir todos os anos a Valdocco celebrar o onomástico de Dom Bosco e receber dele alguma palavra de estímulo (n. 29).*

*Na expansão fora do Piemonte e para além das fronteiras italianas, a Obra Salesiana teve que enfrentar dificuldades, hostilidades e sofrimentos. Na Itália, da segunda parte dos anos Setenta para frente, teve que se confrontar com políticos abertamente laicistas e não raramente anticlericais – e, apesar disto, não hesitou em entrar em contato com eles e também em pedir-lhes ajuda econômica e proteção, dada a vasta ação dos salesianos na tutela dos emigrados italianos (n. 27).*

*Na França, fundou as suas casas em tempos da Terceira República, que caminhava para uma política adversa às congregações religiosas (diversamente da Espanha da restauração borbônica). Nos novos estados liberais da América do Sul teve que tratar com governos e autoridades locais que não hesitaram em romper traumáticamente as relações diplomáticas com a Santa Sé e a legislar em chave anticlerical e maçônica. Para tudo isso, logicamente, só se pode remeter aos estudos da Obra Salesiana em cada país<sup>58</sup> e de cada casa salesiana, além de algum volume de síntese<sup>59</sup>. Para o desenvolvimento missionário em particular, vejam-se mais para frente os documentos da seção correspondente<sup>60</sup>.*

## 17. Conferência aos salesianos sobre a história do Oratório

ASC A0040605 *Cronaca dell'anno 1864*, manuscrito de João Bonetti, pp. 9-22 (Cf. MB, II 406-407).

Na noite de 8 de maio de 1864, reunida a comunidade para uma conferência, Dom Bosco começou a dizer: já faz certo tempo que eu queria contar de maneira completa a razão de ser da nossa Sociedade. Nas conferências anteriores falamos do objetivo, do método para alcançá-lo, mas nunca cheguei a esclarecer tudo plenamente.

Em primeiro lugar quero dizer que tenho a intenção de obrigar cada irmão a não falar nada do que direi agora com ninguém que não pertença à nossa Sociedade, mesmo se depois vier a deixá-la. Eu não conseguia me vencer a relatar essas coisas, por isso, rezei, e desde algum tempo para cá, esse

<sup>58</sup> Para a Itália, podem ser úteis os dados estatísticos publicados por ocasião do 150º aniversário da Obra Salesiana: Francesco MOTTO (editor), *Salesiani di don Bosco in Italia. 150 anni di educazione*. Turim, LAS 2011; Grazia LOPARCO - Maria Teresa SPIGA, *Le Figlie di Maria Ausiliatrice in Italia. Donne nell'educazione*. Roma, LAS 2011.

<sup>59</sup> Por exemplo, Arthur J. LENTI, *Don Bosco. History and spirit*. Vol. 5. *Institutional expansion* e Vol. 6 *Expansion of the Salesian work in the New World and Ecclesiological confrontation at home*. Edited by Aldo Giraudo. Roma, LAS 2009.

<sup>60</sup> Veja nn. 91-107.

pensamento não me sai da cabeça, de tal modo que, convencido de que isso pode ser para a maior glória de Deus, esta noite resolvi dizer-vos tudo<sup>61</sup>. Pois bem, vou começar.

Desde a minha juventude eu me sentia inclinado a entreter-me com os meus colegas e com outros meninos, contava-lhes episódios, ensinava-lhes o catecismo. Assim, atraindo-os com brinquedos que eu guardava na minha casa, depois de divertir os amigos por algum tempo, subia num banquinho e dali eu lhes falava palavras de encorajamento, contava-lhes parte de algum sermão que eu tinha ouvido, fazia-os recitar o santo terço, cantar as ladainhas. Para participar desses encontros na frente da minha casa, na eira, nos dias santos, vinham não somente meninos, mas também jovens de 18, 20 anos, e eu ficava admirado ao ver como muitos eram ignorantes das coisas da nossa fé, como se comportavam mal na igreja e aprontavam outras desordens próprias dessa idade.

Quando fui para o colégio, continuei a fazer o mesmo. E constatei a necessidade de me entregar ao cuidado da juventude especialmente quando, mais tarde, já como padre, estive em Turim, onde pude falar com diversos jovens que eu encontrei, os quais, embora mais adultos, eram ignorantes das coisas da fé. Comecei a convidá-los para me visitarem, e eles, em certas horas dos dias santos, vinham me procurar no Colégio Eclesiástico e ali eu os instruí, confessava, advertia; eles me amavam e eu os amava também.

Depois eu fui para o Refúgio e ali continuei a ocupar-me com a sua instrução; o seu número já tinha aumentado bastante. No sábado à noite vinham se confessar ou então na manhã seguinte ou nas festas; rezávamos a missa, depois dávamos instrução religiosa, à tarde ensinávamos catecismo; muitos padres me ajudavam e a coisa ia bastante bem.

Chegou, porém, o momento em que tive que abandonar o Refúgio, pois a marquesa queria que esse lugar fosse só para as meninas. Nós não tínhamos para onde ir e fazer as nossas reuniões, o catecismo; estávamos sem igreja. Procuramos um lugar e o encontramos, mas só podemos usá-lo duas ou três vezes, pois N. N. nos fez fugir, dizendo que não podia suportar aqueles meninos que gritavam demais, inventando também muitas calúnias; insultando-nos, nos abrigou a buscar outro lugar; aquele senhor, porém, um dia depois, vítima de um problema de saúde, em pouco tempo passou para a outra vida.

Então procuramos o cemitério, mas o capelão o colocou à nossa disposição somente por algum tempo, e depois foi se queixar também ele e nos fez

<sup>61</sup> Também as outras versões da mesma história do Oratório eram de ordem reservada: veja nn. 10, 13 e a IV parte.

fugir de lá. Ocorreu, porém, que, vitimado por um problema de saúde, depois de dois dias morreu.

Estávamos sem lugar nenhum e ninguém nos queria. Todavia, à vista dessas duas mortes ocorridas tão de repente com pessoas que nos perseguiam daquela forma, concluímos que Deus estava conosco. Não que eu me alegrasse com o mal dos outros, mas me convenci de que Deus queria assim, que ninguém nos atormentasse. Entretanto, eu estava angustiado.

Quando, de repente, recebi uma visita; então eu vi, não muito longe do Refúgio, uma casa que me foi indicada como destinada para mim e para meus jovens.

No dia seguinte, de manhã, eu disse ao teólogo Borel: em breve teremos um lugar. Um dia depois eu lhe contei onde era. Fomos logo vê-lo. Chegando lá, percebi que era uma casa infame, lugar de imoralidades. Fiquei mortificado e disse: essas são ilusões diabólicas, e corei de vergonha por ter acreditado tão depressa. Não disse mais nada. Continuamos da melhor maneira possível a fazer os nossos encontros, ora num lugar, ora noutro, a confessar e a pregar; para a missa íamos à igreja da Consolata.

De repente, outra visita que me mostra a mesma casa. Então pensei: irei lá amanhã, e de fato fui, mantendo-me a certa distância; e chorava, pois não podia me convencer de que teria de ir para aquele lugar infame. Então eu disse: é tempo de rezar a fim de que Deus se digne iluminar-me para sair de toda essa embrulhada.

E eis uma terceira visita, na qual me foi mostrada a mesma casa; desta vez eu ouvi uma voz que me disse: “Não tenha medo de ir para essa casa. Não sabe que Deus, com os despojos e as riquezas dos egípcios, pode adornar e enriquecer o seu povo?”.

Então fiquei contente e busquei um meio de adquirir aquela casa; quando, de repente, o dono do prado no qual costumávamos ir veio me procurar e me disse que não queria mais que eu ficasse no prado com os jovens, pois eles pisoteavam de tal modo a grama que nem mais conseguia rebrotar. Eu lhe recordei o contrato que tínhamos feito; ele, porém, me disse que até perdoava o aluguel, mas que não queria mais que fizéssemos ali os nossos encontros.

Então fiquei de novo sem um lugar. Entretanto, no dia seguinte, se apresenta a mim o dono da casa que eu tinha visto e me disse: “Sei que o senhor procura uma casa para fazer um laboratório; pois bem, se quiser alugar a minha, eu alugo”. “Precisamente, procuro uma casa para fazer um oratório”. “Sim, um laboratório, acrescentou o bom homem”. “Não, não laboratório; um oratório; “Sim, sim; oratório, laboratório, é tudo a mesma coisa”.

Então eu me convenci sempre mais de que aquela era a vontade de Deus e fui visitar a casa por dentro; vi que era mal distribuída, com o teto baixo, de tal modo que não servia para capela. Eu disse: “É um pouco baixa para fazer dela uma igreja”. “Mas quer fazer aqui uma igreja?”, o outro perguntou. “Sim”, e ficou muito contente. Então começamos a rebaixar o chão por mais de um metro, dado que não era possível levantar o teto, e assim demos um jeito, em pouco tempo tivemos a nossa igreja. Grandes contrastes.

De repente, uma quarta visita me mostrou a casa em tudo como ela é atualmente, com a igreja, com o altar-mor no lugar onde se encontra hoje; sobre ele estava escrito em caracteres cubitais: *Haec est domus mea; inde exhibit gloria mea*. Tudo isto estava impresso na minha mente de tal forma e eu estava tão persuadido da realidade do que vi que dizia francamente a todos: “Daqui a algum tempo terei uma casa bonita e espaçosa, com a nossa igreja bastante grande para conter um grande número de jovens”.

Assim, um dia, eu me encontrava sobre um montículo de terra com os jovens ao meu redor e eu lhes disse: “Neste mesmo lugar onde agora estou ficará o altar-mor da nossa igreja”, e assim foi. Quando o arquiteto tomou as medidas, sem que eu mencionasse nada absolutamente, ele disse: “Aqui vai ficar o altar-mor”, e indicou aquele mesmo lugar em que alguns anos antes eu tinha dito aos jovens: aqui ficará o altar-mor.

Eis, porém, uma quinta visita. Nesta, uma pessoa me conduziu a um lugar onde havia uma bela estrada, toda coberta de rosas, não só no chão, mas também por cima, em forma de arco, e nos lados, de tal modo que por toda a parte só se viam rosas; eram tão bonitas que eu jamais vira coisa igual. Essa pessoa me disse: caminha. Eu então não quis pisar com os sapatos naquelas rosas tão bonitas, por isso, tirei-os.

Todavia, dei apenas um ou dois passos e tive logo que recuar, pois espetei meu pé com um espinho que me provocou fortíssima dor; assim, observei que por baixo daquelas rosas belíssimas se escondiam muitos e agudos espinhos; não somente no chão, mas também por todos os lados. Então eu disse: “Mas aqui é preciso pôr os sapatos”; os outros que olhavam para mim responderam: “Certamente, é preciso calçar os sapatos”. E assim fiz. Estavam comigo muitos padres e outras pessoas. Aí comecei a caminhar; apesar de todos os cuidados, de quando em quando eu era espetado de um lado ou de outro por aqueles espinhos pontiagudos; apesar disso, cheguei ao fim do caminho.

Então me virei e vi que todos os meus companheiros tinham desaparecido. Fiquei muito triste e logo voltei para trás a fim de ver o que faziam e onde estavam, mas não vi mais ninguém. Comecei a chorar copiosamente e dizia: “Será possível que todos me abandonaram e que eu tenha que ficar sozinho

nesta estrada?”. Mas, eis que enquanto eu me queixava e chorava, vejo um grande número de padres, clérigos e outras pessoas que vinham ao meu encontro. Chegando perto, disseram: “Aqui estamos nós, prontos para segui-lo; dê ordens, que nós obedeceremos”. Então eu me tranquilizei e lhes disse: “Pois bem, se estiverem dispostos a percorrer comigo esta estrada, comecem a caminhar”; e todos enveredaram por aquele caminho enquanto eu vinha atrás deles.

Poucos desistiram e voltaram para trás. A maior parte deles, contentes e corajosos, chegou até o fim, inclusive eu. Aqui, de repente, vimos uma sala muito espaçosa, magnífica, onde havia rosas belíssimas; notei que nenhuma tinha espinhos e que exalavam uma fragrância muito suave. Então aquela pessoa que me acompanhava disse: “Compreendeste tudo?”. “Não, respondi, peço-lhe que me explique tudo”.

Então começou a falar: “Pois bem, sabe que esta estrada significa o cuidado que deves ter da juventude. Tu deves caminhar por esta estrada com os sapatos, ou seja, com a mortificação. As rosas que viste são o símbolo da caridade ardente que deve distinguir a ti e a todos os teus colaboradores na educação da juventude. Os espinhos significam os obstáculos, os sofrimentos que deverás suportar neste trabalho. Mas não deves perder a coragem; mediante a caridade e a mortificação, vós todos haveis de superar tudo. E no fim chegareis a ter rosas sem espinhos, como vistes naquela sala magnífica aonde chegastes”. Então eu me encontrei no meu quarto, sozinho, acordado, como estou agora.

Chegou, porém, o tempo das provações, o ano de 1848; meus colaboradores começaram a ditar normas que eu não aprovava. Queriam levar os jovens para as praças e que nós também gritássemos: “Viva a Itália”; alguns começaram a pregar essas coisas também aos jovens, de tal modo que, no fim, fui obrigado a subir ao púlpito e desdizer tudo o que tinha ouvido e a dizer-lhes que não voltassem mais, que eu não precisava da sua ajuda. Os poucos que sobraram vieram ter comigo, envenenados pelos mais arrogantes; entretanto, eu estava sozinho.

Aconteceu ainda que eu sempre repetia com ênfase que via uma casa grande e bonita, com uma igreja espaçosa; de tal modo que, não somente riam de mim, como também alguns dos que me pareciam mais calmos e os meus amigos me chamaram à parte, aconselhando-me a ir para um sanatório, dizendo que, cuidando da doença no seu início, em pouco tempo eu poderia me curar e que aquelas ideias malucas passariam se eu ficasse longe dos problemas.



De minha parte, porém, a essas pessoas e a quem queria me persuadir, rindo de mim, respondia que eu sabia o que estava dizendo, que estava em plena posse de minhas faculdades mentais; e lhes repetia que não passariam muitos anos e tudo haveria de se realizar conforme eu dizia. Entretanto, eu tinha que fazer tudo sozinho: confessar, rezar missa, pregar, participar do recreio com os jovens, dar catecismo, cantar as vésperas, ministrar a instrução religiosa e dar a bênção do Santíssimo: não aparecia ninguém para me ajudar.

Todavia, com a ajuda de Deus, sempre fui para frente. Assim, comecei a ter jovens em casa, aos quais eu dava aula de latim; à noite, na hora do jantar, ensinava o canto gregoriano a alguns, a outros a música: eram cenas de se admirar, nunca vistas. Tudo me trazia conforto, pois eu via que não estava longe o tempo em que eu teria comigo jovens que saberiam ensinar essas coisas, inclusive a mim. Alguns clérigos formados por mim começavam a aliviar-me no serviço em alguns pontos.

Entretanto, a casa, que antes era somente alugada, foi comprada por mim com a ajuda de algumas pessoas caridosas; depois começamos a construir uma parte do prédio de... Em 1851 pusemos a pedra fundamental da igreja nova e tudo procedia bem. Alguns daqueles que me chamavam de doido, vendo as coisas caminharem, se juntaram a mim; um deles, dentre os mais esquentados, veio diversas vezes pregar nesta mesma igreja; ele costumava dizer com grande desafogo: “Eu é que era doido, não Dom Bosco”. O arcebispo Fransoni<sup>62</sup> estava muito contente com a nossa obra; um dia ele me chamou e disse: “Dom Bosco, o senhor é mortal; convém pensar que também depois de sua morte a Obra dos Oratórios deve continuar”. Eu então, desde aquele momento, comecei a pôr os alicerces de uma Congregação de pessoas que se consagrasse por inteiro ao bem da juventude.

Nesse ínterim, porém, chegaram tempos borrascosos e o arcebispo Fransoni teve que partir para o exílio. De lá, sempre continuou a nos proteger e a favorecer como podia. Ao mesmo tempo, eu precisava me aconselhar com alguma pessoa que pudesse me iluminar; por isso, resolvi viajar para Roma. Em Roma, fui visitar Pio IX, que depois de algumas palavras me disse: “Senhor padre Bosco, o senhor é mortal; já pensou em perpetuar a Obra dos Oratórios?”. Garanto-lhes que eu me comovi até as lágrimas ao ouvir essas palavras do sumo pontífice, as mesmas que o arcebispo Fransoni me tinha dito. Eu respondi: “Vim a Roma, santo padre, precisamente por este motivo”; e nos pusemos a conversar longamente; uma vez ficamos conversando quase uma hora e meia sobre essas coisas, quando ele mesmo me disse como eu deveria

<sup>62</sup> Luís Fransoni (1789-1862), arcebispo de Turim desde 1831 até a morte, foi expulso pelo governo e exilado em Lião em 1850, mas continuou a governar a diocese por meio do seu vigário-geral. Teve grande confiança em Dom Bosco, apoiando-o particularmente nos momentos iniciais e decisivos da sua obra.

pôr as bases para este projeto. Então eu contei para o papa tudo o que contei para vós. Ninguém jamais soube de nada, a não ser o papa.

Agora, alguém poderá dizer: mas tudo isso é para a glória de Dom Bosco. Não, absolutamente: a mim toca somente prestar contas tremendas a Deus de ter agido em tudo segundo a vontade divina. Convencido de que este era um projeto de Deus que se dignou mostrá-lo com antecedência, sempre fui da opinião de que se poderia torná-lo realidade. É bem possível que alguma vez eu tenha cometido imprudências; não quero agora apresentá-las aqui; mas faço sempre e sempre fiz tudo para buscar esse fim; nas aflições, nas tribulações, nas perseguições, sempre recebi forças do alto, jamais desanimei, pois o Senhor sempre esteve conosco e sempre estará, se nós, com boa vontade, pela mortificação e pela caridade espiritual, nos esforçarmos para educar e levar a ele as almas e os jovens.

## **18. Convênio entre a junta municipal e Dom Bosco para a abertura de um colégio de internos em Alassio (1870)**

Arquivo Municipal da cidade de Alassio, *Registro deliberazioni*<sup>63</sup>; edição em MB IX, 875-877.

No ano do Senhor de mil oitocentos e setenta, no dia primeiro do mês de junho, em Alassio, na sala consular. Estão presentes os senhores: 1º P. Lázaro Brea, prefeito e presidente; 2º Conde G. Batta Morteo; 3º Francisco Biancardi, com a intervenção do reverendo padre João Bosco.

Reunida como acima a Junta municipal, o presidente expõe que o objetivo da presente reunião é o de elaborar o projeto de convênio relativo à abertura de um colégio de internos nesta cidade de Alassio, projeto apresentado pelo reverendo sacerdote João Bosco, já deliberado por este Conselho na sua ordem do dia de dois de dezembro de mil oitocentos e sessenta e nove e aprovado pelo Conselho escolar da província de Gênova, com seu decreto de 30 de março de 1870. Convida, pois, a citada Junta a comparecer para esse ato.

A Junta municipal:

<sup>63</sup> Após a breve experiência de gestão do seminário de Giaveno (1859-1862), a abertura dos colégios de Mirabello (1863), Lanzo Torinese (1864) e Cherasco (1869), Dom Bosco redigiu este convênio para a abertura da primeira casa salesiana na Ligúria. Aqui o publicamos como modelo de muitos outros convênios estipulados na Itália e no exterior, após longas tratativas com instituições locais, civis e eclesíásticas.

Atendendo ao convite feito e vista a ordem do dia de que se falou acima, com o respectivo decreto;

Depois de acertar com o citado Dom Bosco, em relação ao dito projeto, alguns acréscimos e supressões favoráveis ao município, além de alguns esclarecimentos oportunos;

Considerado o disposto pelo art. 93, n. 4, da lei municipal;

Chegou-se unanimemente a estabelecer com o mesmo Dom Bosco o convênio conforme segue:

Art. 1º. O sacerdote João Bosco se obriga pessoalmente, bem como seus herdeiros, a abrir um colégio de internos nesta cidade de Alassio, e a proporcionar a instrução clássica ginasial e elementar, tanto aos jovens da cidade quanto aos de fora que aqui quiserem estudar.

Art. 2º. O mesmo sacerdote Bosco providenciará cinco professores elementares distintos, munidos dos correspondentes títulos legais, e também docentes idôneos em número suficiente para as cinco classes ginasiais. Além disso, providenciará o curso técnico com o ensino da língua francesa e italiana, da geografia e da aritmética, repartido de modo que nas classes ginasiais corresponda ao que nesses ramos científicos é administrado no curso técnico e clássico, sem que o sacerdote Bosco seja obrigado a providenciar mais professores, além dos que são indicados para as classes do ginásio.

Art. 3º. A instrução das classes elementares e ginasiais será feita de acordo com as leis e a disciplina determinada pelos programas do ministério da Instrução Pública.

Art. 4º. Todas as despesas de móveis para o internato correrão por conta do sacerdote Bosco. Por sua vez, o município, enquanto proprietário do imóvel e em conformidade com o art. 1604 do *Código Civil* italiano se obriga:

1º A fazer todas as reformas necessárias para o uso e a manutenção do edifício e dos locais anexos.

2º A providenciar e manter nas classes, tanto elementares quanto ginasiais, os móveis e todo o necessário, do que conserva a propriedade.

Art. 5º. O município se obriga a pagar ao sacerdote João Bosco pelo pessoal docente das classes elementares e ginasiais até as duas retóricas inclusive, que ficarão por sua conta, nove mil libras anuais, além da cessão a seu favor da renda das taxas escolares de que se fala mais abaixo.

Art. 6º. Além disso, o município se obriga a conferir ao sacerdote Bosco um prêmio de duas mil libras, por cinco anos, para as despesas tanto da primeira instalação quanto da sucessiva manutenção do internato.

Art. 7°. O presente contrato terá a duração de cinco anos e considerar-se-á renovado, se uma das partes não desistir cinco anos antes.

Ocorrendo, por força maior, ser necessário desfazer o contrato dentro do primeiro quinquênio, o município não terá mais que pagar qualquer anuidade nem responder pelo prêmio nos anos sucessivos.

Art. 8°. Ocorrendo o caso de abrir um colégio provincial em Alassio, o sacerdote Bosco se obriga a ampliar o curso ginásial municipal até o número das classes do ginásio e também do liceu prescritas pela lei, prévio o devido entendimento com o Conselho provincial competente.

Art. 9°. O município concede de forma provisória ao sacerdote Bosco o uso do local do atual colégio para as aulas acima mencionadas, e para o internato o Palácio Durante com o pátio e o pequeno jardim anexo. Caso este edifício seja definitivamente destinado para internato e aulas, o município cederá também o jardim anexo ao dito edifício, atualmente sob os cuidados de João Schivo.

Art. 10°. Para as classes ginásiais, fica estabelecida, de acordo com as partes, uma taxa segundo as leis de ensino a ser imposta aos alunos, determinada pelo sacerdote Bosco; isto é, para as duas retóricas, o *maximum* não poderá exceder as trinta liras, e para as gramáticas, vinte e quatro liras. Os alunos de Alassio terão um desconto, isto é, o *maximum* para as duas retóricas fica fixado em vinte liras e para as gramáticas, em dezesseis liras. Os alunos pobres, reconhecidos tais pela Junta municipal, estão isentos. O município cuidará da isenção mediante apropriada intervenção através do exator. Os internos do colégio e indistintamente todos os alunos das classes elementares serão isentos de qualquer taxa.

Art. 11°. Declara-se lícito para todos os alunos externos frequentar os diversos ramos do ensino oferecido aos internos, contanto que se adaptem à disciplina e aos horários de cada classe.

Art. 12°. Para as questões de moralidade e instrução religiosa o município confia na prudência do sacerdote Bosco e do senhor pároco do distrito no qual se encontra o colégio.

Art. 13°. A direção e a administração do colégio de internos e das classes elementares são totalmente confiadas ao sacerdote Bosco, mas em dependência do delegado departamental, conforme o que prescrevem as leis vigentes da Instrução Pública.

Ele, porém, aceitará com a máxima gratidão qualquer aviso ou conselho que o prefeito e os responsáveis pelo município julgarem necessários para a utilidade científica, moral e sanitária do lugar, das classes e dos alunos que as

frequentam; desses assuntos, porém, se tratará com o sacerdote Bosco ou com quem o representar no colégio de internos de Alassio.

Art. 14°. As aulas serão iniciadas no princípio do ano escolar de 1870-1871.

De tudo foi redigida a presente ata que, após a correspondente leitura e confirmação, foi assinada.

Sac. João Bosco  
B. L. Brea, presidente  
G. B. Morteo, assessor senior  
G. B. Armato, secretário  
V. – Visto e aprovado

Gênova, 20 de junho de 1870,

O Prefeito presidente do Conselho de Segurança Pública

E. Mayr

Registrado em Alassio no dia 1º de julho de 1870, no Reg. 7, folha 67, N. 458, com o pagamento regimentar de cento e cinquenta e uma liras e oitenta centavos, conforme recibo assinado.

Morando, coletor  
Para cópia correspondente para uso oficial  
Alassio, 6 de julho de 1870  
O secretário municipal  
B. G. Armato

## 19. Circular para a “Igreja de São João Evangelista, com internato e escola para os meninos pobres, na alameda do Rei em Turim”

Edição crítica em E(m) III, pp. 261-262.

Turim, 12 de outubro de 1870

Na cidade de Turim, desde a praça das Armas até o rio Pó, há um território com cerca de três quilômetros de extensão, muito povoado, sem que para aqueles numerosos habitantes haja escolas para as crianças, nem igrejas para o culto religioso.

Como todos sabem, no meio daquela população, os protestantes ergueram seu templo, com internato, aulas e asilo infantil.

Ocorre, assim, que, pela lamentável falta de igrejas próximas e de escolas católicas e pela vizinhança do estabelecimento protestante, os pais de família enfrentam o grave e sério desafio de ter que enviar os próprios filhos às aulas e ao asilo dos protestantes, sob o falso pretexto de que a necessidade não tem leis.

Outrora havia o *Oratório São Luís*, com aulas e pátio para recreio, mas o prolongamento da rua São Pio V dividiu em dois esse local e assim tornou-se inviável para a finalidade desejada.

A fim de responder de alguma maneira à gravidade da situação, com a ajuda de pessoas caridosas foi comprado um terreno situado entre a citada rua São Pio V e a rua Dona Cristina, com a frente para a alameda do Rei.

A intenção é de construir ali uma igreja que possa servir também para os adultos, com prédio bastante amplo para aulas, internato, pátio, onde se possa dar atenção aos meninos se divertindo nos dias festivos, preservando-os dos perigos da imoralidade e encaminhando-os para alguma arte ou ofício.

Com a ajuda da divina Providência os trabalhos já começaram; o muro em torno do terreno já está pronto; enquanto um benemérito engenheiro termina a planta da igreja e do edifício anexo, está sendo providenciado também o material necessário para a construção.

Vivemos tempos difíceis e a miséria que está por toda parte é um grande obstáculo para terminar uma obra desse tipo, a ponto de não termos um soldo de orçamento preventivo. Acredito que a caridade dos católicos, que nunca falhou em semelhantes ocasiões, não será agora que irá faltar; o caso é muito grave para se duvidar disso.

Como todos podem facilmente perceber, aqui se trata de preservar um grande número de jovens, talvez também de adultos e de famílias inteiras, do grave e funesto perigo de serem induzidos a erros contra a fé, e aos poucos se afastarem da Santa Igreja Católica e do seu supremo chefe e pastor, vindo assim a cair na heresia quase sem perceber.

As pessoas que amam a glória de Deus, o bem da Santa Igreja Católica e a salvação do próximo são seriamente convidadas e calorosamente solicitadas a refletir sobre esses inconvenientes.

Temos esperança de que esses trabalhos terminem no prazo de dois anos; nesse ínterim, estamos fazendo um apelo humilde, mas caloroso, a todas as pessoas de boa vontade, pedindo encarecidamente queiram concorrer com as ofertas que Deus lhes inspirar para necessidades excepcionais.

As ofertas podem ser em dinheiro ou em qualquer tipo de material que possa servir para a construção e ornamentação da igreja ou do edifício anexo.

Trata-se de salvar almas, e quem estende a mão benéfica com essa intenção terá fundada esperança de um dia ouvir do Salvador as consoladoras palavras: “Salvaste um alma, predestinaste a tua”.

O sumo pontífice Pio IX louva o empreendimento e abençoa todos os que nele se empenharem. Sua excelência reverendíssima o nosso amado arcebispo, não só nos encoraja, mas ele mesmo colabora com os meios materiais que a sua posição lhe permite. Aqui apelamos para os cristãos em geral, mas especialmente para os que moram nas proximidades ou que ali têm alguma posse.

A igreja é dedicada a *São João Evangelista* e a pintura de fundo sobre o altar representará o Salvador que, do alto da cruz, confia sua Mãe Santíssima ao apóstolo São João, como se lê no santo Evangelho.

As ofertas são recebidas pelo abaixo assinado ou pelo senhor padre Traversa, pároco de São Máximo, em cuja paróquia se encontra o terreno escolhido para a nova construção.

Deus cubra de graças e favores celestiais todos os benfeitores e doadores e lhes conceda dias felizes, com generosa recompensa aqui na terra e muito maior na bem-aventurada eternidade. Assim seja<sup>64</sup>.

Sac. João Bosco

<sup>64</sup> Dois anos depois tomaria a iniciativa de construir a igreja de São Segundo, enviando circular semelhante aos moradores da região entre Porta Nuova e praça de Armas: cf. E(m) III, pp. 448-449. Mas a construção será levada a termo pelo arcebispo.

## 20. Obra de Maria Auxiliadora para as vocações ao estado eclesiástico

Edição impressa em *Opera di Maria Ausiliatrice per le vocazioni allo stato ecclesiastico benedetta e raccomandata dal santo padre Pio Papa IX*. Turim, Tipografia dell'Orat. di S. Francesco di Sales 1875 (OE XXVII, 1-8).

Turim, 30 de agosto de 1875

Ilustríssimo senhor,

Peço a vossa senhoria ilustríssima queira ler com bondade o que aqui lhe exponho sobre a Obra de Maria Auxiliadora, cujo projeto e programa tenho o prazer de anexar a esta carta. Sem me delongar muito, facilmente compreenderá qual é o seu escopo: preparar jovens adultos para se tornarem com o tempo bons sacerdotes. Creio que o senhor, com o seu apoio, pode me ajudar eficazmente de duas maneiras:

1. Tornando-se correspondente desta Obra, mantendo-a, fazendo-a conhecida e promovendo-a com os meios morais e materiais que com zelo e caridade vossa senhoria sabe usar no tempo oportuno.

2. Conhecendo algum jovem no qual se verificam as condições apresentadas pelo programa, queira bondosamente encaminhá-lo a mim.

Confiante na sua colaboração, peço a Deus queira recompensá-lo dignamente, enquanto, com profunda gratidão tenho a honra de professar-me

De vossa senhoria ilustríssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco<sup>65</sup>.

<sup>65</sup> Em sintonia com o significado eclesial da devoção a Maria sob o título de Auxiliadora dos Cristãos, em forte expansão depois da construção da igreja dedicada a ela em Valdocco, Dom Bosco, com a aprovação do papa e a recomendação de muitos bispos, lançou um projeto vocacional de futuro promissor. A Obra de Maria Auxiliadora para as vocações adultas, iniciada em setembro de 1875, teve sucesso imediato, tanto em Valdocco sob a guia do padre Luís Guanella, quanto em Gênova-Sampierdarena, onde Dom Bosco, em 1877, reimprimiu, com acréscimos, o estatuto primitivo aqui reproduzido.



## Obra de Maria Auxiliadora

*Messis quidem multa, operarii autem pauci.*

*Rogate ergo Dominum messis ut mittat operários in messem suas (Lc 10,2).*

*A messe é grande, mas os operários são poucos.*

*Rogai, pois, ao Senhor da messe que mande operários para a messe.*

Há vários anos que se lamenta a falta de operários evangélicos e a diminuição das vocações ao estado eclesiástico. A deficiência de vocações é sentida em todas as dioceses da Itália e em toda a Europa; faltam postulantes nas congregações religiosas e nas missões estrangeiras, que repetem insistentemente com São Francisco Xavier: *Enviai-nos operários evangélicos para ajudar*. Aliás, nós sabemos que muitas missões estão em perigo de ser extintas pelo único motivo de faltarem operários evangélicos. Portanto, é necessário pedir ao Senhor da messe que mande operários para a sua mística vinha; mas, às orações é preciso que unamos a nossa colaboração.

Na Alemanha, na França, na Inglaterra e em muitos lugares da Itália se fundaram obras de beneficência com esta finalidade e foram colhidos bons resultados, insuficientes, porém, em vista das muitas e urgentes necessidades. Enquanto louvamos essas obras iniciadas e rezamos de todo coração para que Deus se digne fazê-las prosperar para a sua maior glória, parece-nos oportuno lançar uma nova iniciativa que nos poderá vir rapidamente em ajuda. Trata-se de um curso de estudos para *jovens adultos que desejam consagrar-se a Deus no estado eclesiástico*. Francisco Dalmazzo (1845-1895), encarregado de acompanhar os trabalhos da igreja do Sagrado Coração, residia com as Oblatas de Tor de' Specchi.

Pela experiência foi possível observar que de dez meninos que começam os estudos com vontade de alistar-se na milícia de Cristo, em média, apenas dois chegam ao sacerdócio, enquanto dos mais adultos, que já ponderaram e estudaram a própria vocação, sobre dez, perseveram oito.

Observou-se também que, em tempo mais breve e com despesas menores, separados dos pequenos, que são obrigados a cursar as suas classes gradativamente, realizam seus cursos literários graças a cursos abreviados, podendo chegar à meta mais depressa.

Por estas e outras razões, propomos aqui um curso de estudos secundários para jovens adultos, mesmo que sejam de condição menos favorecida, mas que pretendem seguir exclusivamente a carreira eclesiástica.

*Meios*

Não há meios definidos; a obra é totalmente confiada à piedade dos fiéis. Cada um pode colaborar como *doador, correspondente, benfeitor*.

1. Os *doadores* se obrigam a dar dois soldos por mês ou então um franco por ano. Aos sacerdotes basta celebrar uma santa missa, cedendo a espórtula em benefício da obra.

2. *Correspondentes* são os que em honra dos doze apóstolos se tornam chefes de uma ou mais dúzia de doadores, recolhem as ofertas, encaminhando-as ao diretor da Obra. Os correspondentes recebem com reconhecimento qualquer oferta por menor que seja, mesmo que se trate de um soldo por ano.

3. *Benfeitores* são os que, à vontade, fazem qualquer oferta em dinheiro ou de coisas *in natura*, por exemplo, alimentos, roupas, livros e objetos semelhantes.

Os que oferecem 300 francos por ano mantêm gratuitamente, à escolha, um aluno no instituto. Se a oferta for de 800 francos, o aluno ficará gratuitamente no instituto durante todo o tempo dos cursos literários.

As ofertas sejam encaminhadas ao padre João Bosco em Turim, ou então ao padre Paulo Albera<sup>66</sup>, diretor do internato São Vicente, onde por ora estão os novos alunos. No fim de cada ano haverá detalhada prestação de contas aos correspondentes quanto ao número de alunos, às ofertas recebidas e aos resultados obtidos.

*Observações*

Esta Obra é posta sob a proteção da santa Virgem Auxiliadora porque, sendo ela proclamada pela Igreja *magnum et singulare in Ecclesia praesidium*, certamente se dignará proteger uma iniciativa que tem como objetivo bons ministros para a Igreja. De fato, Deus, nestes tempos, concede inumeráveis graças a quem invoca sua augusta Mãe com o título de Auxílio dos Cristãos.

Esta Obra, por acaso, causará prejuízo às outras já existentes?

Não só não causa prejuízo, mas as sustentará. Sem padres, sem pregação, sem sacramentos, o que acabaria sendo a *Obra da Propagação da Fé*, da *Santa Infância* e de todas as demais obras pias?

<sup>66</sup> Padre Paulo Albera (1845-1921), aluno de Dom Bosco e seu segundo sucessor como Reitor-Mor da Sociedade Salesiana (1910-1921).

### *Vantagens espirituais*

1. Os que colaboram, mesmo com pequeníssima oferta, recebem uma bênção especial do santo padre, que abençoa e recomenda a *Obra de Maria Auxiliadora*.

2. Têm ainda o mérito de haver contribuído com uma grande obra de caridade. *Não se pode fazer coisa melhor*, diz São Vicente de Paulo, *do que contribuir para formar bons padres*.

3. Cada dia, na igreja de Maria Auxiliadora se celebrará uma santa missa pelos benfeitores: os alunos participarão dela com orações especiais pelos benfeitores e muitos deles farão a comunhão..

4. Os doadores participarão dos méritos de todas as missas, pregações, das outras boas obras e das almas que os padres formados pela sua caridade ganharão perante Deus no exercício do sagrado ministério; de modo que certamente serão aplicadas aos doadores as palavras de Santo Agostinho: *Animam salvasti, animam tuam praedestinasti*.

5. Indulgências, etc.

As indulgências serão descritas à parte. Informações sobre elas serão enviadas a todos os que derem o próprio nome a esta obra de caridade que visa somente ao bem geral de toda a Igreja.

### *Programa*

#### *Escopo da Obra*

O escopo desta Obra é o de acolher jovens mais adultos que tenham a vontade decidida de fazer os estudos literários graças a cursos apropriados a fim de abraçar o estado eclesiástico.

#### *Aceitação*

1. O aluno deve pertencer a uma família honesta, ser sadio, forte, de bom caráter, ter a idade entre 16 e 30 anos. Serão aceitos de preferência os que são liberados do serviço militar ou então que têm alguma probabilidade de serem dispensados dele (1).

(1) Recebem-se também os que já têm mais de 30 anos, contanto que já tenham realizado algum curso literário.

2. Que possua um certificado que declara ter comportamento edificante, a frequência às celebrações paroquiais e aos santos sacramentos, a vontade decidida de abraçar a carreira eclesiástica e que tenha pelo menos terminado os cursos elementares da língua italiana.

3. Atestado de nascimento, de ter tido varíola, declarando também se pode pagar pelo menos em parte as despesas prescritas pelo programa.

4. Não haverá saída para as férias do outono. O descanso necessário será providenciado no próprio colégio ou em outro local escolhido para essa finalidade.

5. Terminados os cursos literários, cada aluno é livre de fazer-se religioso, ir para as missões estrangeiras ou voltar para a própria diocese a fim de pedir ao próprio bispo a autorização de vestir a batina. Neste último caso, o diretor da Obra terá o cuidado de recomendar humildemente os candidatos ao respectivo ordinário diocesano, a fim de que, segundo o mérito de cada um, queira levá-los em benévola consideração.

### *Estudo*

1. O estudo abraça exclusivamente o curso clássico até a filosofia; o ensino abrange somente a língua italiana, o latim, a história, a geografia, a aritmética, o sistema métrico e elementos de língua grega.

2. Ficam dispensados dessas matérias os que não têm a idade acima indicada ou não pretendem consagrar-se ao estado eclesiástico.

3. A pensão é fixada em 24 francos por mês e é paga antecipadamente a cada trimestre. Para um ano inteiro é de 300 francos; para todo o tempo dos estudos é de 800 francos.

4. Com esta soma cobrem-se todas as despesas das aulas de literatura, de canto gregoriano, de música, declamação e também de alimentação, moradia, médico, barbeiro. Ficam a cargo dos alunos as despesas para roupas, sapatos, concertos, remédios e livros.

5. O tratamento quanto à alimentação é o seguinte: no café da manhã e na merenda da tarde, pão à vontade; no almoço, sopa, um prato com mistura, vinho e pão à vontade; no jantar, sopa, pão à vontade, com algum acompanhamento.

### *Enxoval*

Os alunos se vestirão normalmente, não há uniforme obrigatório. Entrando para o colégio, trarão consigo duas mudas de roupa de verão e duas para o inverno, das quais uma será para os dias festivos e para os casos de saídas.

O enxoval compreenderá pelo menos 6 camisas – 4 lençóis – colcha e cobertor para o inverno – travesseiro com três fronhas – 6 pares de meias – 3 conjuntos de roupa de baixo – camiseta – 8 lençóis – 4 toalhas de rosto – 2 pares de sapatos – 2 chapéus ou bonés – baú – acolchoado de 1,75m de comprimento por 0,70m de largura.

O estabelecimento fornecerá somente a cama e o colchão, pelo qual se pagarão 12 francos uma só vez.

N.B. Os pedidos para aceitação serão feitos ao padre João Bosco, em Turim, ou então ao padre Paulo Albera, diretor do internato São Vicente em Sampierdarena.

Com aprovação do revisor eclesiástico<sup>67</sup>.

## 21. Ao padre José Maria Timon-David

Edição crítica em E(m) V, pp. 178-179.

[Varazze, posterior a 20 de julho de 1876]

Senhor Padre<sup>68</sup>,

O senhor advogado Ernesto Michel, de Nice, meu bom amigo, falou diversas vezes de um notável número de jovens italianos que, com a própria família ou em busca de trabalho, vão a Marselha.

Esses jovens, muito pouco instruídos nos conhecimentos escolares e religiosos, ignorando a língua francesa, ficam expostos a graves perigos morais. Dizendo isso, ele pensava que alguém das nossas casas talvez pudesse fazer algum bem. Esta é a razão principal da sua proposta.

Quanto ao senhor, padre, eu lhe digo de todo coração, se de algum modo eu puder ajudar, ou melhor, acrescentar um grãozinho de areia na balança de tantas obras de caridade que existem em Marselha, farei isto de boa vontade, contanto que:

<sup>67</sup> A ereção da Obra pelas vocações adultas e a sua divulgação mediante a imprensa encontrou obstáculos da parte do arcebispo Gastaldi, de Turim.

<sup>68</sup> Sacerdote francês (1823-1891), fundador em 1847 da *Obra para a juventude operária do Sagrado Coração* e em 1852 da Congregação do Sagrado Coração para o serviço da mesma. A fundação da casa salesiana de Marselha em 1878 foi encaminhada a partir deste contato.

1º Eu tenha a prévia aprovação do arcebispo, de quem entendo sempre depender, não só nas coisas de religião, mas em qualquer coisa que lhe parecer conveniente aconselhar.

2º Que vossa senhoria julgue essa iniciativa conveniente e que a Obra da Juventude Operária me dê seu apoio moral.

3º As nossas casas vivem da Providência e isso nos é suficiente, nunca se procuram anuidades pecuniárias. Para mim basta poder dispor de um local para reunir os mais pobres nos dias festivos e dar acolhida aos que estiverem em completo abandono. Já se observou que qualquer obra pia já existente nunca veio a colidir com o que fazem os salesianos.

Dito isto, peço-lhe a bondade de falar da minha parte com sua excelência o arcebispo de Marselha e de ouvir da parte dele um parecer; além disso, se o senhor tem algo a me sugerir para esta finalidade, fará um grande favor de me dizer.

Durante o próximo outono, indo à casa de Nice, será fácil dar um pulo até Marselha e dar maiores explicações pessoalmente.

Se por acaso vossa senhoria ou outras pessoas vierem para os nossos lados, ofereço-lhes de bom grado esta casa para qualquer serviço que for oportuno.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco; e queira rezar por mim, que sou, no Senhor,

Humílimo servidor

Sac. João Bosco

## 22. Circular para a casa das Filhas de Maria Auxiliadora em Nizza Monferrato

ASC A1760326 *Circolari, inviti ad altri*, rascunho alógrafo com correções autógrafas; edição em E III, pp. 306-307.

Turim, março de 1878

Benemérito Senhor,

Nas proximidades da cidade de Nizza Monferrato, há vários séculos existe um convento com uma igreja anexa sob o título de santuário de Nossa Senhora das Graças. Todos os moradores de Nizza ainda lembram o tempo em que esse lugar abençoado era um convento de santos monges que, com a austeridade da vida e o fervor da oração assídua, imploravam as bênçãos do céu sobre o povo cristão.

A igreja aberta ao culto público e regularmente oficiada pelos monges do convento era um verdadeiro santuário, um pacífico refúgio da piedade, onde muitos iam consolar-se das dificuldades da vida e não poucos ali encontravam o caminho da saúde que tinham perdido. Todavia, dispersos os monges por causa de acontecimentos políticos, a igreja e o convento foram vendidos e transformados para usos profanos, em depósito de vinho.

A profanação daquele lugar santo provocou amargo sofrimento no coração dos fiéis que, em uníssonos, pedem uma restauração para usos piedosos; muitos devotos de Nizza a solicitam com promessas e orações. Foi então que, encorajado por pios e respeitados eclesiásticos e seculares, decidi lançar-me à empresa e, de acordo com o bispo da diocese e com os religiosos, dispondo de prévia licença da Santa Sé, adquiri o convento e a igreja e agora está sendo feita a restauração a fim de que quanto antes se possa celebrar ali o culto divino.

A igreja será atendida por sacerdotes, de tal modo que os fiéis poderão comodamente cumprir ali suas devoções, e o convento será transformado em casa de educação<sup>69</sup>, que, enquanto serve de ornamento para a cidade de Nizza, também proporcionará aos pais um meio fácil de educar os filhos na ciência e na piedade.

Mas para realizar esse empreendimento são necessárias grandes despesas, dado que a aquisição custou 32 mil francos, sendo que somente a metade

<sup>69</sup> Dom Bosco não especifica que o instituto seria destinado à educação das meninas sob a direção das Filhas de Maria Auxiliadora.

foi paga; e para executar a restauração e providenciar os móveis faltam absolutamente os meios indispensáveis. Todos sabem que o pobre redator desta carta só se dedicou a esta obra confiando na Providência do Senhor e na piedade das pessoas às quais estão a peito as obras úteis à religião e à sociedade civil.

Sendo assim, eu me dirijo a vossa senhoria ilustríssima, pedindo-lhe queira me ajudar da maneira que as suas forças o permitirem e a sua piedade sugerir.

Além de dinheiro, aceitam-se ofertas em material de construção, móveis, alfaias, madeira, lenha para queimar e tudo o mais que possa servir para a finalidade acima indicada.

Enquanto agradecemos as grandes ofertas, receberemos também com reconhecimento as pequenas, pois o Senhor levará em conta tanto o óbolo da viúva como as generosas ofertas do rico.

Para receber essas ofertas em Nizza foi nomeada uma comissão composta pelas caridosas pessoas do senhor padre Bisio, pároco de São João, do geometra senhor Luís Terzani e do senhor Berta. Em Turim, o abaixo assinado.

Nas localidades da diocese de Asti a obra é humildemente recomendada ao zelo e à caridade dos reverendos senhores párocos, pedindo-lhes queiram promover e receber qualquer oferta, fazendo-a chegar ao citado padre Bisio, pelos meios que julgarem mais oportunos.

Estou contente em poder assegurar a todos os beneméritos doadores a bênção apostólica do novo pontífice reinante Leão XIII, que em data de 23 de fevereiro passado se dignou concedê-la de todo o coração.

Da minha parte, além da sincera e inalterável gratidão, garanto-lhe a cordial oferta de orações, das missas, de todas as obras de religião que todos os dias se farão na igreja e no convento acima indicado, e assim impetrar copiosas bênçãos do céu para estes benfeitores.

Com ânimo altamente reconhecido, tenho a honra de poder professar-me

De vossa senhoria obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco



### 23. O Oratório de São Francisco de Sales

Edição impressa em *L'Oratorio di S. Francesco di Sales – Ospizio di beneficenza. Esposizione del sacerdote Giovanni Bosco*. Turim, Tipografia salesiana, 1879 (OE XXXI, 257-267)<sup>70</sup>.

[Turim, 1879]

*O Oratório de São Francisco de Sales não é um ginásio particular*<sup>71</sup>

A denominação de ginásio particular, atribuída erroneamente ao internato de São Francisco de Sales nestes últimos dias, causou prejuízo e não leves incômodos aos jovens ali recolhidos.

A fim de oferecer à autoridade escolar e às outras autoridades do Estado uma ideia exata da natureza e do escopo deste instituto, certamente será útil um informe histórico, pelo qual se conheça qual foi o seu relacionamento com as autoridades públicas, e como sempre foi reconhecido por elas como obra de caridade desde os primórdios até o presente.

*Primórdios e escopo deste Oratório*

Antes de tudo, deve-se dizer que, ao frequentar as prisões desta cidade, o abaixo assinado pôde ter a certeza de que um grande número de jovens descontava a pena de delitos para os quais tinham sido arrastados mais pela inconsideração do que pela malícia. Pôde também convencer-se de que esses jovens, se na época da sua saída da prisão encontrarem um ânimo benévolo que os apoia, não voltariam a cair nos mesmos delitos que expiaram; e muitos jovens em situação de risco, em geral vindos de fora, graças à assistência paterna, com muita facilidade poderiam manter-se longe de praticar o mal.

<sup>70</sup> Não publicamos aqui os apêndices citados.

<sup>71</sup> No dia 16 de maio de 1879, um decreto ministerial tinha imposto o fechamento do ginásio de Valdocco porque os professores não dispunham de títulos legais. Dom Bosco apelou para o ministro da Instrução Pública (26 de junho), apresentou uma exposição ao rei Humberto I (6 de julho), recorreu ao próprio rei para que o decreto fosse anulado (13 de novembro), o qual transmitiu o recurso ao Conselho de Estado (24 de dezembro). Contemporaneamente, a tipografia de Valdocco imprimia a *Exposição* aqui reproduzida e também o sucessivo recurso ao Conselho de Estado (OE XXX, 449-480), no qual se sustentava a ilegitimidade do decreto ministerial. A questão se concluiu com a rejeição do recurso (29 de novembro de 1881), mas nesse meio tempo Dom Bosco já tinha providenciado professores dotados de títulos legais.

Com esta finalidade, em 1841 comecei a Obra dos Oratórios, ou seja, dos encontros de recreação, onde, especialmente nos dias festivos, se reúnem meninos pobres e abandonados. Ali são entretidos com ginástica, declamação, música, teatrinho e outros divertimentos amenos. A instrução elementar, o estudo da religião e das normas de boa educação também fazem parte desses entretenimentos.

Em 1846 começaram as aulas noturnas, que foram visitadas por uma deputação de conselheiros municipais. Mostraram-se altamente satisfeitos, e após apresentar um relatório em pleno Conselho de ministros, foi decretada uma doação de mil francos, mais um subsídio anual de 300 francos para as aulas noturnas, subsídio que continuou até 1877.

Veio também uma comissão da parte da Obra da Mendicidade Instruída que, em sinal de apreço, também concedeu um prêmio no valor de 1.000 francos.

Entre os jovens que frequentavam o oratório havia alguns de tal maneira pobres e abandonados que talvez teria sido inútil qualquer cuidado, caso não fossem recolhidos num internato, onde, alojados, vestidos e alimentados, fossem encaminhados a alguma arte ou ofício. Assim, em 1847 começou a funcionar o dito internato ou Oratório de São Francisco de Sales. Nele, todas as noites os jovens frequentam as aulas elementares de música vocal ou instrumental, desenho, sistema métrico, aritmética e outros estudos adaptados a seus ofícios.

Durante o dia são ocupados nos ofícios de marceneiro, sapateiro, alfaiate, encadernador, tipógrafo, compositor, fundidor de caracteres, estereotipia, calcografia, pintura, fotografia, etc.

Alguns, contanto que sejam dotados de inteligência pronta, ou por pertencerem a famílias que decaíram de sua posição social, costuma-se encaminhá-los ao curso técnico, ao estudo da língua francesa e também a alguns anos de estudos clássicos. Desta maneira, providenciaram-se alunos compositores na tipografia do instituto, assistentes no internato, enquanto não poucos enveredaram pela carreira militar ou se deram aos estudos literários, conforme a cada um parecesse mais conveniente a fim de chegar em pouco tempo a ganhar honestamente o próprio sustento. Desse modo foi possível atender às propensões dos nossos jovens e organizar um sistema educativo conveniente para um instituto que em pouco tempo chegou a recolher 900 jovens, pois este é o número de alunos do nosso internato.

Até este momento, o Oratório de São Francisco de Sales foi considerado internato de caridade, em benefício de jovens pobres e abandonados, e a autoridade escolar ajudou-o material e moralmente.

*O senado do reino e o ministro do Interior*

Esta nova maneira de recolher e educar os filhos da porção mais necessitada e, podemos dizer, mais em situação de risco, da sociedade, atraía gente de várias partes.

O prefeito de Turim, cavalheiro Bellono, o representante do governo na província, vários deputados e senadores vieram com prazer fazer-nos uma visita, passando horas nas oficinas, nas aulas e até mesmo no recreio dos jovens.

Um dia veio o conde Sclopis com o marquês Inácio Pallavicini e o conde Luís di Collegno, todos senadores do reino. Visitaram o internato, as aulas, o pátio para o recreio e os encontros nos dias festivos. Admiraram especialmente a solicitude com que se procura colocar junto a um bom patrão todos os jovens que estão sem trabalho e que já alcançaram a idade de assumir um ofício.

Ao partir, disseram que iriam referir tudo no senado a fim de recomendar calorosamente a causa ao governo e convencê-lo a favorecer uma instituição que tem como finalidade, diziam, diminuir o número dos transviados e dos que vão povoar as prisões.

De fato, no retorno em 1º de março de 1850, a câmara dos senadores deu um esplêndido testemunho a respeito da Obra dos Oratórios. A comissão de senadores que esteve conosco recomendou vivamente ao governo a Obra dos Oratórios, a fim de favorecê-la, apoiá-la com meios morais e materiais, como instituição realmente útil aos nossos tempos, eminentemente humanitária e cristã.

Pode-se conhecer a exposição dessa visita nos atos do senado, como no Apêndice nº 1.

O governo, particularmente o ministro do Interior, levou então em grande consideração a recomendação dos senadores e colaborou também com meios materiais no desenvolvimento do internato.

Os ministros Rattazzi, Cavour, Farini, Lanza, Peruzzi, Ricasoli, Nicotera consideraram este instituto quase como uma obra sua, enviando-nos todo tipo de meninos abandonados. Quando havia alguma apresentação de ginástica, distribuição de prêmios, teatrinho ou concertos musicais, esses beneméritos senhores se diziam felizes em poder estar presentes como pais no meio dos próprios filhos. Mais de uma vez aconteceu que o representante do governo na província e o prefeito de Turim acompanharam o ministro do Interior e também os príncipes da casa real para tomar parte nas nossas festas de família.

Algumas cartas do Apêndice nº 2 dão testemunho do que se diz e atestam qual era o parecer que aqueles personagens tinham a respeito deste instituto.

### *O município de Turim*

O município de Turim sempre considerou a Obra dos Oratórios como instituição de beneficência. Encorajou-a com prêmios, favoreceu-a com meios materiais e encaminhou para ela muitas vezes meninos em situação de risco.

Em 1854, quando o *cólera-morbo* invadiu nossa região, o prefeito de Turim recolheu em lugar adequado os meninos que ficaram órfãos por causa da doença letal e confiou o cuidado e a direção ao abaixo assinado. Cerca de 50 dos mais abandonados foram enviados para este internato pelo próprio prefeito, aqui foram educados, instruídos e aviados a alguma arte ou ofício. Veja-se o Apêndice nº 3.

Outros meninos afetados pela mesma desventura, em número de 20, vieram para cá encaminhados pelo prefeito de Ancona; vários vieram de Sássari, de Nápoles e nove de Tortorigi na Sicília e de outros lugares da Itália.

### *As aulas do Oratório de São Francisco de Sales e a autoridade escolar*

Pelo espaço de mais de 35 anos as nossas escolas primárias, técnicas e secundárias, tanto para os internos quanto para os externos, foram sempre objeto de benevolência por parte da autoridade escolar.

A lei Boncompagni de 1848 considerou este internato como casa de acolhida de jovens pobres, instituto de artes e ofícios e nos deixou totalmente à vontade sob o ministério do Interior (Veja lei Boncompagni, art. 3).

O mesmo se diga da lei Lanza em 1857. Aquele ministro, não só deixou nossas escolas livres para escolher os professores, mas diversas vezes as subsidiou e em carta de 29 de abril de 1857 nos concedeu um prêmio de 1.000 liras, garantindo seu apoio e todos os meios que dele dependiam para que este instituto tivesse seu melhor desenvolvimento.

A lei Casati, em 1859, também deixou as nossas escolas em sua autonomia e, do ponto de vista pessoal e também mediante subsídios pecuniários, a autoridade escolar continuou a apoiar este instituto, o qual pôde gozar do livre exercício quanto aos professores.

Em 1865, o régio provedor dos Estudos, desconhecendo o caráter e a natureza completamente especial do mesmo, queria considerá-lo como um ginásio particular, e por consequência obrigado a ter professores dotados de títulos legais; mas uma carta do ministro do Interior e outra do prefeito de Turim, enviadas ao senhor ministro da Instrução Pública, declararam que esta era uma obra de beneficência em todo o rigor do termo; e observaram que a obrigação de ter professores dotados de títulos legais e, portanto, pagos conforme a lei, seria sua ruína, dado que não dispunha de um soldo no seu orçamento preventivo. Satisfeitos com este esclarecimento, não disseram mais uma palavra a respeito da legalidade dos nossos professores. Veja-se o Apêndice nº 4.

Em todo esse tempo (1841-1877), os ministros da Instrução Pública encaminharam a nós seguidamente meninos pobres; e os régios provedores se alegravam em poder vir eles mesmos às classes dar normas didáticas aos professores e lições aos próprios alunos. Todos esses superiores escolares sempre promoveram o nosso ensino e nunca pensaram em submetê-lo à lei comum pela seguinte razão:

1º É um instituto de caridade; vive de beneficência quotidiana; não compromete os interesses públicos nem privados de alguém. Pelo contrário, resulta em vantagem para o próprio governo, que frequentemente não saberia como cuidar de certos meninos que não são maus, mas que estão abandonados e em evidente perigo de se tornarem tais.

2º Estes jovens em geral são acolhidos gratuitamente, se excetuarmos as esmolas dos benfeitores que os recomendam. Assim costumaram fazer os nossos benfeitores e os próprios ministros do Estado. (Veja Apêndice nº 5).

3º Os alunos recebem a instrução totalmente gratuita e, em geral, é preciso inclusive fornecer-lhes gratuitamente livros, papel e objetos usados nas aulas.

4º Os professores, zelosamente e com abnegação digna de todo elogio, cumprem seus próprios deveres e encontram tempo para lecionar gratuitamente aos seus alunos.

5º O bom êxito dos alunos nos exames públicos e a luminosa carreira que vários deles percorrem nas letras, na filosofia, nas diversas faculdades universitárias, no exército e no comércio, são argumento evidente de que a instrução ministrada pelos professores satisfaz a comum expectativa.

*Erro de fato*

O que até aqui foi exposto parece demonstrar claramente que o Oratório de São Francisco de Sales é um lugar de acolhida, um instituto de caridade, onde, entre os meios educativos, há também gratuitamente o estudo secundário, técnico e profissional. Assim julgaram e praticaram todos os ministros da Instrução Pública e os régios provedores por mais de 35 anos. Somente em 1878 o senhor provedor dos Estudos em Turim, mal-informado do escopo e da natureza deste instituto, quis denominá-lo ginásio particular anexo ao Oratório de São Francisco de Sales e, portanto, submetê-lo à lei que rege os ginásios particulares. Daqui nasceu uma sua solicitação de professores dotados de títulos legais, depois a obrigação para os mesmos se encontrarem nas classes em horário determinado e, por fim, o fechamento do instituto e o despejo dos alunos.

É este um erro de fato, pois o ginásio anexo ao Oratório de São Francisco de Sales nunca existiu e ninguém sabe indicar o lugar onde ele está. Além disso, todos conhecem e sabem qualificar este Oratório como obra de caridade, ao qual estão anexos outros oratórios de beneficência, onde, entre alunos internos e externos dos dias festivos e dos dias feriais, mais os que frequentam as aulas diurnas e os que frequentam as aulas noturnas, reúne-se mais de um milhar de jovens pobres, para serem educados no saber, na moralidade, no trabalho.

*Pedido*

Exposto o que foi escrito acima, eu não pretendo fazer nenhuma acusação ou queixa contra ninguém: somente desejo tutelar o futuro dos meus alunos e, por isso, suplico humildemente sua excelência o ministro da Instrução Pública queira considerar este instituto ainda como internato de caridade, no qual o diretor faz a parte de pai em conformidade com a lei Casati, art. 251-252; e conceder que o abaixo assinado, sob própria responsabilidade e vigilância, possa instruir gratuitamente ou promover a instrução nos cursos elementares e técnicos segundo o art. 356;

Que ele possa continuar o ensino daquelas partes do curso secundário que percebe serem convenientes para a tipografia, o comércio, o exército ou outra carreira que venha a ser vantajosa para os jovens pobres deste instituto;

Que se possa continuar a receber livremente meninos pobres, salvando-os dos perigos, e terminar a educação que lhes proporcione um meio para chegarem quanto antes a ganhar honestamente o próprio pão.

## 24. Exposição à Santa Sé (1879)

Edição impressa em *Esposizione alla Santa Sede dello stato morale e materiale della Pia Società di S. Francesco di Sales nel marzo del 1879*. Sampierdarena, Tipografia salesiana 1879 (OE XXXI, 237-254).

[*Introdução*]

As Constituições desta Sociedade, no capítulo VI, prescrevem que cada três anos se faça uma relação à Santa Sé sobre o estado material, moral e sobre o progresso da mesma. Isto só foi feito aproximadamente no passado, dado que a abertura de novas casas e as modificações às quais a nascente Congregação teve que se adaptar, por causa das circunstâncias especiais dos tempos e dos lugares, impediram que fosse feita uma exposição completa e exata como se deveria fazer.

O Reitor-Mor desta Congregação, desejoso de em tudo prestar o devido obséquio à Santa Sé, com plena confiança de receber as observações e os conselhos que podem contribuir para a maior glória de Deus, cumpre agora o seu dever, expondo humildemente o estado em que se encontra esta Pia Sociedade nos diversos países nos quais exerce algum tipo de ministério ou toma parte na educação científica ou artística da juventude.

*Breves notícias sobre a Congregação de São Francisco de Sales de 1841 a 1879*

Esta Congregação, em 1841, não era mais do que um catecismo, um local de recreação nos dias festivos, ao qual, em 1846, se acrescentou um internato para aprendizes pobres, formando um instituto privado, segundo os moldes de uma família numerosa. Diversos sacerdotes e vários leigos ajudaram a obra como colaboradores externos do pio empreendimento. Em 1852, o arcebispo de Turim aprovou o instituto, concedendo de própria iniciativa todas as faculdades necessárias e oportunas ao sacerdote João Bosco, constituindo-o superior e chefe da Obra dos Oratórios.

A partir desse ano até 1858, começou a vida comum; aulas, educação dos clérigos, dos quais diversos se tornaram padres e permaneceram no instituto. Em 1858, Pio IX, de santa memória, aconselhou o sacerdote Bosco a constituir uma Pia Sociedade com a finalidade de conservar o espírito da Obra dos Oratórios. Ele mesmo traçou as Constituições, que na prática foram redigidas para a vida comum de uma congregação de votos simples.

Depois de seis anos, a Santa Sé, com decreto apropriado, louvava e recomendava o Instituto e as suas Constituições e definia o superior. Em 1870 [1869], o Instituto com as suas Constituições era definitivamente aprovado, com a faculdade de emitir as cartas dimissórias para os clérigos salesianos que tivessem entrado nas casas da Congregação antes dos 14 anos de idade.

Em 1874, as Constituições foram aprovadas de forma definitiva em cada um de seus artigos, com a faculdade de emitir indistintamente as cartas dimissórias *ad decennium* [por dez anos]. Em seguida, a Santa Sé, em tempos diversos, enriqueceu esta Pia Sociedade com os privilégios mais necessários para uma Congregação eclesiástica de votos simples. Nesse ínterim, foram fundadas diversas casas, à medida que a divina Providência concedia oportunidades e meios; crescendo em número bastante notável, foram divididas em inspetorias ou províncias.

Os irmãos, divididos nas diversas casas da Congregação, dependem do diretor da respectiva comunidade; os diretores estão sujeitos ao inspetor, que preside um número determinado de casas, formando uma inspetoria ou província. Os inspetores dependem do Reitor-Mor. Este, com o seu Capítulo Superior, administra toda a Congregação, em dependência direta e absoluta da Santa Sé.

Embora esta Congregação tenha como finalidade ocupar-se de modo particular da juventude em situação de risco, todavia, os seus membros se dispõem de bom grado a ajudar em paróquias e institutos de beneficência, mediante a pregação de tríduos, novenas, exercícios espirituais, missões, pondo-se à disposição dos fiéis para celebração da santa missa e o ministério das confissões. Além disso, dedicam-se a compor, publicar, difundir bons livros, divulgando cada ano mais de um milhão deles.

### *Inspetoria Piemontesa*

*Casa-mãe, dita Oratório de São Francisco de Sales. Sob este nome se entende:*

1. A igreja de Maria Auxiliadora, frequentada por mais de mil pessoas, que comparecem para assistir aos catecismos, ouvir a santa missa, as prega-



ções, receber os santos sacramentos e participar de outras práticas de piedade semelhantes.

2. Ginásio com as cinco classes secundárias.

3. Estudantado para os clérigos.

4. Casa de noviciado.

5. Casa e oficinas para aprendizes, onde se exercem os principais trabalhos da sociedade civil.

6. Igreja dedicada a São Francisco de Sales, com pátio para a recreação nos dias festivos, destinado aos jovens externos da cidade de Turim.

7. Aulas diurnas e noturnas para os meninos mais pobres e abandonados da cidade de Turim.

8. Na parte oposta da cidade há uma igreja e pátio para recreação sob o título de São Luís, onde os meninos comparecem a todas as celebrações sagradas e à instrução religiosa; ali se está construindo uma igreja monumental em honra de Pio IX, com internato anexo.

9. Anexas a esse Oratório há as aulas diurnas para os meninos pobres e abandonados. Este Oratório e estas aulas têm como objetivo afastar os jovens do protestantismo, que ali perto tem um templo, internato, escolas e hospital.

10. Oratório, igreja, pátio para recreio, sob o título de São José, na paróquia dos Santos Pedro e Paulo.

11. Também foi confiado ao ministério dos salesianos o albergue de São José, destinado a recolher as jovens que precisam de trabalho e de assistência especial.

12. Cuidam também do instituto dito Família de São Pedro, que tem por objetivo receber as jovens transviadas que saem das prisões, desejosas de encaminhar-se para o trabalho e para uma vida cristã.

13. O mesmo serviço religioso é prestado ao instituto do Bom Pastor, destinado a preservar da ruína as jovens em situação de risco e acolher as penitentes que procuram um asilo seguro para a moralidade.

14. Perto de Turim há o colégio de Valsalice, destinado aos jovens de condição senhoril; ali se ministra quase todo o curso elementar, ginásial e liceal.

15. Junto ao mesmo colégio se encontra a capelania para os irmãos inválidos das Escolas Cristãs.

16. Fora de Turim, não muito longe da cidade de Caselle, há oratório e capelania em favor do público, com aulas para os meninos. Nesta obra, os noviços da Congregação costumam passar o tempo de verão.

17. Perto de Lanzo, na localidade de Mathi, há uma fábrica de papel onde se empregam os jovens a trabalhar e fabricar o papel para a nossa tipografia dos institutos de Turim, Sampierdarena, Nice, Montevideo e Buenos Aires.

18. Em Lanzo, há o colégio de São Felipe Neri, com 250 alunos internos e outros tantos externos, igreja pública e o curso elementar e ginásial.

19. Junto a esta mesma localidade foi confiada aos salesianos uma capelania sob o título de Santa Cruz.

20. Na diocese de Ivrea, na localidade de San Benigno, há um grande edifício, no qual se encontra o estudantado para os clérigos e os padres da Congregação. Ali funciona uma igreja pública anexa ao instituto e se administra instrução escolar aos jovens do lugar.

21. Na diocese de Casale, na localidade chamada Borgo San Martino, há o pequeno Seminário ou Colégio de São Carlos, no qual se administra a instrução elementar e secundária para mais de 200 jovens.

22. Administra-se também instrução primária e secundária a todos os meninos desse povoado.

23. Em Mornese, diocese de Acqui, administram-se as escolas públicas em favor da juventude daquele lugar.

24. Na diocese de Mondovì, na localidade de Trinità, há um instituto sob o título de Maria Imaculada, com igreja pública, oratório e pátio para divertimento nos dias festivos, aulas noturnas e diurnas.

### *Inspetoria Lígure*

A casa inspetorial desta província se encontra na cidade de Alassio, diocese de Albenga.

Aqui existe:

25. Igreja pública sob o título de Maria Santíssima dos Anjos, atendida em favor da juventude e dos adultos da cidade.

26. Colégio no qual há mais de 200 alunos internos e mais de 400 externos; ali se ministram o ensino primário, secundário e técnico.

27. Anexa ao colégio de Alassio, há a administração das escolas públicas da localidade de Laigueglia.

Observa-se que o doutor Francisco Cerruti, diretor deste colégio, foi constituído pelo ordinário da diocese diretor espiritual-geral de todos os institutos religiosos femininos da mesma diocese.

28. Na diocese de Ventimiglia, na localidade de Vallecrosia, se encontra a casa de Maria Auxiliadora. Aqui há igreja pública e escolas primárias, fundadas propositadamente para afastar a juventude do protestantismo que a pouca distância mantém abertas as suas escolas, seu templo e um internato.

29. Na diocese de Savona, na cidade de Varazze, o colégio São João Batista, no qual se administra instrução elementar, técnica e ginásial a aproximadamente 150 jovens internos.

30. Idêntica instrução é administrada a cerca de 500 jovens externos.

31. Na igreja pública da mesma cidade se acolhem os jovens no maior número possível para a instrução religiosa e a frequência dos santos sacramentos.

32. Na diocese de Gênova, na cidade de Sampierdarena, há o internato de São Vicente de Paulo, com igreja pública frequentada por mais de um milhar de fiéis para ouvir a santa missa, fazer a confissão, acompanhar as pregações e o catecismo.

33. Há aqui o colégio dito dos Filhos de Maria Santíssima Auxiliadora para adultos que aspiram ao estado eclesiástico: são cerca de 200.

34. Aqui também se encontram os aprendizes com as respectivas oficinas.

35. Há também as aulas noturnas e diurnas, tanto para jovens internos quanto para os externos.

36. O arcebispo da diocese confiou aos salesianos a igreja paroquial sucursal de Nossa Senhora das Graças.

37. Na diocese de Sarzana, na cidade de La Spezia, existe o internato São Paulo. Aqui há igreja pública para todos os fiéis, aulas diurnas, noturnas e semi-internato. Estas aulas têm como finalidade principal afastar os jovens das escolas protestantes que se encontram a pouca distância do internato.

Este instituto foi fundado a pedido e com a caridade do sumo pontífice Pio IX, de feliz memória, e é mantido pela liberalidade de Sua Santidade Leão XIII, felizmente reinante.

38. Na diocese de Lucca há um internato, igreja pública, oratório e pátio para os meninos daquela cidade.

### *Inspetoria Romana*

39. Em Magliano, capital da Sabina, os salesianos administram e dirigem o pequeno e o grande seminário, dando instrução primária e secundária, inclusive filosofia e teologia; dessas escolas participam os alunos da cidade. Aqui há também um internato para os jovens de classe média.

40. Na diocese e na cidade de Albano há escolas públicas ginásiais, municipais e pequeno seminário.

41. Aqui também se administra uma igreja pública em benefício dos fiéis.

42. Na cidade de Ariccia são administradas as escolas elementares da cidade e funciona uma igreja pública em favor dos jovens e dos adultos.

43. Um professor de belas letras proporciona ensino escolar no seminário de Montefiascone.

### *Apêndice para a Inspetoria Piemontesa*

44. Na diocese de Pádua e na cidade de Este há um colégio-internato sob o título de colégio Manfredini, no qual se dá instrução primária e secundária.

### *Apêndice à Inspetoria Lígure para as casas da França*

45. A Congregação começou a estabelecer-se na França em 1875. A primeira casa foi aberta na diocese e cidade de Nice, sob o título de *Patronato São Pedro*, onde há 120 jovens internos destinados às artes e aos ofícios e alguns que se dedicam ao estudo para o estado eclesiástico.

46. Em outra parte da mesma cidade há oratório e ambiente de recreação para os dias festivos, onde se acolhem cerca de cem meninos pobres para as práticas religiosas e para entretenimentos dominicais.

47. Na diocese de Fréjus, na região dita La Navarre, há colônia agrícola, onde vários jovens se dedicam ao cultivo da terra e outros ao estudo, como aspirantes ao estado eclesiástico.

48. Em Saint-Cyr, não longe de Toulon, outro estabelecimento agrícola, onde numerosos jovens são assistidos e encaminhados aos trabalhos do campo.

49. Na diocese e na cidade de Marselha, há o *Oratório São Leão*, onde se acolhem vários meninos abandonados que se dedicam a ofícios diversos.

50. Aqui intervém também a assim chamada Coordenadoria da paróquia de São José, para aulas de literatura, música e cerimônias. A finalidade principal é a de cultivar as vocações ao estado eclesiástico.

### *Inspetoria Americana*

Com o aconselhamento e a ajuda material do caridoso Pio IX, tratou-se da expedição de salesianos para a América. O sumo pontífice propôs três objetivos: 1. Tomar conta dos adultos, especialmente dos jovens italianos, que em grande número se encontram dispersos na América do Sul; 2. Abrir casas nas proximidades dos selvagens para que sirvam como pequeno seminário e internato para os mais pobres e abandonados; 3. Desta forma, abrir caminho para a propagação do Evangelho entre os índios pampas e patagões. A primeira expedição foi feita em 1875. Desejosos de cooperar com as intenções do santo padre, os salesianos, em número de 10, foram a Roma para receber a bênção e a missão por parte do vigário de Jesus Cristo; no dia 14 de novembro daquele ano partiram de Gênova e chegaram a Buenos Aires, capital da República Argentina, no dia 14 do mês seguinte. Atualmente os salesianos na América são mais de 100 e se ocupam da seguinte forma:

51. Na diocese e cidade de Buenos Aires, casa inspetorial na paróquia recentemente erigida de São Carlos em Almagro, com cerca de 6.000 almas.

52. Internato Pio IX, no qual cerca de 150 jovens aprendem artes e ofícios.

53. Escolas públicas, oratório e entretenimento nos dias festivos para os externos.

54. Noviciado e estudantado da Congregação.

55. Paróquia, na assim dita La Boca, dedicada a São João Evangelista, com cerca de 27 mil habitantes, quase todos italianos.

56. Escolas públicas para meninos pobres.

57. Cuidam também da igreja *Mater Misericordiae* ou *dos Italianos*. Esta igreja é especialmente destinada aos adultos e aos jovens italianos que aqui,

em grande número, participam das práticas religiosas, vindo de todos os bairros da cidade e das localidades próximas.

58. Na cidade de San Nicolás de los Arroyos, a pouca distância dos selvagens, há um colégio ou pequeno seminário para as missões, onde já se conseguiram algumas vocações.

59. Igreja pública em favor dos adultos daquela cidade.

60. Administra-se também a paróquia de Ramallo, que é uma localidade com cerca de 4.000 almas. A esta paróquia costumam acorrer os habitantes das várias estâncias da numerosa colônia italiana para assistir as práticas religiosas, pelo menos nos dias festivos, especialmente para a administração do batismo e do matrimônio.

### *República do Uruguai*

61. Colégio Pio de Villa Colón e seminário para as missões. Este colégio é também considerado como pequeno seminário diocesano e é equiparado à universidade do Estado.

62. Ali há também uma igreja pública em favor da população próxima.

63. Em Montevideu, capital da República, oratório com aulas para os meninos pobres e em situação de risco.

64. Na cidade de Las Piedras administra-se a paróquia com seis mil almas, escolas públicas e oratório festivo.

### *Casas das quais os salesianos quanto antes assumirão a direção*

Um colégio na diocese e cidade de Milão, na paróquia de Nossa Senhora Coroada.

Um internato, oratório com pátio para o recreio nos dias festivos, na diocese e cidade de Cremona.

Internato e oratório na cidade de Lugo, diocese de Faenza.

A mesma coisa nas cidades de Brindes, Catânia e Randazzo na Sicília.

Em Challonges, perto de Annecy, em Paris-Auteuil, em Santo Domingo, no Brasil e no Paraguai, etc.

## *Observações*

De forma geral, observa-se:

1° As casas da Congregação são de propriedade dos membros da mesma; existem algumas dívidas, mas há estabelecimentos à venda com valor suficiente para cobri-las.

2° Os jovens que possuem educação cristã, artística ou literária são cerca de 40.000. Desses, cerca de 300 entram todos os anos para a carreira eclesiástica. Quando os alunos decidiram a própria vocação, a maior parte volta para a própria diocese, outros abraçam o estado religioso e alguns se consagram às missões estrangeiras. Depois da aprovação definitiva da Santa Sé, as vocações cresceram de forma muito confortadora. Quando a Congregação foi aprovada pela Santa Sé (3 de abril de 1874), os salesianos eram 250; atualmente ultrapassam os 700 e as obras a eles confiadas, que eram 17, hoje chegam a 64.

### *Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora*

Quando foi apresentado o catálogo da nossa Pia Sociedade, nele constava também o Instituto de Maria Auxiliadora, fundado em Mornese, diocese de Acqui, em 1873. Seu escopo é o de exercer as obras de caridade para com as meninas pobres. Este humilde Instituto, que então possuía somente uma casa, graças à divina bondade, também teve um notável crescimento, como segue:

1. Em Mornese, casa religiosa, casa de noviciado e de postulantes.
2. Na mesma localidade, educandário para meninas pobres, escolas públicas, com encontros nos dias festivos para as mais adultas.
3. Em Nizza Monferrato, na casa de Nossa Senhora das Graças, educandário interno, aulas e oficinas para as externas, estudantado para as irmãs.
4. Na diocese e cidade de Turim, Instituto São Carlos, onde ministram aulas feriais para as meninas pobres, com oratório, aulas dominicais e encontros para as mais adultas.
5. Anexa à mesma casa, estudantado para as irmãs que se preparam aos exames públicos para professoras.
6. Em Chieri, educandário e escolas femininas para as externas, sob a proteção de Santa Teresa.
7. Na mesma cidade abriram-se o oratório e aulas dominicais para as mais adultas, com a presença de mais de 400.

8. Em Lanzo Torinese cuidam da cozinha e da lavanderia do colégio salesiano São Filipe Neri.

9. Na diocese e na cidade de Biella cuidam da cozinha e da lavanderia do seminário episcopal.

10. Na diocese de Casale, em Borgo San Martino, prestam o serviço da cozinha, da lavanderia, da rouparia e promovem encontros nos dias festivos para as jovens mais adultas do lugar.

11. Em Lu, possuem um asilo, aulas e oficina para as meninas pobres e promovem encontros festivos para as mais adultas.

12. Em Quargnento, diocese de Alessândria, as irmãs dirigem asilo infantil e promovem encontros e aulas nos dias festivos para as mais adultas.

13. Em Sampierdarena, diocese de Gênova, cuidam da lavanderia, rouparia, cozinha do Internato São Vicente e promovem encontros festivos para as meninas mais adultas.

14. O mesmo tipo de serviço é prestado no colégio de Alassio, diocese de Albenga.

15. Na diocese de Ventimiglia, em Vallecrosia, têm aulas e oficina e promovem encontros nos dias festivos para as meninas mais adultas a fim de afastá-las dos protestantes, que lá abriram escolas e internato e que as aliciam com prêmios e promessas.

16. Na diocese e cidade de Nice prestam serviço na lavanderia e rouparia do Patronato São Pedro.

17. Na diocese de Fréjus, na região de La Navarre, cuidam da lavanderia e rouparia, da cozinha para os jovens da colônia agrícola ali estabelecida.

18. Em Saint-Cyr prestam o mesmo serviço que em La Navarre.

### *Casas da América*

19. Na diocese de Montevideú, as irmãs acabam de abrir na paróquia de Las Piedras escolas públicas para as meninas pobres.

20. Em Villa Colón têm escola, oficinas nos dias feriais e encontros nos dias festivos para as meninas pobres.

21. Na cidade e diocese de Buenos Aires abriram há pouco escola e oficina com encontros nos dias festivos para as meninas pobres e abandonadas.



### *Observações*

As casas em que moram as irmãs são todas da Congregação, mas sempre há um salesiano à sua frente. Quanto à parte moral, o espírito de piedade e a observância regular, tudo é bastante satisfatório, o que é motivo para agradecer a misericórdia do Senhor. Quanto à parte material, há algumas dívidas, mas há também os meios garantidos para pagá-las no momento do seu vencimento. Como se pode notar por aquilo que foi dito acima, o Instituto de Maria Auxiliadora, que em 1874 tinha uma só casa, agora tem 21, e as irmãs que eram de 10 a 15 naquela época, agora subiram para mais de trezentas; e há muitos pedidos de admissão, enquanto de várias partes há também muitos pedidos para abrir novas casas ou para assumir a administração de obras já encaminhadas, mas que necessitam de apoio.

### *Situação moral da Congregação Salesiana*

Feita a exposição da situação e do incremento material que a bondade divina concedeu à humilde Congregação Salesiana, agora se apresenta uma breve síntese sobre sua situação moral.

1. A observância das Constituições, graças a Deus, se mantém em todas as casas e até agora não houve nenhum salesiano que, esquecendo sua condição, tenha dado algum escândalo. O trabalho supera as forças e o número das pessoas, mas ninguém desanima, e até parece que a fadiga se torna um segundo alimento material. É verdade que alguns foram vítimas do próprio zelo, tanto na Europa quanto nas missões estrangeiras, mas isto só fez com que aumentasse nos outros religiosos salesianos o ardor para trabalhar. Providenciou-se, porém, a fim de que ninguém trabalhe além das próprias forças, com prejuízo da própria saúde.

2. Os pedidos dos aspirantes salesianos são bastante numerosos, mas notou-se que muitos têm vocação para outras ordens religiosas ou para padres seculares, não para se inscreverem na Pia Sociedade de São Francisco de Sales. Os pedidos anuais giram em torno de 300, dos quais cerca de 150 são admitidos ao noviciado; aqueles que no fim do noviciado professam são em torno de cento e vinte.

3. Com os párocos e com os ordinários diocesanos estamos em ótimas relações e podemos dizer que eles são para nós como pais e benfeitores. Só

com um ordinário é que há dificuldades, sem nunca poder saber o motivo<sup>72</sup>. Com a paciência, com a ajuda do Senhor e trabalhando obedientemente na sua diocese, espera-se que seja possível conquistar a benevolência de que gozamos em todas as demais dioceses.

4. Outra grande dificuldade foi encontrada na ausência dos privilégios. Deseja-se que os salesianos tenham os privilégios de que comumente gozam as ordens religiosas e as outras congregações eclesásticas, mas isto até agora a Santa Sé não julgou oportuno conceder<sup>73</sup>. O andamento moral e material ficaria bem mais fácil graças à concessão dos privilégios, do que se faz aqui humildemente uma solicitação.

5. Houve o primeiro Capítulo-Geral em setembro de 1877. Foram tratados vários assuntos importantes para a prática das nossas Constituições, mas antes de enviar à Santa Sé as deliberações assumidas, julgou-se oportuno pô-las em prática por algum tempo para conhecer as correções a fazer, introduzir nelas as modificações e submetê-las a outro Capítulo-Geral, se Deus quiser, em setembro de 1880.

6. Todos os sócios da Congregação se unem ao seu Reitor-Mor para homenagear a Santa Sé e professar inviolável apego ao santo padre e suplicam que esta suprema autoridade da Igreja continue a usar para com ela de paterna assistência, enquanto eles, com todo empenho possível, nunca deixarão de manter a fé e a obediência em relação ao vigário de Jesus Cristo, em todos os países onde possuem casas, seja na Europa, seja na América.

*Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam.*

Sac. João Bosco  
Reitor-Mor

<sup>72</sup> A alusão se refere ao arcebispo de Turim Lourenço Gastaldi; veja-se a seção deste volume que aborda este desentendimento (nn. 80-90).

<sup>73</sup> Foram concedidos somente dez anos mais tarde (veja n. 38).

## 25. “Esclarecimentos ao prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, cardeal Inocêncio Ferrari, quanto à exposição anterior”

*Archivio Congregazione dei Religiosi e degli Istituti Secolari*, T 9.1 R, manuscrito alógrafo com correções autógrafas; edição em E III, pp. 505-508.

Turim, 3 de agosto de 1879

Eminência reverendíssima,

Recebi cópia das observações que a distinta Congregação dos Bispos e Regulares se dignou fazer à exposição da situação moral e material da Pia Sociedade de São Francisco de Sales.

Antes de tudo, agradeço humildemente vossa eminência, assegurando-lhe que levarei na devida conta as observações feitas para o bem dos sócios salesianos; elas servirão como norma para futuras exposições que cada triênio deverão ser apresentadas à Santa Sé.

Neste momento desejo oferecer os esclarecimentos solicitados segundo a ordem numérica das observações:

*1º Nada se diz na acima citada exposição a respeito do estado econômico do Instituto, nem do noviciado, que deve ser feito segundo a norma estabelecida pelos sagrados cânones e pelas constituições apostólicas.*

Esclarecimento.

[R.] A Pia Sociedade não existe legalmente, por isso não pode possuir, nem contrair dívidas, nem ter créditos. As casas da Congregação (como se diz na mencionada exposição) são propriedade de alguns sócios; existem dívidas, sim, mas um sócio está vendendo um imóvel de valor suficiente para pagá-las; a Congregação, porém, enquanto ente moral e ente legal, não possui e não pode possuir absolutamente nada.

Uma casa de noviciado está aqui em Turim, aprovada e regulada pela mesma Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares; observam-se também todas as normas estabelecidas e aprovadas no capítulo XIX das nossas Constituições a este respeito; com decreto de aprovação da Congregação para a Propagação da Fé foi aberta outra casa de noviciado em Buenos Aires, capital da República Argentina.

*Com autorização da citada Congregação dos Bispos e Regulares ativou-se o de Marselha, onde se está construindo um edifício adaptado e oportuno para todas as observâncias prescritas para tal finalidade.*

Em breve se deverá abrir um novo noviciado na *Espanha*, na diocese de *Sevilha*, do que a seu tempo se fará formal solicitação à Santa Sé para a devida autorização.

Houve também um pedido para iniciar um noviciado em *Paris*, mas algumas dificuldades que surgiram tornam improvável seu início, por isso, fica suspensa por ora qualquer prática relativa.

Um sacerdote de ciência e piedade experimentadas é o diretor dos noviços. Dois outros sacerdotes o ajudam. Todos os dias faz-se regularmente a meditação, a leitura espiritual, a visita ao Santíssimo Sacramento e se recita o terço da Bem-aventurada Virgem. Todas as noites os noviços se recolhem na igreja para receber a bênção do Santíssimo. Todas as semanas se confessam, quase todos os dias recebem a santa comunhão. Cada semana são feitas duas conferências e uma instrução sobre as Constituições. Até agora a observância religiosa foi normal.

*2° A Pia Sociedade não pode ser dividida em inspetorias, o que é coisa insólita, mas em províncias, para a ereção das quais, em cada caso, deve-se obter a faculdade da Santa Sé.*

R. A Pia Sociedade foi dividida em inspetorias de acordo com o artigo 17, capítulo IX das Constituições, que assim diz: *Si opus fuerit, Rector Maior, Capítulo Superiore adprobante, constituet visitatores, eisdemque curam quamdam demandabit certum domorum numerum inspiciendi, ubi earum distantia et numerus id postulaverit. Hujusmodi visitatores, sive cognitores, Rectoris Maioris vices gerent in domibus et in negotiis eisdem demandatis.*

Sua Santidade Pio IX, de sempre venerada memória, nos inícios da organização da humilde Sociedade Salesiana, recomendava que se eliminassem as denominações que poderiam chocar-se com o espírito do século. Por isso, em vez de dizer *convento*, propunha que se dissesse *casa, colégio, internato, orfanato*; em lugar de *Geral*, que se diga *Reitor-Mor*; o nome de *prior* ou *guardião* seja substituído pelo de *diretor*; em vez de *provincial* ou *província* use-se algum vocábulo equivalente.

Será oportuno dizer que a divisão em *inspetorias* ainda não foi ativada, mas somente proposta como experiência, e no caso de se perceber sua possível efetivação, será feito o devido recurso à Santa Sé. Mas a tristeza dos tempos que correm e as contínuas dificuldades que cada dia precisamos vencer não

nos permitem prever outro tipo de divisão tolerável em meio ao mundo, por isso se pede que seja temporariamente admitida.

*3° No ponto que fala da “Inspetoria Piemontesa” se diz que ao sagrado ministério dos salesianos são confiadas algumas casas de acolhida de mulheres. Esse tipo de atribuição não pode ocorrer, a não ser por autorização do respectivo bispo, por isso, era preciso explicitar se este tinha intervindo e em que consiste esse sagrado ministério.*

R. Ao abrir institutos femininos e ao assumir sua direção espiritual, foram seguidas todas as normas descritas no capítulo X das nossas Constituições. Trata-se de institutos totalmente carentes de meios materiais, aos quais os salesianos, a pedido dos ordinários diocesanos, prestam caridosamente o serviço religioso. Este sagrado ministério é sempre definido e limitado pelo ordinário diocesano em tudo o que se refere aos santos sacramentos da confissão, da comunhão, da celebração da santa missa, da palavra de Deus, do catecismo e coisas semelhantes.

*4° Da dita exposição resulta que os salesianos têm colégios, escolas, etc., e nada se diz se isto acontece com a licença dos respectivos ordinários e se no ensino dependem deles conforme os sagrados cânones, especialmente com o Sagrado Concílio de Trento.*

R. No caso de abertura de novas casas foram seguidas todas as regras aprovadas pela Santa Sé, como são descritas no capítulo X das nossas Constituições; por consequência, foram feitas com antecedência as devidas práticas com os ordinários diocesanos conforme são prescritas pelos sagrados cânones e pelo Sagrado Concílio de Trento.

*5° Na mesma exposição se acrescenta uma relação a respeito de um Instituto de mulheres sob a denominação de Maria Auxiliadora, e nada se diz se este Instituto tem um superior-geral de quem as irmãs dependem e se é totalmente independente, como deve ser, do Instituto dos salesianos.*

R. Quando foram aprovadas as Constituições Salesianas tratou-se e se discutiu a respeito do que se referia ao Instituto das Filhas de Maria Santíssima Auxiliadora.

O Instituto de Maria Auxiliadora depende do superior-geral da Pia Sociedade Salesiana nas coisas temporais, mas no que concerne ao exercício do culto religioso e à administração dos sacramentos está totalmente sujeito

à jurisdição dos ordinários diocesanos. O Superior dos salesianos administra os meios materiais para as irmãs e com o consentimento do bispo estabelece um sacerdote com o título de diretor espiritual para cada casa de irmãs. Vários bispos aprovaram este instituto feminino e agora se está fazendo a devida experiência para conhecer na prática as modificações a serem introduzidas antes de apresentá-las à Santa Sé para a aprovação. Como em diversos pontos de suas Regras se fala do limite da dependência das irmãs do Superior dos salesianos, une-se aqui uma cópia das suas Regras para quem desejar maiores esclarecimentos a respeito delas. Nota-se também que a casa-mãe dessas irmãs está em Mornese, diocese de Acqui, cujo ordinário sempre regulamentou a origem, o progresso e a expansão do Instituto.

*6º Acrescenta-se que as ditas irmãs trabalham na cozinha e cuidam da lavanderia e rouparia nos seminários, nos internatos masculinos, o que sempre foi desaprovado pela Santa Sé.*

R. Em tudo, sempre houve prévio entendimento com os ordinários diocesanos; aliás, os pedidos foram feitos por eles mesmos e são observadas todas as regras que os sagrados cânones prescrevem e que a prudência sugere.

*7º Esta Sagrada Congregação não pode deixar de observar, pelo menos como coisa singular e inoportuna, que a citada exposição tenha sido impressa, quando a relação trienal que os Superiores-Gerais dos institutos devem elaborar cada três anos só tem como objetivo dar a conhecer à Santa Sé o estado disciplinar, pessoal, material, econômico de cada instituto, e o andamento do noviciado.*

R. Fiz imprimir esta exposição com a única finalidade de facilitar sua leitura. Sendo esta a primeira vez que eu envio uma relação desse tipo à Santa Sé, segui o conselho do superior de outro instituto que me disse: a Santa Sé prefere uma exposição impressa. Da próxima vez terei o cuidado de enviá-la escrita à mão.

Dados assim os esclarecimentos solicitados, peço a vossa eminência queira olhar para esta pobre Sociedade com benévola consideração. Os tempos, as autoridades e as leis civis, os esforços que se fazem para eliminar os institutos eclesiásticos me levam a implorar de vossa eminência todo o apoio e toda a indulgência compatíveis com as prescrições da Santa Igreja.

Estes esclarecimentos deviam ser enviados a vossa eminência no mês de maio passado, mas por graves problemas a que esteve sujeita esta casa tive que atrasar-me até o presente momento.

Com a máxima veneração, considero ser sempre uma grande satisfação poder subscrever-me

De vossa eminência reverendíssima humílimo e obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

## 26. Outros esclarecimentos a respeito das “Observações” recebidas

ASC A 1710419 *Lett. orig. Ferrieri*, manuscrito alógrafo com correções autógrafas; edição em E III, pp. 540-544. Entre colchetes são acrescentados trechos da carta ao cardeal Ferrari, que faltam no original.

Turim, 12 de janeiro de 1880

Eminência reverendíssima,

Lamento que, apesar da minha boa vontade, não tenha conseguido dar os esclarecimentos esperados a respeito da exposição trienal feita à Santa Sé sobre a nossa humilde Congregação. A fim de que este e outros problemas possam ser explicados em sentido compatível com esta Congregação e ao mesmo tempo no sentido querido pelos sagrados cânones, envio o sacerdote Francisco Dalmazzo, na qualidade de nosso procurador, com o encargo de colocar-se às ordens de vossa eminência ou de quem julgar oportuno indicar.

Enquanto isso, aqui eu exponho alguns pensamentos meus em obsequiosa resposta à carta que vossa eminência se dignou enviar-me no dia 3 de outubro de 1879. O mencionado sacerdote Dalmazzo pode dar maiores explicações a respeito de tudo o que for necessário.

[Com o esclarecimento dado sobre a observação n. 1, o senhor diz que a Pia Sociedade não existe legalmente, por isso não pode possuir nem contrair dívidas. Depois continua dizendo que as casas da Congregação são propriedade de alguns sócios; que existem dívidas, mas um sócio tem à venda um imóvel para pagá-las. Conclui afirmando que a Congregação, enquanto entidade moral e entidade legal, não possui, nem pode possuir. Esta Sagrada Congregação imagina que todas as ditas expressões de não existência legal, vossa reverendíssima queira entendê-las em relação à lei civil, hostil aos pios institutos, pois quanto às leis da Igreja, perante as quais não têm nenhum valor as leis civis, todos os pios institutos, como

o dos salesianos, têm sua existência legal segundo os sagrados cânones. É por isso que estão sujeitos à Santa Sé quanto aos bens que possuem, seja qual for o nome sob o qual foram adquiridos e que se possuam.

Todos os pios institutos, na sua relação trienal, sem atender às leis civis de qualquer governo, fazem a sua exposição a respeito da situação econômica, expondo resumidamente quais bens possuem sob qualquer nome, quais rendas recebem, seja qual for sua proveniência e como são empregadas; e se devem vender bens, mesmo que estejam em nome de terceiras pessoas, fazer dívidas, esta Sagrada Congregação sempre inculcou a necessidade do beneplácito apostólico, e se mostraram obedientes; somente vossa senhoria alegou a lei civil para eximir-se dessas obrigações.

Refleta que as Constituições foram aprovadas pela Santa Sé com as devidas obrigações que resultam do art. 2º do cap. VI e do art. 3 do cap. VII, embora tenham sido emanadas leis civis na época da citada aprovação].

### *1º Quanto à propriedade*

Esta nossa Pia Sociedade, nem perante a sociedade civil, nem perante a Igreja, é entidade moral com capacidade para possuir. No capítulo IV, n. 1 das nossas Constituições se lê: “*Ideoque qui sunt professi in hac Societate dominium radicale, ut aiunt, suorum bonorum retinere poterunt*”. No mesmo capítulo n. 2 se diz assim: “*Poterunt vero sodales de dominio sive per testamentum, sive (permissu tamen Rectoris Maioris), per acta inter vivos libere disponere*”.

Como pela tristeza dos tempos atuais este ponto era para nós fundamental, na aprovação das nossas Constituições eu perguntava como deveriam ser entendidas as palavras do capítulo VII, artigo 3, que diz: “*In bonorum alienationibus Societatis, et aere alieno conflando, serventur quae sunt de iure servanda iuxta Sacros Canones, et Constitutiones Apostolicas?*”.

Por meio do arcebispo, depois cardeal Vitelleschi, então secretário da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, os eminentíssimos purpurados mandaram dizer: a resposta se encontra no próprio artigo, isto é, *in alienationibus bonorum Societatis*: e se deverá entender que, quando os tempos ou os lugares permitirem possuir alguma coisa em comum ou em nome da Pia Sociedade, se deverá observar este artigo, como o observam todas as congregações religiosas e eclesiásticas. Isto parece ser conforme o n. 2 do citado capítulo VII, onde se diz do Reitor-Mor: “*Nulla, quod ad res immobiles attinet, emendi vel vendendi ei erit facultas, absque Superioris Capituli consensu*”.

Este é o sentido que sempre dei às nossas Constituições, desde o princípio da existência desta Pia Sociedade. Assim sempre o entendeu também o sumo pontífice Pio IX, de sempre gloriosa memória, como também os



eminentíssimos cardeais escolhidos para o exame e a aprovação das nossas Constituições.

Ora, considerar sujeitos às prescrições dos sagrados cânones os estabelecimentos possuídos pessoalmente pelos sócios como bens eclesiásticos criaria confusão no andamento das nossas coisas, dado que todos os salesianos fizeram a sua profissão religiosa apoiados no primeiro artigo do capítulo IV *De voto paupertatis*, que começa assim: “*Votum paupertatis, de quo hic loquitur, respicit tantummodo cuiuscumque rei administrationem, non vero possessionem*”.

[No mesmo esclarecimento da observação n. 1, vossa senhoria afirma que, com autorização da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, deu início ao noviciado de Marselha. À citada Sagrada Congregação não consta ter dado esta autorização, por isso, convido-o a apresentar o relativo rescrito pelo qual resulte a faculdade de abrir o noviciado em Marselha].

### 2º Noviciado de Marselha

Quanto à autorização do noviciado em Marselha, do qual se pretende exigir a apresentação do rescrito, houve um equívoco da minha parte. Considerando que esta Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, em data de 5 de fevereiro de 1879, tendo solicitado o parecer do bispo daquela cidade e que este, em data de 23 de fevereiro de 1879, respondeu favoravelmente à Sagrada Congregação, pensava-se que a tramitação estava terminada, ao passo que ainda está em curso. Por isso, une-se aqui a relativa documentação, e renovo o pedido para que a concessão seja concedida.

[Na resposta que vossa senhoria dá à observação n. 2 diz que a Pia Sociedade está dividida em inspetorias, conforme o art. 17, cap. IX das Constituições. Ora, no citado art. 17 fala-se de visitantes a serem constituídos pelo Reitor-Mor *si opus fuerit, Capítulo Superiore approbante* e não de inspetores. Todos os outros institutos, em qualquer parte do mundo onde estiverem, estão divididos em províncias, prévia aprovação da Santa Sé, a qual nunca admitiu que a divisão seja feita sob outro nome. O senhor deve ater-se a esta regra geral].

3º Na divisão por inspetorias, em vez de províncias, julguei que esta fosse a aplicação do artigo 17, capítulo IX das nossas Constituições: “*Si opus fuerit, Rector Maior, Capítulo Superiore adprobante, constituet visitatores, eisdemque curam quamdam demandabit certum domorum numerum inspiciendi*”.

O nome de província ou de provincial nestes tempos calamitosos nos atiraria em meio aos lobos por quem seríamos devorados ou dispersos. Esta

nomenclatura foi proposta pelo próprio Pio IX, de sempre querida e grata memória. Caso se pretenda que sejam adotados os nomes antigos, peço que tal obrigação fique pelo menos limitada no trato com a Santa Sé, com a liberdade de usar no mundo os modos e as palavras que são possíveis nos tempos atuais.

[No esclarecimento que vossa senhoria faz a respeito da observação n. 3, diz assim: ao abrir institutos femininos e ao assumir a sua direção espiritual, foram seguidas todas as normas descritas no cap. X das Constituições. Nesse capítulo se fala de abertura das casas para clérigos, para jovens a serem educados pelos salesianos; não se fala absolutamente da abertura de casas de mulheres a serem dirigidas por eles. Nem se pode dizer que foi intenção da Santa Sé permitir a abertura de tais casas aos salesianos ao aprovar as Constituições, porque isto é contrário a seu pensamento fundado sobre motivos bem racionais. Os salesianos poderão ter a direção espiritual nas casas de mulheres caso seja confiada a eles pelos respectivos ordinários, e esta direção espiritual deve consistir na administração dos sacramentos e na pregação da palavra de Deus, se e como lhe for confiado pelos ditos ordinários].

4º Nos assuntos relativos às Irmãs de Maria Auxiliadora os salesianos não têm outra ingerência nas suas casas a não ser a espiritual, nos limites e no modo que permitem e prescrevem os ordinários em cuja diocese houver alguma casa das mesmas.

[À observação n. 4 vossa senhoria responde: quando foram aprovadas as Constituições Salesianas tratou-se e se discutiu a respeito do que se refere ao Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. O Instituto de Maria Auxiliadora depende do superior-geral da Pia Sociedade Salesiana.

Examinada a volumosa posição dos salesianos, especialmente a parte que se refere à aprovação das Constituições, observou-se que nunca se tratou e muito menos se discutiu o que se refere às Filhas de Maria Auxiliadora. Se isto fosse verdade, certamente esta Sagrada Congregação teria ordenado a divisão dos dois Institutos. Ela nunca costumou aceitar, especialmente nos tempos mais recentes, que os institutos de mulheres dependam de institutos de homens; e se alguma vez ocorreu algum caso desse tipo de dependência, sempre ordenou sua cessação imediata. O senhor pretende introduzir uma norma contrária que esta Congregação não pode deixar de reprovar].

5º No que tange ao Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, se foi ou não proposto na aprovação das Constituições, posso responder que no sumário impresso aos cuidados dessa Sagrada Congregação, no exame para a aprovação definitiva das nossas Constituições, ao enumerar as casas já abertas naquele tempo, à p. 10, n. 16, se lê quanto segue: como apêndice e em dependência da Congregação Salesiana há a *casa de Maria Auxiliadora*, fundada com

aprovação da autoridade eclesiástica em Mornese, diocese de Acqui. O escopo é o de fazer pelas meninas pobres o que os salesianos fazem pelos meninos. As religiosas já são quarenta e cuidam de duzentas meninas.

Os eminentísimos cardeais acima citados fizeram algumas perguntas quanto à natureza e ao escopo dessa instituição e, mostrando-se satisfeitos com as minhas declarações verbais, concluíram que o assunto seria tratado em seguida mais cuidadosamente quando fossem apresentadas as suas Constituições para a oportuna aprovação da Santa Sé.

[Quando esta Sagrada Congregação, na observação n. 5 sobre a relação trienal de vossa senhoria, escreveu sobre o regime do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, perguntou-se se ele tinha superiora-geral e não superior-geral, como vossa senhoria erroneamente escreve, referindo a observação acima indicada].

6º Nos esclarecimentos solicitados no dia 5 de abril de 1879 se pedia: “*Se este Instituto das Irmãs de Maria Santíssima Auxiliadora tem um superior-geral do qual dependem as irmãs e se tal Instituto é totalmente independente como deve ser do Instituto dos salesianos*”.

Foi respondido afirmativamente, acrescentando qual era a autoridade das religiosas de acordo com as Constituições. Agora vossa eminência pergunta se as ditas irmãs têm uma superiora-geral. Respondo afirmativamente: elas têm *superiora-geral*, bem como têm o próprio Capítulo Superior, conforme o título II das suas Constituições.

Exposto o dito acima, peço a vossa eminência queira considerar com paterna bondade que a Pia Sociedade Salesiana, sem meios materiais, em tempos calamitosos, começou e até agora se mantém em meio a crescentes dificuldades e hostilizada de mil maneiras. Por isso, ela precisa de toda a sua benevolência e de toda a indulgência que for compatível com a autoridade da Santa Madre Igreja.

São cerca de cem as casas abertas, nas quais se proporciona educação cristã a aproximadamente cinquenta mil jovens, dos quais mais de seiscentos entram anualmente como clérigos para a carreira eclesiástica. Por outro lado, creio poder dar garantias a vossa eminência de que os salesianos não têm outro escopo a não ser o de trabalhar para a maior glória de Deus, para que a Santa Igreja difunda o Evangelho de Jesus Cristo entre os índios dos Pampas e da Patagônia, razão pela qual todos nós pedimos benevolência, conselho, ajuda material e moral.

Prostrado perante vossa eminência, solicito perdão se involuntariamente escrevi alguma palavra não conveniente, enquanto tenho a alta honra de poder professar-me

De vossa eminência reverendíssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

## **27. Relatório para o presidente do Conselho e ministro do Exterior, Benedito Cairoli, a respeito da ação salesiana em favor dos imigrados italianos na Argentina e no Uruguai**

ASC A072 *Documenti per scrivere la storia di don Giovanni Bosco...*, vol. XXIII, pp. 81-82; edição em E IV, pp. 4-6.

Turim, 16 de janeiro de 1881

Excelência,

Há seis anos que eu me apresentei ao senhor ministro do Exterior em Roma expondo a necessidade de uma missão italiana na América do Sul. Examinada e conhecida a importância do projeto, o senhor ministro o aprovou, encorajou com palavras elogiosas e me ajudou com um subsídio para as viagens. Assim, no dia 14 de novembro de 1875, enviei dez sócios do nosso Instituto que chegaram à República Argentina no dia 14 do mês seguinte. Em seguida houve mais quatro expedições.

Queira agora aceitar uma breve relação do que foi possível fazer nesse lapso de tempo.

### *No Uruguai*

Na cidade de Montevideú, capital daquela República, fundou-se uma escola frequentada por mais de 300 jovens pobres, que em parte são filhos de italianos.

Em Villa Colón, pouco distante da capital, há um colégio onde se ensina e se fala a língua italiana. A mesma instrução é ministrada aos europeus que moram nas cidades orientais do rio da Prata.

### *República Argentina*

No lugar dito La Boca, bairro fortemente povoado da cidade, vivem mais de 20.000 italianos. Aqui foi constituída uma paróquia, fundaram-se escolas para meninos e meninas, com internato para aproximadamente 200 meninos pobres.

No centro da cidade existe a igreja da Misericórdia. Na mesma cidade há o internato de São Carlos de Almagro onde são acolhidos mais de 200 meninos pobres. Os sócios salesianos cuidam deles e ali celebram o culto religioso em favor de uma multidão de adultos e meninos que frequentam, por assim dizer, a sua igreja nacional, onde constantemente se prega em italiano e se fala a língua italiana.

Na cidade de San Nicolás de los Arroyos também há um colégio para internos e externos, onde se estuda e se fala a língua italiana.

Cuida-se também de muitas colônias italianas, entre as quais a primeira é dita *Villa Libertad*, em Entre Rios, e que conta com 200 famílias italianas que foram fixadas nos assim ditos campos ou sítios muito distantes da cidade e do comércio. Lá os cuidados se referem exclusivamente à cultura daquelas terras fertilíssimas.

### *Na Patagônia*

Na Patagônia, às margens do Rio Negro, em pouco tempo foi possível fundar seis colônias de índios, junto aos quais acorreram muitos europeus, particularmente italianos. Naquelas colônias, os salesianos fundaram escolas, casas de educação e internatos para meninos, adultos e para todos os que têm necessidade de aprender artes e ofícios e a maneira de cultivar a terra.

A ideia é de estender as missões italianas até o estreito de Magalhães e daí chegar até ao cabo Horn. Mas a respeito desse argumento preciso conversar pessoalmente com vossa excelência, o que espero fazer, se me atender, no próximo mês de março.

### *Situação atual das coisas*

As últimas estatísticas enumeram mais de 30.000 italianos na República Argentina, dos quais 20.000 moram na capital, sem falar dos bairros periféricos. Foram realizadas já cinco expedições de salesianos, que atualmente estão divididos em 34 localidades, onde dão instrução e educação em geral aos mais pobres e abandonados, com cuidados particulares para com os italianos.

### *Providências*

Atualmente se trata de fazer uma nova expedição em ajuda daqueles que já trabalham naquelas Repúblicas que sentem a mesma necessidade de que alguém tome conta da juventude e dos próprios adultos. Essa expedição está fixada para o fim do presente mês, no navio Humberto I, da Sociedade Rocco e Piaggio.

Os outros partirão no dia 3 do próximo mês de fevereiro, nos navios da Sociedade Lavarello.

Encontrando-me em dificuldades para fazer frente às provisões necessárias e pagar as despesas da viagem, recorro a vossa excelência a fim de que me ajude nessa empresa, que certamente será de grande honra para a nação italiana e de todos os que a promovem. Creio que lhe agrade saber como os sócios salesianos muitas vezes prestaram serviços aos encarregados do governo italiano residentes em Montevideu e Buenos Aires, como consta da exposição que aqueles funcionários fizeram ao governo italiano.

Aí está a obra que pretendo colocar sob a proteção de vossa excelência: obra que tem como escopo difundir a ciência, a moralidade, a civilização, o comércio e a agricultura naqueles países tão distantes, para os quais afluem seguidamente famílias italianas.

Cheio de confiança em sua conhecida bondade, tenho a grande honra de professar-me

De vossa excelência humilde expositor

Sac. João Bosco

## 28. Circular para a igreja do Sagrado Coração de Roma

ASC A1760419, cópia de circular impressa<sup>74</sup>

Turim, 29 de janeiro de 1881

Todas as obras que concorrem para o decoro da nossa santa religião certamente devem interessar a todos os cristãos do mundo inteiro, de modo especial quando são destinadas ao bem e a ornamento da santa cidade de Roma, centro do cristianismo, e promovidas pelo próprio supremo hierarca da Igreja. Desse tipo são as obras descritas mais abaixo, a serem realizadas na capital do mundo católico, consideradas de suma utilidade à religião e à sociedade civil e, por isso, propostas pela mente iluminada do zeloso pontífice Leão XIII, gloriosamente reinante. São as seguintes:

1° Uma igreja no Castro Pretório, no monte Esquilino, consagrada ao Sagrado Coração de Jesus, que servirá também de paróquia a uma população de doze mil almas e de monumento para o imortal Pio IX. O ente jurídico paroquial já está constituído e reconhecido pela autoridade eclesiástica e civil;

2° Um espaço para o recreio, onde se podem acolher os jovens, especialmente nos dias festivos, entretê-los com divertimentos agradáveis depois de terem cumprido os seus deveres religiosos;

3° Aulas noturnas para os operários mais adultos. Esta classe de jovens, ocupada durante o dia em trabalhos cansativos, muitas vezes não dispõe de meios para obter uma instrução conveniente de que teria grande necessidade;

4° Aulas diurnas para os meninos que por causa da sua pobreza e do seu abandono não podem frequentar as escolas públicas;

5° Um internato em que serão instruídos na ciência, nas artes e nos ofícios os jovens que andam pelas ruas e pelas praças, seja qual for a localidade, a cidade ou o país. Por isso, muitos deles vão a Roma com a esperança de encontrar trabalho e dinheiro, mas, desiludidos em suas esperanças, caem na miséria, expostos ao perigo de praticar o mal e como consequência de serem levados a povoar as prisões do Estado. Esse internato deverá ser capaz de acolher cerca de quinhentos órfãos pobres, conforme o modelo do Oratório de São Francisco de Sales já existente em Turim.

<sup>74</sup> No ASC se conservam outras duas cópias impressas, datadas de 16 de julho de 1881 e 10 de fevereiro de 1882, com variantes mínimas, relativas ao progresso dos trabalhos da igreja: cf. E IV, pp. 18-20.

*Situação*

Desde 1878, por iniciativa do pontífice reinante, foi criada uma comissão de personalidades importantes, sob a presidência do seu eminentíssimo vigário-geral, com a finalidade de construir o mencionado edifício sagrado. Comprada a área, logo começaram os trabalhos de acordo com uma planta do senhor engenheiro Vespignani<sup>75</sup>, que progrediam rapidamente. Mas, vindo a faltar os meios para continuar a construção e, por outro lado, querendo providenciar mais eficazmente às necessidades da juventude em situação de risco, o santo padre julgou por bem confiar ao abaixo assinado a construção, o acompanhamento e a administração da obra (1). Ao mesmo tempo e com tanta falta de meios, Sua Santidade o autorizou a recorrer à caridade de todos os fiéis cristãos.

*Modo de colaborar*

1º Pode-se colaborar com meios pecuniários ou com material de construção;

2º Cada um pode ajudar com a oração e aconselhando pessoas de posses a se tornarem benfeitores;

3º A todos o colaboradores pede-se que, em Roma, encaminhem as ofertas a sua eminência reverendíssima o senhor cardeal Rafael Monaco La Valetta, vigário-geral de Sua Santidade, ou ao sacerdote doutor Francisco Dalmazzo<sup>76</sup> – Tor de' Specchi N. 36, Roma; ou então ao sacerdote João Bosco em Turim;

4º Sob o nome de coletores, algumas pessoas serão enviadas e autorizadas a recolher ofertas. Mas os coletores não deverão recolher doações, sejam quais forem, sem terem em mãos uma autorização escrita na qual conste a finalidade da solicitação, nome, sobrenome, qualidade do coletor, assinatura do sacerdote João Bosco, com o carimbo em que constam as palavras: *Pia Societas Sancti Francisci Salesii*;

<sup>75</sup> Francisco Vespignani (1842-1899) cuidou da construção de diversos edifícios, prevalentemente em Roma, entre os quais a basílica do Sagrado Coração de Jesus, da qual, por indicação de Dom Bosco, modificou o projeto original, aumentando seu tamanho.

<sup>76</sup> Francisco Dalmazzo (1845-1895), encarregado de acompanhar os trabalhos da igreja do Sagrado Coração, residia com as Oblatas de Tor de' Specchi.



5° Sem esta formalidade, os excelentíssimos e reverendíssimos arcebispos das várias dioceses e os muito reverendos senhores párocos, curas e reitores de igreja são instantemente solicitados a se tornarem eles mesmos coletores entre os fiéis cristãos que moram no território da respectiva jurisdição, a enviar a alguém dos acima citados três nomes o dinheiro que puderem recolher, e a favorecer assim os ditos coletores autorizados pelo correspondente certificado.

#### *Vantagens para os doadores e coletores*

1° Uma especial bênção do santo padre, que aprova e recomenda o pio empreendimento a todos os que amam o incremento da nossa santa religião, o bom costume, o bem da juventude e de toda a sociedade civil;

2° Estando pronto o edifício sacro e consagrado ao culto divino, na sexta-feira de cada semana, será celebrada uma missa no altar-mor, com a recitação da coroinha do Sagrado Coração de Jesus e de outras orações especiais pelos benfeitores;

3° O mesmo pio exercício terá lugar na festa do Sagrado Coração de Jesus e de Maria, do Santo Natal, do Santíssimo Sacramento e em cada festa dos santos apóstolos;

4° A fim de prestar especial obséquio à augusta Mãe de Deus e invocar sua poderosa proteção sobre todos os nossos benfeitores, à noite de cada dia se rezará a terça parte do santo rosário, se cantarão as Ladainhas de Nossa Senhora ou o *Ave Maris Stella*, ao qual seguirá a bênção com o Santíssimo Sacramento. A celebração terminará com o *De Profundis*, *Oremus* correspondente, *Pai-nosso*, *Ave-Maria* e *Requiem* em sufrágio dos benfeitores falecidos.

5° Estas celebrações de missas, orações e exercícios de piedade cristã se realizarão de forma perene.

Sac. João Bosco

(1) Após esta benévola disposição do santo padre, foi preciso adquirir outro terreno para ampliar a igreja e para levantar o projetado internato, as escolas e as oficinas.

## 29. Palavras dirigidas aos ex-alunos

Edição Impressa em Boletim Salesiano 7 (1883) 8, pp. 127-129.

[*Palavras dirigidas aos ex-alunos leigos, 15 de julho de 1883*<sup>77</sup>]

[...] Por fim, Dom Bosco, visivelmente comovido, tomou a palavra. Manifestou a grande satisfação que sentia naquele momento ao rever tantos dos seus amadíssimos filhos; garantiu-lhes que ele sempre os amava e que com eles amava também os que não estavam ali presentes com o corpo, mas que ali se encontravam pelo afeto; agradeceu-lhes a filial demonstração, que sempre em maior número lhe dedicavam; louvou o pio pensamento de oferecer-lhe um presente que fazia tão bela figura na igreja de Maria Auxiliadora; particularmente teve palavras carregadas de grande afeto para com o pároco de Faule.

– É verdade, disse Dom Bosco, que o orador e poeta, ao falar de Dom Bosco, saiu-se com pios exageros e usou a figura de retórica chamada hipérbole; mas esta é uma licença que se perdoa aos filhos que, ao exprimir os sentimentos da alma, seguem mais os ditames do coração do que os da mente. Lembrai-vos sempre, porém, de que Dom Bosco não foi e não é outra coisa senão um pobre instrumento nas mãos de um artista habilíssimo e onipotente que é Deus; a Deus, portanto, se atribua todo louvor, honra e glória.

– Quanto ao mais, acrescentou Dom Bosco, disse bem o nosso padre Colletti, que o Oratório até agora realizou grandes coisas; e eu acrescento que, com a ajuda de Deus e com a proteção de Maria Auxiliadora, realizará outras maiores ainda. Além da ajuda do céu, o que facilitou e facilitará praticarmos o bem é a própria natureza da nossa obra. O escopo que nós buscamos a torna bem-vista por todos os homens, inclusive pelos que em questão de religião não pensam como nós. Se há alguém que nos hostiliza é preciso dizer que não nos conhece ou então que não sabe o que aqui se faz. A instrução civil, a educação moral da juventude abandonada ou em situação de risco, para subtraí-la ao ócio, à má vida, à desonra, talvez também à prisão, eis a que visa a nossa obra. Ora, qual pessoa ajuizada, qual autoridade civil poderia impedi-la?

<sup>77</sup> Por ocasião de um seu encontro em Valdocco para homenagear Dom Bosco.

Ultimamente, como sabeis, estive em Paris e preguei em diversas igrejas para perorar a causa das nossas obras e, digamos francamente, para conseguir dinheiro a fim de providenciar pão e sopa para os nossos jovens que nunca perdem o apetite. Ora, entre os ouvintes havia os que compareciam somente para conhecer as ideias políticas de Dom Bosco; pois alguns supunham que eu tinha ido a Paris para proclamar uma revolução; outros, para buscar sócios de um partido e assim por diante; de modo que havia pessoas bondosas que realmente temiam me acontecesse alguma brincadeira de mau gosto. Mas, desde as primeiras palavras, acabaram-se todas as ilusões, caíram todos os temores e Dom Bosco foi deixado livre para correr de uma ponta a outra da França. De fato, com a nossa obra não fazemos política; nós respeitamos as autoridades constituídas, observamos as leis que é preciso observar, pagamos os impostos e tocamos para frente, somente pedindo que nos deixem fazer o bem à juventude pobre e salvar almas. Se se quiser, nós também fazemos política, mas de modo totalmente inocente, antes, vantajoso para cada governo.

A política se define como a ciência e a arte de bem governar o Estado. Ora, a Obra dos Oratórios na Itália, na França, na Espanha, na América, em todos os países onde já se estabeleceu, dedicando-se especialmente a fazer o bem à juventude mais necessitada, tende a diminuir o número dos maus e vagabundos, dos pequenos malfeitores e pequenos ladrões, a esvaziar as prisões, numa palavra, tende a formar bons cidadãos que, longe de dar problemas às autoridades públicas, são de apoio para elas, a fim de manter na sociedade a ordem, a tranquilidade, a paz. Esta é a nossa política; desta somente nos ocupamos até agora, desta nos ocuparemos no futuro.

É precisamente este método que permitiu a Dom Bosco fazer o bem, antes a vós, depois a tantos outros jovens de qualquer idade e lugar. Além disso, para que entrar em política: com todos os nossos esforços, o que poderíamos conseguir? Nada mais do que talvez tornar impossível continuar a nossa obra de caridade. Os assuntos políticos de hoje podem ser vistos como um trem que corre veloz sobre os trilhos, puxando atrás de si um comboio que pode terminar até mesmo no precipício e na ruína.

Quereis colocar-vos no meio dos trilhos para pará-la? Seríeis esmagados. Quereis gritar para assustá-la? Mas ela não ouve e vós prejudicardes inutilmente a vossa garganta. Perfilar-se de cá e de lá, deixá-la passar, até que pare por si mesma ou Deus a pare com a sua mão poderosa. Certamente no mundo deve haver também os que se interessam pelos assuntos políticos, para dar conselhos, para apontar perigos e coisas semelhantes; mas essa tarefa não é

para nós, pobrezinhos. A nós, a religião e a prudência nos dizem: vivei como bons cristãos, ocupai-vos com a educação moral dos vossos filhos, instruí bem no catecismo as crianças dos vossos colégios e das vossas paróquia, eis tudo.

Este, repito, é o comportamento de Dom Bosco, que é tão pouco político que nem mesmo lê um jornal; este seja também o vosso comportamento, queridos filhos, e tirareis daí um grande bem, que é o que vos desejo, quero dizer, a concórdia e a paz nas vossas famílias, a prosperidade nos vossos negócios temporais, uma vida longa, livre de graves afãs e tribulações, e especialmente o bem de todos os bens, que é a perseverança na graça de Deus e a felicidade do paraíso, onde eu espero que, pelos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo e pela intercessão de Maria Santíssima, todos nos encontremos um dia a cantar as suas glórias eternas. [...].

*[Palavras dirigidas aos ex-alunos sacerdotes, dia 19 de julho de 1883]*

[...] Depois de todos veio Dom Bosco a falar e, vencendo com dificuldade a comoção que no princípio quase lhe sufocava a palavra, manifestou a grande consolação que provava em rever tantos queridos filhos e zelosos sacerdotes, agradeceu-lhes a afeição que continuavam a ter para com ele, prometeu de sua parte que haveria de corresponder-lhes até a morte, rezando por eles e ajudando-os em tudo o que lhe fosse possível.

Expondo em seguida como o Senhor e a Bem-aventurada Virgem abençoam o Oratório e as suas obras, fez algumas observações que nos agrada particularmente registrar aqui.

– Desde algum tempo, disse ele, vai-se dizendo e também publicando nos jornais que Dom Bosco faz milagres. Este é um erro. Dom Bosco nunca pretendeu fazer milagres e nunca disse que os faz e nenhum dos seus filhos deve ajudar a propagar esta falsa ideia. Digamos claramente como as coisas estão: Dom Bosco reza e faz os seus jovens rezarem pelas pessoas que se recomendam a ele a fim de obter esta ou aquela graça, e Deus, na sua infinita bondade, em geral concede as graças pedidas, às vezes mesmo extraordinárias e milagrosas. De verdade, Dom Bosco entra tão pouco que muitas vezes se obtêm as graças sem que ele saiba nada a respeito delas.

– Aqui ele repetiu o que já tinha dito em outras ocasiões e acrescentou: Nossa Senhora Auxiliadora: eis a taumaturga, eis a operadora de graças e mila-

gres, pelo grande poder que ela recebeu de seu divino Filho Jesus. Ela sabe que Dom Bosco precisa de dinheiro para dar de comer a tantos milhares de jovens pobres que lhe pesam nas costas; sabe que ele é pobre e que sem subsídios materiais não se pode levar adiante as obras iniciadas para o bem da religião e da sociedade; sendo assim, o que faz Maria? Como boa mãe, ela procura, vai à procura dos doentes e diz a cada um: queres sarar? Então, faze a caridade àqueles jovens pobres, ajuda aquelas obras, e eu farei a ti a caridade da cura. Ela vê naquela casa reinar a desolação por causa de um filho transviado, e diz ao pai ou à mãe: queres que este coitado se afaste do mau caminho? Então esforça-te por afastar do perigo da alma e do corpo tantos jovens pobres abandonados, e eu farei com que o teu filho tome juízo. Em suma, para não me prolongar demais, Maria Auxiliadora, de mil maneiras, conforta aqueles que ajudam o Oratório, e a nós só nos cabe não sermos indignos da sua proteção.

E se Maria ajuda os filhos do Oratório, ela ajuda também a vós, que o fostes um dia e ainda vos alegrais por terdes sido. Vivei sempre como bons sacerdotes, como vos ensinou e vos inculcou este vosso velho amigo; cuidai da salvação das almas que correm o perigo de se perderem miseravelmente; cuidai especialmente da juventude da vossa terra, na qual está a esperança da sociedade; ficai unidos ao chefe da Igreja, o vigário de Jesus Cristo; queiramos sempre bem, rezemos uns pelos outros, e particularmente vós, rezai por este vosso pobre Dom Bosco, que cada dia se aproxima sempre mais da morte, a fim de que, pela misericórdia de Deus, todos nos possamos salvar, e conosco salvar muitos outros.